



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**FRANCISCA NATÁLIA DA SILVA RAMOS**

**O MOVIMENTO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE E SUAS CONEXÕES  
HISTÓRICAS E FORMATIVAS COM A EDUCAÇÃO POPULAR: um estudo a partir  
da experiência do Levante em João Pessoa**

**JOÃO PESSOA-PB**

**2020**

FRANCISCA NATÁLIA DA SILVA RAMOS

**O MOVIMENTO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE E SUAS CONEXÕES  
HISTÓRICAS E FORMATIVAS COM A EDUCAÇÃO POPULAR: um estudo a partir  
da experiência do Levante em João Pessoa**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestra, na linha de pesquisa em Educação Popular, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aline Maria Batista Machado.

JOÃO PESSOA-PB

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

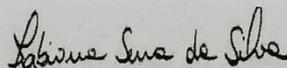
**PPGE**

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que, os professores doutores abaixo relacionados participaram da Banca Examinadora da Defesa de Dissertação da mestranda **FRANCISCA NATÁLIA DA SILVA RAMOS**, intitulada **"O MOVIMENTO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE E SUAS CONEXÕES HISTÓRICAS E FORMATIVAS COM A EDUCAÇÃO POPULAR: UM ESTUDO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO LEVANTE EM JOÃO PESSOA - PB"**, defendida no dia 16 de dezembro de 2020, no Programa de Pós-Graduação em Educação.

. Aline Maria Batista Machado (Orientadora/PPGE/CE/UFPB);  
Pedro José Santos Carneiro Cruz (PPGE/CE/UFPB);  
Adriana Freire Pereira Ferriz (UFBA).

João Pessoa, 16 de dezembro de 2020



PROFA. DRA. FABIANA SENA DA SILVA  
COORDENADORA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO/UFPB  
MATRICULA 2583808

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

R175m Ramos, Francisca Natalia da Silva.

O movimento Levante Popular da Juventude e suas conexões históricas e formativas com a educação popular : um estudo a partir da experiência do Levante em João Pessoa / Francisca Natalia da Silva Ramos. - João Pessoa, 2020.

140 f.

Orientação: Aline Maria Batista Machado.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Educação popular. 2. Movimento Social Popular. 3. Levante Popular da Juventude. I. Machado, Aline Maria Batista. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37.018.8(043)

Dedico este trabalho as companheiras e companheiros com quem compartilho a luta, ao meu companheiro de vida, Antônio Neto, por todo amor e parceria e ao meu filho, Theodoro, pela fonte inesgotável de força que me possibilita. Pátria livre, venceremos!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu filho Theodoro, que me acompanha desde a barriga nessa jornada e que tem me possibilitado forças todos os dias;

Aos professores que passaram por minha vida, desde o ensino básico a pós-graduação, de quem sinto orgulho e admiração;

À minha orientadora, Aline Maria Batista Machado, pela grande contribuição teórica, apoio e paciência em tempos de pandemia e por ser uma inspiração para todas nós do GEPEDUPSS;

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação – UFPB, que contribuíram com meu aprofundamento teórico;

Aos professores presentes na minha banca examinadora pelas contribuições e enriquecimento do trabalho;

A minha turma do mestrado, com quem compartilhei angústias e aprendizados, em especial a Aline e Beatriz, com quem também compartilho as delícias e angústias da maternidade;

Ao meu companheiro de vida, Antônio Neto, pelo companheirismo, amor, dedicação e parceria;

Aos meus pais Francisco Gidalço e Francisca Maria por todo apoio e amor;

Aos meus irmãos Natanael Ramos, David Ramos e Ana Vitória Ramos, com quem aprendi desde cedo o amor fraterno;

A Juliana Pedro, pelo apoio e amizade;

À minha amiga Mônica Aline pela amizade, apoio e por sempre ser um ombro amigo;

Aos meus amigos Vanessa, Túlio, Aline, Rafaela, Clara, Deyse e Gabriela com quem compartilho a vida profissional e as alegrias presentes em boas amizades;

E, acima de tudo, meus agradecimentos aos militantes, lutadoras e lutadores do povo, que dedicam sua vida a denúncia das opressões e lutam por uma sociedade mais justa.

*É claro que eu sou suspeito para falar do Levante Popular da Juventude.*

*E, o que é pior, não me envergonho de dizê-lo. Antes, me orgulho.*

*Orgulho-me de dizer que nesta terra existem homens e mulheres que, como o povo de Canudos e os Cabanos; como Felipe Camarão e Vidal de Negreiros; como a Coluna Prestes e os Expedicionários da FEB, resgatam a bandeira da liberdade.*

*E, com isso, eu sou suspeito para falar do Levante Popular da Juventude.*

*Eu sou suspeito para falar do Levante Popular da Juventude, porque a Memória, a Verdade e a Justiça são ainda somente uma aspiração, uma aspiração que em seus cantos, suas marchas, seus escrachos encontram o veio da concretização.*

*Por isso, companheiros e companheiras, eu sou suspeito para falar do Levante Popular da Juventude.*

*Eu sou suspeito para falar do Levante Popular da Juventude porque na periferia de nossas cidades, nossa juventude pobre e negra está sendo assassinada pelas forças policiais e os tambores e as latas, as camisetas e as batas do Levante Popular da Juventude gritam alto que estamos em jornada de organização de nosso povo para resistir.*

*Como não ser suspeito para falar do Levante Popular da Juventude?*

*Eu sou suspeito para falar do Levante Popular da Juventude, porque houve um Emmanuel Bezerra dos Santos e um Luiz Maranhão, uma Soledad Barrett e uma Jana Moroni que vieram antes, mas que renascem nas vozes e gestos, carícias e afetos de homens-meninos, meninas mulheres que não se cansam de ser patriotas e querer a liberdade.*

*Suspeito, para falar do Levante Popular da Juventude, trago de longe minha palavra a essa festa. Uma festa de gente suspeita. Gente que não se envergonha de falar em Direitos Humanos e defender a igualdade.*

*Gente que festeja em dezembro a possibilidade de caminhar juntos para fazer real a esperança de um mundo melhor.*

*Gente que, no mínimo, enche o peito de orgulho para cantar os versos do hino: “Mas, se ergues da Justiça a clava forte, verás que um filho teu não foge à luta”.*

*Humm. Gente que, no mínimo, também seria suspeita para falar do Levante Popular da Juventude.*

*Essa gente! Esse Levante Popular da Juventude! Esses Brasileiros!  
Meus irmãos! Pátria Livre! Venceremos!*

(Depoimento do ex-presos político e torturado Aton Fon Filho, advogado, ativista dos Direitos Humanos e Diretor da Rede Social de Justiça e DH).

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 01</b> - Caracterização dos sujeitos da pesquisa quanto ao perfil pessoal.....	66
<b>QUADRO 02</b> - Caracterização dos sujeitos da pesquisa quanto ao perfil militante.....	67
<b>QUADRO 03:</b> Elementos sobre o surgimento do Levante Popular da Juventude.....	74
<b>QUADRO 04:</b> Elementos sobre o surgimento do Levante Popular da Juventude na Paraíba....	77
<b>QUADRO 05:</b> Ações do Levante Popular da Juventude.....	84
<b>QUADRO 06:</b> Significados do Levante Popular da Juventude.....	91
<b>QUADRO 07:</b> Atuação do Levante Popular da Juventude com Educação Popular.....	109
<b>QUADRO 08:</b> Contribuições do Levante Popular da Juventude para os militantes.....	116
<b>QUADRO 09:</b> Contribuições do Levante Popular da Juventude para a sociedade.....	119

## RESUMO

Os movimentos de luta e resistência estiverem sempre presentes na trajetória histórica brasileira, lutando, na maioria das vezes, por melhores condições de existência e buscando a transformação da realidade. Em alguns momentos e conjunturas estiveram mais organizados e em outros momentos mais dispersos, de acordo com as relações de força e poder que se impunham. Uma das formas de enfrentamento e resistência desses movimentos foi a educação, que atuando em especial com a educação popular, busca formas de preparar os militantes do movimento e atuar na sociedade por meio de uma educação que problematizasse essa realidade. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo compreender o movimento protagonizado por jovens, o Levante Popular da Juventude e suas conexões históricas e formativas com a Educação Popular na atualidade. Para tanto, utilizamos o método dialético fundamentando-se epistemologicamente no materialismo histórico dialético. Para alcance dos objetivos utilizamos a entrevista semiestruturada, a observação participante e a análise documental, além do levantamento bibliográfico. Com o intuito de compreender esse material e as práticas desse movimento utilizamos a técnica análise de conteúdo. Em conjunturas de retrocesso ao conservadorismo, estudar as formas de luta e resistência presentes na sociedade torna-se necessário. A entrevista foi aplicada com 10 militantes, que apresentaram idade entre 20 e 29 anos, sendo apenas 1 natural de João Pessoa. Todos estavam na graduação ou já eram graduados e todos desenvolviam uma ou mais tarefas dentro do movimento. Mediante os resultados percebemos que o Levante atua em diversas frentes, com ações de luta e mobilização, solidariedade e organização. Outro pilar importante são os processos formativos que foram citados em diversos momentos pelos entrevistados. Por meio da organização, formação e luta, presentes no movimento, percebemos princípios e categorias da Educação Popular, dentre elas, valorização dos saberes dos educandos, educação para a transformação da realidade, consideração da realidade concreta, amorosidade, relação horizontal e linguagem simples nas formações, amorosidade, atuação com a classe trabalhadora, práxis e ações dialógicas. Em alguns momentos o Levante apresenta influências dos Novos Movimentos Sociais quando traz os significados do movimento para os militantes e contribuições pessoais, mas isso não faz o movimento um NMS, pois ao percebermos o objetivo do Levante e contribuições para a sociedade fica clara sua relação com os movimentos clássicos com o paradigma marxista, devido a centralidade na luta de classe e objetivo de transformação da realidade. Em conclusão, a atual conjuntura de pandemia tem influenciado as ações do Levante, que passou a intensificar a batalha das ideias nas redes sociais e desenvolver mais ações de solidariedade. O que percebemos é que o movimento, no seu tripé, organização, formação e luta, embora encontre desafios, sempre procura trazer sua práxis fincada na Educação Popular.

**Palavras-chave:** Movimento Social Popular. Levante Popular da Juventude. Educação Popular.

## RESUMEN

Los movimientos de lucha y resistencia están siempre presentes en la trayectoria histórica brasileña, luchando, en su mayor parte, por mejores condiciones de existencia y buscando la transformación de la realidad. En algunos momentos y circunstancias estaban más organizados y en otros momentos más dispersos, según las relaciones de fuerza y poder que se imponían. Una de las formas de confrontación y resistencia de estos movimientos fue la educación, que, actuando especialmente con la educación popular, busca formas de preparar a los militantes del movimiento y actuar en la sociedad a través de una educación que problematiza esta realidad. En este sentido, este estudio tiene como objetivo comprender el movimiento liderado por los jóvenes, el Levantamiento de la Juventud Popular y sus conexiones históricas y formativas con la Educación Popular hoy. Para ello, utilizamos el método dialéctico basado epistemológicamente en el materialismo histórico dialéctico. Para lograr los objetivos se utilizaron entrevistas semiestructuradas, observación participante y análisis documental, además del relevamiento bibliográfico. Para comprender este material y las prácticas de este movimiento, utilizamos la técnica del análisis de contenido. En tiempos de regresión al conservadurismo, se hace necesario estudiar las formas de lucha y resistencia presentes en la sociedad. El entrevistado se aplicó con 10 activistas, que tenían entre 20 y 29 años, siendo solo 1 nacido en João Pessoa. Todos estaban en la graduación o ya se graduaron y todos desarrollaron una o más tareas dentro del movimiento. A través de los resultados nos damos cuenta de que el Levante trabaja en varios frentes, con acciones de lucha y movilización, solidaridad y organización. Otro pilar importante son los procesos de formación que fueron mencionados en diversas ocasiones por los entrevistados. A través de la organización, formación y lucha, presentes en el movimiento, percibimos principios y categorías de la Educación Popular, entre ellos, la valoración del conocimiento de los estudiantes, la educación para la transformación de la realidad, la consideración de la realidad concreta, el cariño, la relación horizontal y el lenguaje sencillo en formación, bondad amorosa, trabajo con la clase trabajadora, praxis y acciones dialógicas. En ocasiones el Levante muestra influencias de los Nuevos Movimientos Sociales cuando trae los significados del movimiento a los militantes y aportes personales, pero esto no convierte al movimiento en un SNM, porque cuando percibimos el propósito del Levante y las contribuciones a la sociedad su relación con movimientos clásicos con el paradigma marxista, por la centralidad en la lucha de clases y el objetivo de transformar la realidad. En conclusión, la actual situación pandémica ha influido en la actuación del Levante, que ha intensificado la batalla de ideas en las redes sociales y desarrollado más acciones solidarias. Lo que percibimos es que el movimiento, en su trípode, organización, formación y lucha, aunque enfrenta desafíos, siempre busca traer su praxis basada en la Educación Popular.

**Palabras clave:** Movimiento Social Popular. Levantamiento popular de la juventud. Educación Popular.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1: LEVANTES INICIAIS: Das primeiras palavras sobre educação popular ao respaldo teórico-metodológico .....</b>	<b>11</b>
1.1 Sobre o encontro com a educação popular e com o Levante Popular da Juventude.....	12
1.2 Problemática e objetivos da pesquisa.....	14
1.3 Fundamentos teórico metodológico do estudo.....	16
<b>CAPÍTULO 2: MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO POPULAR: uma breve análise sobre a construção de uma educação problematizadora no Brasil.....</b>	<b>25</b>
2.1 Os movimentos sociais e a luta por uma educação que considerasse “a leitura de mundo” antes da “leitura da palavra”.....	25
2.2 A contribuição de Paulo Freire para a sistematização da Educação Popular no Brasil.....	35
2.3 Debatendo sobre Educação Popular.....	42
<b>CAPÍTULO 3: A JUVENTUDE NOS MOVIMENTOS SOCIAIS: das lutas de classes às lutas por bandeiras pontuais .....</b>	<b>53</b>
3.1 Juventude ou juventudes? Definições sobre o ser jovem.....	56
3.2 O que é ser Juventude no Brasil.....	59
3.3 Juventude que ousa lutar.....	64
<b>CAPÍTULO 4: A NOSSA REBELDIA É O POVO NO PODER: perspectivas da educação popular no Levante popular da Juventude.....</b>	<b>66</b>
4.1 A práxis da educação popular no Levante Popular da Juventude.....	71
4.1.1 O surgimento do Levante Popular da Juventude.....	71
4.1.2 Aproximação com o Levante Popular da Juventude.....	80
4.1.3 Ações do Levante Popular da Juventude.....	82
4.1.4 O Levante salva vidas: significados do Levante Popular da Juventude.....	90

4.1.5 Objetivos do Levante Popular da Juventude.....	94
<b>4.2 Horizontes possíveis da Educação Popular num movimento social popular da atualidade.....</b>	<b>98</b>
4.2.1 Estratégias de ação educativa do Levante.....	99
4.2.2 Avaliação dos processos de formação e capacitação do Levante.....	105
4.2.3 Levante Popular da Juventude e Educação Popular.....	109
<b>4.3 Contribuições do Levante Popular da Juventude para os militantes e para a sociedade brasileira na atual conjuntura.....</b>	<b>119</b>
4.3.1 Contribuições pessoais e para a sociedade.....	119
4.3.2 Levante Popular da Juventude na atual conjuntura.....	120
<b>LEVANTES FINAIS.....</b>	<b>137</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>145</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>151</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>152</b>

## **CAPÍTULO 1:**

### **LEVANTES INICIAIS: Das primeiras palavras sobre educação popular ao respaldo teórico-metodológico**

A educação popular surge em meio as práticas de educadores (as) que atuavam junto a movimentos populares e de educação de base, mas é Paulo Freire quem primeiro sistematizará tais práticas em obras clássicas, como: *Pedagogia do Oprimido*, *Educação como Prática de Liberdade*, *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Autonomia*. No livro intitulado *Que fazer: teoria e prática em educação popular* (FREIRE; NOGUEIRA, 2005), o autor dialoga com Adriano Nogueira e juntos refletem sobre o surgimento da educação popular em território brasileiro desde a década de 1960. Com o advento da eclosão dos movimentos populares na década de 70 e 80, que lutavam contra a ditadura militar, afirmava-se definitivamente a educação popular, a qual buscava não apenas alfabetizar os educandos, mas, também, estimular neles o processo de conscientização no contexto da sociedade capitalista.

Saviani (2008) destaca que a história do surgimento da educação popular no Brasil é marcada pela história da própria educação. Apesar do fazer educação apresentar-se desde os nativos no solo brasileiro, o ensinar com viés pedagógico é percebido somente com a chegada dos jesuítas através do processo de colonização, objetivando a submissão dos indígenas a cultura europeia. Traçando a história das ideias pedagógicas no Brasil, o autor relata os diversos movimentos da educação e ensino que marcaram o país. Na leitura desse estudo e dessa trajetória é possível perceber que desde o sistema colonial até o território com a configuração de república existiu uma disputa entre Igreja e Estado na briga pela hegemonia do ensinar.

No início dessa história a hegemonia da educação esteve por dois séculos nas mãos dos jesuítas, porém, essa hegemonia encerrou-se quando o Marques de Pombal deu um basta na educação eclesiástica expulsando os representantes da igreja e fundamentando as ideias do iluminismo no processo educativo. A história da educação no Brasil é a história de disputa do campo educacional por duas grandes forças que hora apresentavam projetos que tentavam articular os interesses liberais e tradicionais, hora distanciavam-se e a briga acirrava-se (SAVIANI, 2008).

Freire e Nogueira (2005) afirmam que é dentro desse cenário e rompendo o percurso da história que surge a educação popular. Fruto da conjuntura da época, marca a história da educação como um contraponto as tentativas do educar brasileiro, afirmando a luta de classes

dentro de uma educação popular que não se resumia apenas a instrução pública, mas ao processo de conscientização da classe popular em prol de uma transformação social. Nascido com e para os movimentos populares, a educação popular, tornou-se ferramenta de luta e estratégia de resistência dentro de um sistema opressor.

Neste capítulo falaremos da nossa aproximação com a educação popular e com o movimento Levante Popular da Juventude. Abordaremos a problemática, os objetivos da pesquisa e os fundamentos teórico-metodológico.

### **1.1 Sobre o encontro com a educação popular e com o Levante Popular da Juventude**

Aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem.  
E, assim, descobrindo-se, com eles sofrem, mas,  
sobretudo, com eles lutam (FREIRE, 2016, p. 5).

A minha relação com o movimento Levante Popular da Juventude surgiu de uma curiosidade incessante e de uma vontade de tornar o mundo um lugar melhor, em especial para as classes populares e sujeitos marginalizados. Como aluna bolsista do Programa Universidade para Todos - PROUNI com Bacharelado em Psicologia formada num centro universitário privado, pautado na lógica do mercado, não me identifiquei com a proposta liberal, fundamentada no determinismo subjetivista e psicologizante das quatro paredes de uma clínica. Apaixonada desde a infância pelo ato de ensinar, me identifiquei com a monitoria e com a psicologia social comunitária, dentro da psicologia, por apresentar um viés crítico.

Formada em 2015, ano que precede a consolidação do golpe chamado de impeachment da presidenta eleita Dilma Rousseff, me percebi sem perspectivas iniciais de atuação na área da docência. Educadora da educação básica desde os 18 anos, continuei na prática docente até me encontrar com a educação popular. Impulsionada por uma breve e simples compreensão inicial do que se passava no país, o desejo de fazer algo para contribuir de forma concreta contra o golpe que se apresentava tornou-se militância.

Dentro dos atos e manifestações de rua de forma não organizada e desarticulada comecei a lutar em prol das bandeiras em defesa da justiça social. Coincidentemente, no mesmo período, comecei uma amizade com dois militantes do Levante Popular da Juventude (Levante). Toda reunião entre amigos eles estavam falando sobre o movimento de forma bastante apaixonada, o que me fez querer entender que movimento era esse que tanto falavam. Foi dessa

maneira que conheci o Levante, e, estudá-lo, será uma das formas de contribuir com seu avanço.

Começando a participar das reuniões que pautavam estratégias de resistência ao golpe e algumas formações sobre o próprio Levante entrei em contato com o mundo da militância a qual me identifiquei instantaneamente. Ouvi relatos de outros militantes sobre a inserção no movimento e vários deles contaram que já faziam parte do movimento social popular antes mesmo de conhecê-lo, apenas se descobriram, foi justamente essa mesma sensação que senti.

Na prática e na formação comecei a entrar em contato com autores que antes não tinha estudado, como Karl Marx e Paulo Freire. A curiosidade tornou-se leitura intensificada.

Dentro do movimento Levante Popular da Juventude procurei me aprofundar na interpretação da realidade e desenvolver uma práxis junto com os demais jovens na luta. Envolvendo-me e atuando no tripé organização, formação e luta me aproximei das leituras e interpretações de Paulo Freire sobre uma pedagogia do e para o povo.

De acordo com Brito (2017), o Levante Popular da Juventude é um movimento social articulado por jovens da cidade e do campo. Surgiu em 2006 quando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) articulado com a via campestre e conjuntamente com a Consulta Popular chegaram à conclusão que a conjuntura da época necessitava de um movimento que organizasse especificamente a juventude das cidades com ênfase nas periferias. Assim, surge o Levante Popular da Juventude no Rio Grande do Sul, embasando-se na organização, formação e luta, trazendo inovações no seio das atuações dos movimentos sociais.

Como sou natural do Juazeiro do Norte, Ceará, localizada na Região do Cariri, minha atuação centrava-se na articulação dos jovens da periferia e na organização das mulheres que faziam parte do movimento no estado do Ceará, mas quando mudei para a Paraíba me articulei com o Levante do município de João Pessoa - PB, onde realizei a pesquisa de campo.

De modo geral, o interesse pelo fenômeno do movimento Levante Popular da Juventude como objeto de pesquisa surgiu devido sua forte atuação na atual conjuntura e, sobretudo, por percebermos que há uma influência da Educação Popular nesse movimento. Me inseri no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Popular, Serviço Social e Movimentos Sociais – GEPEDUPSS/UFPB a fim de aprofundar meu estudo no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

## **1.2 Problemática e objetivos da pesquisa**

A educação popular inquieta, incomoda e instiga. Com uma educação respaldada nos princípios do diálogo, da conscientização, da luta e da emancipação dos sujeitos envolvidos, tornou-se ferramenta de luta demarcando-se como uma educação própria do povo, para o povo e com o povo e como uma estratégia de possibilitar consciência de classe tanto nos militantes quanto na massa popular em geral. Nas palavras de Freire e Nogueira (2005, p. 62) “a Educação Popular nascia não apenas da cultura de livros ou de museus; ela nascia da cultura que os movimentos populares usam e criam em suas lutas”.

A conjuntura da década de 1970 à 1980 possibilitou o fenômeno do surgimento de diversos movimentos sociais e a afirmação da educação popular. Marcada pelos anos de chumbo, num período em que o poder hegemônico do momento afirmava-se, novas formas de lutas e contra hegemônias estruturavam-se.

Atualmente o Brasil vivencia novamente um período de manifestação das contradições. Fruto de diversos fatores históricos e sociais de ordem nacional e internacional, vivemos um retorno do conservadorismo, acompanhado da perda de direitos sociais e trabalhistas, o que tem agitado os movimentos sociais desde o impeachment da Presidenta Dilma Rousseff, que apesar de eleita democraticamente, sofreu um golpe de Estado, em que assumiu seu vice Michael Temer, assumindo com uma perspectiva extremamente neoliberal.

Sobre o período do regime militar e os processos educativos dentro dos movimentos sociais nesse processo até os dias atuais Gohn (2013, p. 44) destaca,

Durante os anos de resistência ao regime militar e de transição à democracia, o processo educativo desenvolvido nos movimentos tinha natureza essencialmente sociopolítica porque ele era um instrumento de mobilização e organização popular. Era um processo permanente de aprendizagem a partir da prática, geradora de processos organizativos e de consciência social nas classes populares [...]. Na atualidade, os métodos e processos de construção das ações coletivas civis alteraram-se, e os processos socioeducativos também. As pedagogias utilizadas nos movimentos e associações civis mudaram porque a conjuntura sociopolítica, econômica, cultural e tecnológica é outra. Predominam nos movimentos sociais manifestações, marchas e ocupações promovidas por coletivos organizados que convidam outros participantes online, via redes sociais como Facebook, LinkedIn, MSM, twitter, blogs, etc.

Compreendendo as diferenças e semelhanças entre os movimentos sociais que surgiram durante a ditadura militar e que utilizaram como instrumento de luta a educação popular em comparação com os movimentos atuais e por meio do estudo da autora Maria da

Glória Gohn alguns questionamentos surgiram. Inicialmente a pesquisa partiu do seguinte problema: Como a educação popular encontra-se na atual conjuntura e qual sua atuação dentro dos movimentos sociais atuais? Mas por ser uma questão muito ampla para ser desenvolvida no nível e no tempo de um mestrado acadêmico, achamos melhor delimitar a questão a fim de tornar a pesquisa mais viável. Daí a pesquisa partir, de fato, de um novo questionamento: O que é o movimento Levante Popular da Juventude e como se dá suas conexões históricas e formativas com a Educação Popular? Qual o significado de um movimento de Juventude na atual conjuntura, em que os jovens estão cada vez mais dispersos dos movimentos sociais? Quais elementos da educação popular o Levante Popular da Juventude utiliza em suas práticas ativistas e formativas? E, por estar fazendo mestrado na Paraíba, delimito este estudo ao Estado da Paraíba em João Pessoa.

Gohn (1997) evidencia que para pesquisar os movimentos sociais deve ser considerado dois ângulos básicos: o interno e o externo. O ângulo interno expõe as demandas, deveres, reivindicações, ideologia, projeto, organização e prática daquele grupo. Já no ângulo externo estuda-se o cenário político e cultural em que o movimento está inserido, os opositores do movimento, articulações e redes externas, além da sua relação com outros movimentos e órgãos, investigando a representação que os movimentos possuem de si mesmos e de outros movimentos além de suas conquistas e derrotas.

Estudar movimentos sociais é não só importante, como necessário, pois como a autora traz muitas pesquisas com os Movimentos Sociais foram realizadas na década de 1980, porém já na década de 1990 houve um declínio no interesse por esses estudos. A autora destaca, através de um balanço realizado sobre estudos na área a falta de referenciais teóricos, descrições de movimentos sem as devidas análises, uso de teorias pertencentes a outras realidades, dificuldade de analisar a história brasileira, preferência por estudar paradigmas que trabalhavam com o espontaneísmo e voluntarismo e a desconsideração por experiências históricas preexistentes. A partir dos anos 2000 o interesse por pesquisar movimentos sociais tem retornado de forma tímida, realizado por militantes dos próprios movimentos que ingressavam no contexto da pós-graduação.

A pesquisa contribuirá não apenas como aporte teórico a mais no universo das pesquisas no programa de pós-graduação em educação, mas colaborará também como um aporte reflexivo para os próprios movimentos sociais, propondo-se a contribuir com a teoria e a prática.

O autor Ferdinand Rohr (2007) refletindo sobre um objeto epistêmico próprio da

educação aponta algumas dificuldades sobre um pensar e afirmar um objeto próprio do campo educativo. Embora as dificuldades que apresenta, disserta sobre os três elementos constitutivos da educação: a educação, o educando e a tarefa educacional. Os três elementos interligados possibilitam a reflexão sobre uma noção de um objeto particular. Corroborando as características de uma prática educativo progressista em Freire (2017) não limitando-se as quatro paredes de uma sala de aula, traz que a tarefa educacional não restringe-se apenas a transmissão de conhecimento, mas abrange diversos outros aspectos como o lado afetivo, postura, convicções.

Nesse sentido, a pesquisa elenca como objetivo geral: Compreender o movimento Levante Popular da Juventude e suas conexões históricas e formativas com a Educação Popular. E objetivos específicos:

- Analisar o perfil socioeconômico dos militantes entrevistados;
- Identificar a definição de educação popular pelos seus membros militantes;
- Averiguar quais as possíveis estratégias utilizadas para atuar com a educação popular;
- Verificar os possíveis retornos alcançados com essa *práxis* para a sociedade.

### **1.3 Fundamentos teórico metodológico do estudo**

A curiosidade move mulheres e homens desde os tempos mais remotos. Dentro do universo da pesquisa esse olhar curioso é estimulado e aprimorado. Mas, nesse sentido, o que seria pesquisar? Conforme Minayo (2014), no próprio processo de história da sociedade a forma de fazer pesquisa e ciência passou por diversas transformações e alterações correspondendo ao sistema econômico, político e ideológico que se tornava hegemônico em cada momento histórico. Antes da afirmação do produzir conhecimento científico dentro das ciências sociais e afins, as ciências naturais já apresentavam e desfrutavam de métodos e epistemologias próprias.

Para que as ciências sociais tivessem o mesmo valor e peso científico das naturais foi transpassado um fazer conhecimento fundamentado nos mesmos princípios das leis da natureza. Segundo a autora acima mencionada, essa adaptação para os conhecimentos da sociedade chamado de positivismo destaca que “A hipótese central do positivismo sociológico é de que a sociedade humana é regulada por leis naturais que atingem o funcionamento da vida social, econômica, política e cultural de seus membros” (p.81). O pesquisador, dentro dessa proposta,

tenta manter um distanciamento do objeto de estudo.

O modelo supracitado de racionalidade da ciência moderna, destacou-se no século XVI dentro das ciências naturais e no século XIX dentro das ciências sociais. Afirmando-se como modelo totalitário, afasta-se do senso comum e dos estudos humanísticos, recusando outras formas de conhecer e compreender o mundo. Para Santos (2010), o olhar que advém dessa atuação torna-se livre, descomprometido, rigoroso e sistemático em relação aos fenômenos investigados. Portanto, para se compreender a vida em sociedade seria necessário apenas aplicar o que já existia nas ciências naturais. Mas, essa transposição positivista logo encontrou um problema. Como aplicar as leis naturais quando os sujeitos e fenômenos das pesquisas não são coisas? Ter por estudo o próprio ser humano estudado por outros seres humanos foi um dos principais entraves que levaram a novos olhares e novas formas de buscar conhecimentos no campo social. Minayo (2014) explica que a ciência social que nasce no positivismo rompe com os princípios positivistas de neutralidade e replicação das leis naturais, buscando novos métodos e base epistemológica coerente com os seus fenômenos.

Sobre a ciência social nascida com influências naturais Santos (2010) explicitando esse surgir permeado pelo empirismo, afirma que mergulhada no mundo de experimentação e observação, buscavam compreender a sociedade como uma máquina, uma vez que se é possível observar e experimentar, é possível controlar e prever. Porém, quando se fala de seres humanos querer a previsibilidade e o controle torna-se tarefa incongruente. Resultado de diversas condições sociais e históricas surgem novas vertentes nas ciências sociais buscando conciliar pesquisador e fenômenos, situando o estudioso como implicado no processo.

Permeado por essas contradições o modelo hegemônico do positivismo norteando as ciências sociais entrou numa crise profunda e irreversível, levando a uma problematização por parte dos pesquisadores, que começaram a estruturar um novo fazer ciência social. De acordo com Santos (2010), dessa crise surge algumas características do conhecimento que emergia. Em primeiro lugar procuraram uma não dicotomia entre as duas ciências, entendendo-se que uma perpassa pela outra. Também trouxeram novamente a reconsideração pelo senso comum e pelos estudos humanísticos. Em terceiro, afirmaram um olhar de totalidade para os fenômenos não os fragmentando, portanto, esse fazer ciência não poderia mais ser determinista e nem apenas descritivo e por fim, traz como característica uma pluralidade metodológica, pois agora, os caminhos para investigar os fenômenos são diversos adaptando-se de acordo com as pesquisas.

Nessa nova perspectiva, e respondendo a pergunta inicial sobre o que seria o pesquisar,

o autor Demo (2011) traz que pesquisar é uma forma de descobrir e criar, devendo passar pelas etapas de aprofundamento teórico, busca da metodologia e, não menos importante, relação com a prática. É também uma forma de contribuir com as demandas sociais não podendo limitar-se ao exclusivismo sofisticado das paredes da universidade, devendo romper e adentrar na realidade, onde teoria e prática encontram-se sem cair apenas no teoricismo (teoria sem prática) ou apenas no ativismo (prática sem respaldo teórico).

A pesquisa também é um diálogo que, necessariamente, exige uma comunicação. Esse diálogo nem sempre é fácil e simples, pelo contrário, apresenta-se como questionamentos dos contrários, pois para ser valorizada deve ter como plano de fundo o questionamento. Demo (2011) esclarece que a investigação científica também se afirma como fenômeno político, portanto, a noção de neutralidade deve ser questionada, uma vez que o cientista e os seres humanos de forma geral são animais políticos, sempre. Frente ao engessamento por uma tendência que usa a neutralidade e separação da teoria e prática, ainda como herança do positivismo, resta indagar a quem a pesquisa está servindo e quais estruturas ela ajuda a manter.

A presente pesquisa, fundamentada no descobrir e criar, respalda-se nessa outra forma de fazer ciência. Compreendendo, a partir do materialismo histórico-dialético, o pesquisar como um processo dialógico, não neutro e os sujeitos envolvidos como políticos por essência. Fundamentado nesse novo fazer que não se distancia da ética, busca compreender o fenômeno da educação popular e dos movimentos sociais dentro da sua totalidade e da não separação entre teoria e prática, diferenciando dos moldes positivista de fazer ciência.

Richardson (2012, p. 32) aponta que “a estratégia utilizada em qualquer pesquisa científica se fundamenta em uma rede de pressupostos ontológicos e da natureza humana que definem o ponto de vista que o pesquisador tem do mundo que o rodeia”. Essa forma de entender o mundo oferece as bases de uma investigação científica. A epistemologia, além de apresentar a visão que o pesquisador tem dos seres humanos e do mundo, oferece as bases para escolha dos métodos, técnicas e formas de interpretação.

No materialismo histórico dialético não tem como entender um fenômeno sem compreendê-lo dentro do seu contexto histórico e conjuntural e é nessa perspectiva que trazemos nesse trabalho o debruçar analítico sobre o Movimento Levante Popular da Juventude. Essa teoria crítica aborda o conceito de matéria que se define por indicar que a realidade objetiva observada pelos seres humanos segundo suas sensações existe independente da compreensão humana, ou seja, o material é “qualquer objeto ou fenômeno natural com existência e características próprias que ocupa um lugar no tempo e no espaço”

(RICHARDSON, 2012, p. 44), já a dialética, liga-se ao dialógico, ao debate entre contrários e divide-se em tese, antítese e síntese.

De acordo com Kosik (1976), além da compreensão como os fenômenos se apresentam, é necessário entender a essência desses fenômenos. Partindo dessa base epistemológica a pesquisa utilizará o método dialético, visto que procura compreender a essência dos fenômenos no contexto da totalidade social.

Para a compreensão do método dialético faz-se necessário entender um pouco sobre Karl Marx e Hegel. Conforme Ranieri (2011), Marx, principal e mais importante nome da crítica ao sistema capitalista, estruturou diversos conceitos que permitiram não apenas críticas, mas formularam novas concepções de sociedade e forma de fazer ciência. Algumas de suas ideias fundaram-se em críticas e leituras de Hegel, autor que estudou bastante. Para Hegel, um idealista, o mundo existia e compreendia-se primeiro no mundo das ideias e depois tornava-se realidade material; Marx reformulou essa compreensão afirmando que o mundo das ideias gera o mundo concreto, mas antes dessas ideias a concreticidade já existe, portando, as ideias são frutos do mundo material.

Numa concepção de investigação dialética a pesquisa parte da própria realidade para chegar a uma leitura dessa realidade, que é a essência do fenômeno. Para compreensão da “coisa em si” (essência) é necessária uma análise profunda. O autor Kosik (1976) dedica-se a explorar como o método dialético funciona, numa escrita filosófica e dialética trabalha e explica algumas categorias essenciais do marxismo para compreensão do método em questão. Trazendo críticas contundentes ao positivismo, o mesmo traz que esse método de investigação abrange três graus:

- 1) minuciosa apropriação da matéria, pleno domínio do material, nele incluídos todos os detalhes históricos aplicáveis, disponíveis; 2) análise de cada forma de desenvolvimento do próprio material; 3) investigação da coerência interna, isto é, determinação da unidade das várias formas de desenvolvimento (KOSIK, 1976, p. 31).

Sendo assim, o pesquisador apropria-se do material, levando em conta a história do fenômeno na sua totalidade, busca entender como o fenômeno desenvolve-se e as suas contradições.

Compreender a realidade, ou seja, entender um fenômeno é presenciar o jogo dialético averiguando a relação “do todo para as partes e da parte para o todo, dos fenômenos para a essência e da essência para os fenômenos, da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade” (KOSIK, 1976, p. 39).

Ainda segundo o autor, entendendo a totalidade, as contradições e fundamentado na práxis é possível compreender a realidade concreta, superando a pseudo concreticidade que é a primeira forma que o mundo se apresenta, porém essa forma inicial de percepção da realidade deve ser estudada e entendida, através da investigação e intuito de se chegar a essência. Totalidade, contradições e a práxis são categorias importantes e trabalhadas dentro do método dialético. Kosik (1976, p. 50) aborda que totalidade não é entender todos os fatos de um fenômeno, entendendo o conhecimento humano não de forma linear, mas em espiral, “a totalidade concreta não é um todo já pronto que se recheia com um conteúdo, com as qualidades das partes ou com as suas relações; a própria totalidade é que se concretiza e esta concretização não é apenas criação do conteúdo mas também criação do todo (Idem). Já as contradições são as oposições presentes em todos os aspectos da sociedade.

A práxis é a compreensão da prática em parceria com a teoria, numa relação recíproca concebendo que a teoria se faz pela compreensão e relação com a prática (FREIRE, 2016). Nessa pesquisa, o estudo da teoria, e o interesse pelo tema surgiram da prática e da realidade da educação popular. A base epistemológica apontada do materialismo histórico dialético e o método dialético foram definidos de acordo com o próprio fenômeno, que aponta os horizontes da investigação.

Ainda falando sobre o método dialético em Marx, Netto (2011, p. 25) acentua que o pesquisador dentro do método dialético, indo além da aparência e na busca da essência, possui um papel ativo, ignorando a passividade do pesquisar fruto do positivismo. Esse papel ativo é necessário para compreensão do fenômeno "o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação.

Richardson (2012, p.157) afirma que “resulta impossível obter informação de todos os indivíduos ou elementos que formam parte do grupo que se deseja estudar; seja porque o número de elementos é demasiado grande, os custos são muito elevados ou ainda porque o tempo pode atuar como agente de distorção”. Portanto, faz-se necessário compreender uma parte desse universo para entender o fenômeno. Para essa compreensão uma parte seria estudada da população total. Universo ou população “É um conjunto definido de elementos que possuem determinadas características. Comumente fala-se de população como referência ao total de habitantes de determinado lugar” (GIL, 2008, p. 89), já a parte, também chamado de amostra, é um subconjunto do universo.

Essa amostra, geralmente nos estudos sociais não é homogênea, sendo assim, são delimitadas técnicas de amostragem de acordo com a intenção da pesquisa. Existem as

pesquisas probabilísticas e as não probabilísticas. No primeiro tipo destaca-se formas específicas de calcular a amostragem, já as segundas são mais simples de definirem-se e obedecem aos critérios do pesquisador. Dentre os critérios das amostragens não probabilísticas apresenta-se o por acessibilidade ou conveniência, como retrata Gil (2008, p. 94) “O pesquisador seleciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo. Aplica-se esse tipo de amostragem em estudos exploratórios ou qualitativos”.

Utilizando essa forma de investigar, a pesquisa será realizada no Estado da Paraíba na cidade de João Pessoa, com uma amostra dos militantes do movimento social Levante Popular da Juventude que se concentrarem nessa região.

De um universo de 73 militantes será realizado a entrevista com 10 deles, representando a amostragem do universo. Para participação na pesquisa, além do aceite e entendimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, (TCLE) o militante deve apresentar os seguintes critérios de acessibilidade: ser militante do Levante, está ativo/assíduo na militância (ser um militante orgânico) e atuar no movimento a pelo menos um ano.

Os instrumentos para coleta de dados, conforme GIL (2008), são formas de se chegar ao fenômeno para compreendê-lo. Dentre os diversos instrumentos presentes no campo das ciências sociais, utilizaremos a observação participante, a entrevista semi-estruturada gravada em áudio e a análise documental.

A observação é um dos elementos importantes da pesquisa em campo e pode apresentar-se em diversas fases da pesquisa. É uma das ferramentas para obtenção dos dados, geralmente somada com outros instrumentos. Gil (2008, p. 100) traz que “a observação nada mais é que o uso dos sentidos com vistas a adquirir os conhecimentos necessários para o cotidiano”. Portanto, podemos utilizar a observação como uma das formas de compreensão do mundo. O autor afirma que na observação participante o pesquisador interage com os envolvidos, chegando-se ao entendimento de como funciona um grupo ou como ocorre um fenômeno dentro do próprio fenômeno. Ainda pode ser natural, quando o pesquisador faz parte do grupo ou artificial quando não faz parte. Já Richardson (2012, p. 261) aponta que “Na observação participante, o observador não é apenas um espectador do fato que está sendo estudado, ele se coloca na posição de e ao nível dos outros elementos humanos que compõem o fenômeno a ser observado”.

No que se refere a entrevista semiestruturada, as perguntas abarcaram três eixos: o perfil socioeconômico da (o) entrevistada (o), aspectos teóricos e práticos do Levante, Educação

Popular e Levante. No primeiro eixo as perguntas estão direcionadas para idade, gênero, formação, naturalidade, cidade onde atua, tempo na militância política, tempo no Levante e atividade que desenvolve no movimento. No segundo eixo as perguntas foram sobre como surgiu o Levante no Brasil e na Paraíba, a aproximação dos entrevistados com o movimento, ações do Levante, o que ele significa para os militantes e qual o maior objetivo do Levante dentro da sociedade. O terceiro eixo centra-se em saber quais principais estratégias de ação educativa do movimento, como eles avaliam essas estratégias, pergunta também se os entrevistados acham que o Levante atua com educação popular, pergunta o que eles compreendem sobre educação popular, quais os possíveis retornos do movimento para os militantes e para a sociedade e como o Levante encontra-se na atual conjuntura.

Além das duas formas mencionadas de coleta de dados que envolvem diretamente a interação com o pesquisado, o mundo científico também apresenta a análise documental como instrumento. Portanto, Gil (2008, p. 147) aponta que “Para fins de pesquisa científica são considerados documentos não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação”. O autor ainda traz que como exemplo de documentos utilizados tem-se os registros estatísticos, registros institucionais escritos, documentos pessoais, e a comunicação de massas (jornais, revistas).

Para coleta de dados utilizaremos a observação participante, entrevista semiestruturada e análise documental, além do tradicional levantamento bibliográfico. Os instrumentos foram escolhidos com base na epistemologia e método da pesquisa, pois entende-se que essas formas de pesquisar adequam-se a forma de se chegar ao conhecimento de forma mais dialética.

Para análise dos dados, será utilizado a técnica análise de conteúdo cunhada por Bardin (1977) e a forma de análise de práticas em educação popular desenvolvida por Costa (1981) para interpretação do material.

Antes de surgirem as técnicas modernas de analisar comunicações, os textos já eram interpretados de alguma forma. Afirma Bardin (1977) que a interpretação dos sonhos desde explicação de textos literários, astrologia e psicanálise estavam no cerne do que era passível de análise e interpretação. Essa interpretação foi acrescida com o tempo de processos técnicos de validação que trouxessem fidedignidade as análises realizadas.

A análise de conteúdo propriamente dita desenvolveu-se nos Estados Unidos, analisando-se textos jornalísticos, por meio de um rigor científico da medida. Porém, a conjuntura das grandes guerras mudou o foco dos textos jornalísticos para o estudo da propaganda. “Nos Estados Unidos, os departamentos de ciências políticas ocuparam um lugar

de destaque no desenvolvimento da análise de conteúdo. Os problemas levantados pela Segunda Guerra Mundial acentuaram o fenômeno” (BARDIN, 1977, p. 16). O objetivo era estudar e desmascarar jornais que faziam campanhas contrárias aos interesses do governo. Posterior a guerra houve um desinteresse e questionamentos referentes a análise de conteúdo.

Bardin (1977) retrata que após esse período de desinteresse a implicação com o método de análise retoma fôlego depois de congressos na área da psicolinguística com novas metodologias e epistemologias. A partir de então a exigência da objetiva passa a ser menos rígida e aceita-se mais a compreensão da análise clínica coma estatística. A análise de conteúdo passa a não ser um estudo meramente descritivo e aponta o intuito da inferência.

A variação de técnicas e textos passíveis de análise amplia-se. "Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações" (BARDIN, 1977, p. 31).

Utilizando as fases de descrição analítica e inferência, cunhadas por Bardin (1977) o trabalho utilizará dessa técnica para abordar os objetivos da pesquisa discutidos à luz de estudos e pesquisas na área da educação popular referentes a problemática estudada.

Costa (1981) traz que a análise de uma prática em educação popular não é neutra e define que as práticas de educação popular, as quais a pesquisa investigará, centram-se no trabalho com o conhecimento da classe popular. Para analisar uma prática de educação popular alguns pontos precisam ser investigados. Em primeiro lugar as condições de existência das camadas populares e a prática de Educação Popular por meio das propostas de trabalhos e atividades em educação popular desenvolvido por algum setor, no caso da pesquisa, desenvolvido pelo Levante. O segundo ponto de investigação define-se na análise da concretização da prática, ou seja, as formas de organização do trabalho e como se dá o processo de conhecimento que permeia o ponto de partida das discussões, o encaminhamento dessas discussões e o material didático utilizado. Essas etapas serão exploradas na fase de análise do material pesquisado.

## **CAPÍTULO 2:**

### **MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO POPULAR: uma breve análise sobre a construção de uma educação problematizadora no Brasil**

Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário - LÊNIN

Falar sobre o trajeto dos movimentos sociais no Brasil é perpassar e resgatar a história de um povo. Os movimentos sociais existem e surgem devido uma conjuntura, um contexto e uma história. A autora Gohn (1997) no livro intitulado Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos faz um intenso resgate dos paradigmas relacionados aos movimentos sociais pelo mundo, abordando como podemos entender esses movimentos e analisá-los. É importante mencionar que Maria da Glória Gohn tem aprofundado seus estudos na área dos movimentos sociais e por isso será utilizada como um dos principais embasamentos para este capítulo.

Dentre os paradigmas retratados pela autora, o foco será nos latinos e em especial a configuração dos movimentos sociais no Brasil. Gohn (1997) pontua que para pesquisar sobre movimentos sociais são necessários alguns fatores. Necessita-se a compreensão de como entendê-los, questionar o porquê estudá-los, verificar como será a forma de analisá-los, quais as fases de desenvolvimentos e etapas importantes para a investigação e identificar as principais formas de manifestações desses movimentos.

Nesse capítulo, discutiremos sobre o surgimento dos movimentos sociais e suas articulações com os processos educativos, relação com a educação, sistematizações de Paulo Freire sobre a educação popular e enriqueceremos o estudo com um debate sobre a educação popular.

#### **2.1 Os movimentos sociais e a luta por uma educação que considerasse “a leitura de mundo” antes da “leitura da palavra”.**

Para se entender a relação dos movimentos sociais com a educação popular, faz-se necessário compreender, que movimentos são estes e de qual educação popular se trata. Conceituar movimento social não é tão simples, muito menos compreender dentro da sociedade o que é movimento social e o que não é. Trabalhando com a definição de Gohn (1997) movimento social não é apenas um processo de pessoas com interesses em comum, precisa apresentar uma identidade em comum, fazer parte de um coletivo social, dividir uma realidade perpassado por uma não institucionalização:

Movimento social refere-se à ação dos homens na história. Esta ação envolve um fazer - por meio de um conjunto de procedimentos - e um pensar - por meio de um conjunto de ideias que motiva ou dá fundamento à ação. Trata-se de uma práxis portanto. Podemos ter duas acepções básicas de movimento: uma ampla, que independe do paradigma teórico adotado, sempre que se refere às lutas sociais dos homens, para a defesa de interesses coletivos amplos ou de grupos minoritários; conservação de privilégios; obtenção ou extensão de benefícios e bens coletivos, etc. A outra acepção se refere a movimentos sociais específicos, concretos, datados no tempo, e localizados num espaço determinado. Na primeira acepção, a categoria básica é a da luta social e tem um caráter cíclico. Os movimentos são como as ondas e as marés, vão e voltam e isto ocorre não por causas naturais - se assim o fosse estaríamos fazendo uma análise estapista-evolucionista do fenômeno (GOHN, 1997, p. 247).

Partindo dessa definição dialética dos movimentos sociais - MS, retratado pela autora como as ondas que vão e voltam, pode-se concluir que, o que fora acima mencionado sobre a necessidade de compreensão da conjuntura e momento histórico que os MS estão inseridos é essencial para seu estudo tanto da década de 1970 e 1980, retratadas como Era Movimentista, devido a eclosão de diversos movimentos sociais, como nos movimentos que surgiram nas últimas duas décadas, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).

Assim como Paulo Freire apontava que a educação por si só não transforma o mundo, Gohn (1997) aponta que os movimentos sociais não são únicas formas possíveis de mudança e transformação da sociedade. Apesar de não ser a única forma, tanto a educação como a atuação dos movimentos na sociedade possibilitam avanços nessas transformações.

Os movimentos sociais não são apenas aqueles que visam o avanço da sociedade em prol de mais justiça social, solidariedade e igualdade. Ainda conforme a autora, existem movimentos conservadores e reacionários que coexistem dentro de um mesmo espaço social Embora o desenvolvimento desses movimentos tenham se intensificado em solo brasileiro nos

últimos cinco anos, o presente estudo pretende abordar o estudo dos movimentos sociais progressistas. No caso estudamos o Levante Popular da Juventude que por lutar por justiça, igualdade e defesa das minorias, o consideramos progressista.

Os movimentos de caráter progressista apresentam categorias que dizem respeito a sua forma de existir no mundo. Para estudá-los é importante compreender o que é força e luta social, atores/militantes sociais e conflito social. Enquanto os atores sociais protagonistas são definidos pelos militantes que constroem aquele movimento, a força/luta social diz respeito ao acúmulo responsável pelo enfrentamento dos opositores presentes na sociedade. Essa oposição não necessariamente é vista como inimiga dos movimentos, mas geralmente apresentam interesses que não coincidem, porém, em algumas conjunturas essa oposição torna-se inimigo declarado dos movimentos sociais, visto que não seria apenas interesses diferentes, mas tentativa de aniquilamento por parte desses opositores. Essa oposição por fim, leva ao conflito social que, de acordo com Gohn (1997), moldará as ações do MS.

Sobre Movimentos Sociais de caráter populares, Melo Neto (2015) explana o que seria o popular nesses movimentos. O autor traz um percurso de como ocorreu a construção do popular e apresenta a dialética do popular dentro de diversos movimento. Desde a idade média e antes disso foi possível perceber movimentos relacionados com o popular e interligados com a educação. Na Grécia onde a educação era destinada a formação dos nobres, o campo, de caráter popular, ou seja, espaço das pessoas que ficavam a margem da sociedade, deram outro significado a educação, colocando o trabalho no centro.

Melo Neto (2015, p.11) também cita movimentos de contestação na própria bíblia, com revoltas pela busca da justiça e afirmação de um povo e continua presente nos dias atuais dentro dos movimentos sociais progressistas:

A procura por justiça e pela afirmação de um povo, de uma comunidade ou de uma maioria, ou mesmo de um tipo comunitário, através do processo educativo, tornou-se traço constitutivo dos movimentos de contestação, durante a Idade Média. Está presente, inclusive, nos dias atuais, como uma marca dos movimentos sociais populares, o grande esforço no sentido da construção da identidade dos grupos sociais em movimento, como forma de definição de seu campo de ação política e educativa.

Continuando com a análise, a modernidade continua as lutas pela superação do poder dominante. Marx, porém, traz um avanço ao sentido do popular, definindo o popular como proletariado e a necessidade de luta por uma sociedade alternativa a imposta pelo poder hegemônico da burguesia. Melo Neto (2015) traz um questionamento e reflexão sobre como

estaria e o que representaria o conceito do popular dentro dos movimentos sociais nos dias atuais. Vários partidos, movimentos, frentes pautam e defendem o conceito do popular, inclusive trazem suas lutas pela defesa do popular. O autor mostra que o conceito do popular pode ter mais de um sentido: popular como grande massa da população, popular como componente de classe, referente a classe trabalhadora, popular como luta pela vida e pela terra, passa pelo conceito de autonomia, comunicação, pela promoção da democracia e ainda, Paulo Freire, traz o popular falando dos povos oprimidos.

Sintetizando sobre os sentidos do popular, Melo Neto (2015, p. 18) expõe:

Nessa concepção, ser popular é tornar-se expressão de uma metodologia, mas só terá significado quando expressar uma visão de mundo em mudança, contendo em suas ações a dimensão de propor saídas para as situações de miséria vividas pelo povo. É uma visão que exige iniciativas no plano político, normalmente, originais, pois marcam a própria autonomia desses movimentos, que constrói um novo tecido social embasado em outros valores e objetivos. Esta perspectiva, entretanto, é bastante minoritária entre os ativistas dos movimentos sociais. Há, ainda, outras visões, pouco expressivas quantitativamente ou prisioneiras da idealização existente nos movimentos sociais populares.

Como é possível perceber em Melo Neto (2015), o popular passa por uma plasticidade conceitual, mas que envolvem elementos em comum, como a origem no povo, os direcionamentos das lutas, as metodologias para como se lutar por uma pauta e as questões éticas e utópicas para transformação da realidade, levando em conta também o caráter político (MELO NETO, 2015). A pesquisa se propõe a estudar os movimentos sociais populares que apresentam esses elementos, em especial o Levante Popular da Juventude que desde seu nome já aponta o caráter popular.

Retomando agora e condensando todas as definições pontuadas sobre movimentos sociais, Gohn (1997, p. 251-252) escreve:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados. Os movimentos geram uma série de inovações nas esferas pública (estatal e não-estatal) e privada; participam direta ou indiretamente da luta política de um país, e contribuem para o

desenvolvimento e a transformação da sociedade civil e política. Estas contribuições são observadas quando se realizam análises de períodos de média ou longa duração histórica, nos quais se observam os ciclos de protestos delineados. Os movimentos participam, portanto, da mudança social histórica de um país e o caráter das transformações geradas poderá ser tanto progressista como conservador ou reacionário, dependendo das forças sociopolíticas a que estão articulados, em suas densas redes; e dos projetos políticos que constroem com suas ações. Eles têm como base de suporte entidades e organizações da sociedade civil e política, com agendas de atuação construídas ao redor de demandas socioeconômicas ou político-culturais que abrangem as problemáticas conflituosas da sociedade onde atuam.

Movimentos, Revoltas e outras formas de lutas e resistências sempre estiveram presentes na história do país, desde a época da colonização, passando pelo imperialismo, advento da república, ditadura militar até os dias atuais. Lutas essas, voltadas contra a dominação, exploração econômica e exclusão social na maioria das vezes. Grande parte delas foram protagonizadas pelos sujeitos marginalizados. As décadas de 1970 e 1980, as quais o trabalho se deterá, foram cruciais para desenvolvimento de alguns movimentos e para o surgimento da Educação Popular nesses movimentos, particularmente os que estavam ligados as lutas educacionais.

Um pouco antes disso, entre 1945 e 1964, Gohn (2000) destaca que a história vivenciava o período populista, que possibilitou solo fértil para as lutas populares. Nesse período ocorreram diversas greves no país. No campo, a autora diz que surgiram dois movimentos que antecederam os Sem Terra, as Ligas Camponesas do Nordeste e o Movimento de Agricultores Sem Terra (MASTER), iniciado no Sul do Brasil. A educação também se articulou, criando o Movimento de Educação de Base (MEB), além da aliança entre cultura e educação possibilitando o surgimento dos Círculos Populares de Cultura (CPC) e União Nacional dos Estudantes (UNE).

Esse momento de eclosão e articulação foi interrompido pelo Golpe Militar de 1964. Até hoje a ditadura militar é uma ferida mal resolvida no país, e atualmente apresenta-se em debate e disputa da verdade histórica e honra a memória dos que lutaram e morreram-resistindo contra o regime. Entre 1964 e 1969 os movimentos pouco se articularam, porém, os estudantes entraram como protagonistas das formas de resistência desse período. Sobre essa época Gohn (2000, p. 8) destaca,

O Ato Institucional nº5, de dezembro de 1968, cassando e punindo pessoas e estabelecendo severas restrições aos direitos sociopolíticos dos cidadãos, foi o ponto culminante de uma era de medo, repressão e violação dos direitos

humanos, comandado por regimes militares que se espalharam por toda América Latina. Com o regime militar no poder, a esquerda partiu para a luta armada e seus principais líderes foram mortos nos embates das “guerrilhas”.

De acordo com a autora, em 1974 a resistência começa a tomar forma. Emergindo das cinzas os movimentos sociais articulam-se. Dentre esses movimentos destacaram-se as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que influenciada pela Teologia da Libertação levou a uma série de lutas populares como o Custo de Vida, movimentos pelos transportes, por terra, por saúde, por vaga nas escolas. Essas iniciativas fundamentaram e apoiaram diversas greves que ocorreram em 1978 e 1979. Em 1984 também se organiza o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O setor da educação se organiza, além dos trabalhadores com a recriação das centrais sindicais. Surge então a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) e Central Única dos trabalhadores (CUT). Apesar de inúmeros avanços, o fim da ditadura militar e os movimentos sociais conseguindo pautar diversas reivindicações, os anos de 1990 aprofundaram a crise internacional do capitalismo que alastrava o restante do mundo.

A economia informal aumenta e os sindicatos se enfraquecem. A pauta que antes era por melhores condições de trabalho torna-se a luta por manutenção dos empregos. Nessa conjuntura os movimentos sociais populares se desarticulam. Passando essa década, os anos de 2000 marca a retomada de fôlego dos movimentos. Sobre esse período, Gohn (2000, p. 20 e 21), afirma:

Apesar de quase uma década de desmobilização dos movimentos populares urbanos, eles iniciam lenta retomada, em outras bases, incorporando a experiência adquirida via a participação nos conselhos, fóruns e outras formas mais ou menos institucionalizadas de participação. Entretanto, outros movimentos sociais ganham as manchetes da mídia, como o dos índios. Eles se reorganizaram em função da luta pela demarcação de suas terras, realizaram marchas e caminhadas e aproveitaram a conjuntura política em torno da polêmica questão dos "500 anos de descobrimento do Brasil" para protestar e exigir seus direitos. Foram reprimidos pelas forças policiais e ganharam a simpatia e o apoio de governos e organismos internacionais, que se manifestaram contra a violência cometida. O MST ganha novo fôlego e se alastra por todo Brasil. Os estudantes voltaram às ruas, não mais com as "caras pintadas". Voltaram politizados em luta contra o desemprego e a corrupção. As greves dos professores - em diversos graus do ensino - também retornam. E outras categorias passam a se organizar e a protestar, como os caminhoneiros das estradas contra as taxas dos pedágios e suas péssimas condições de trabalho; os "perueiros" (transporte coletivo urbano alternativo) pela igualdade nas condições de trabalho com os transportes convencionais etc.

Essa breve trajetória que perpassa um pouco antes da Era Movimentista até os anos 2000 possibilita a percepção do movimento dialético presente nas lutas sociais. Em conjunturas mais acirradas os movimentos tendem a articularem-se melhor, visto que a própria situação social faz essa exigência. Em momento posterior a essas conquistas, as lutas sociais se enfraquecem. Esse movimento e essa breve análise serve de base para a continuidade da compreensão dos movimentos a partir de 2000 até os dias atuais. Entender os movimentos sociais hoje, por isso, é primeiramente compreender que conjuntura o Brasil vivencia, para só então entender a atuação dos movimentos.

Paralelo a luta por pautas sociais a bandeira da educação e a própria atuação dos movimentos dentro e com a educação acompanha essa mesma trajetória.

O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo leitura do mundo, que precede sempre a leitura da palavra (FREIRE, 2017, p. 79).

Aprendendo com a conjuntura e com seus próprios erros e acertos Paulo Freire conseguiu sistematizar a Educação Popular tornando-se referência mundial na educação. Tanto é que, mesmo tendo falecido em 1997, atualmente tem o título de patrono da educação brasileira declarado pela lei 12.612/21, ainda que movimentos conservadores fundamentalistas estão tentando retirar, através do projeto de Lei 1930/19, que se encontra em tramite nas câmaras dos deputados.

Os movimentos sociais sempre estiveram voltados para a educação e a preocupação de repassar essa educação que não diz respeito a um ato educativo que tem por objetivo apenas formar profissionais para o mercado de trabalho, nos termos de Paulo Freire, a chamada “educação bancária”. Fugir dessa retórica educativa é ousar e sobretudo desafiar a hegemonia que se impõe. A leitura do mundo precede a leitura da palavra porque antes de juntar as letras e soletrar uma sílaba é preciso compreender porque devemos juntá-las. Na Era Movimentistas, que foi pontuada anteriormente, a articulação da educação esteve presente.

Destacando-se o diálogo entre Freire e Nogueira (2005, p. 61 - 62) para iniciar a discussão é importante voltar a explicitação de Freire sobre a relação entre Educação popular e Movimentos Sociais:

Esse conjunto de pensamentos e atitudes foi o berço da educação popular. Ela nasceu nesse movimento de conquistar e inovar os espaços. Aquilo que se chamava “educação de adultos” foi sendo melhorado por alguns grupos que pelevavam e conquistavam uma “legítima” educação que não descuidasse da cultura popular. E a Educação Popular nascia não apenas da cultura de livros ou de museus; ela nascia da cultura que os movimentos populares usam e criam em suas lutas (FREIRE; NOGUEIRA, 2005, p. 61-62).

Os movimentos sociais como fontes geradores de saberes tratam da educação no ambiente informal, visto que o espaço formal apresentava e ainda apresenta barreiras para uma educação que procura modificar as estruturas sociais. No campo da pesquisa, o estudo da relação educação e movimentos sociais é recente. Compreende-se que o trabalho dos movimentos com e na educação perpassa tanto as tentativas institucionais, assim como o desenvolvimento na educação no próprio interior do movimento.

Essa relação no Brasil se deu lentamente, iniciando por volta da década de 1950-1960. “Os movimentos tiveram papel educativo para os sujeitos que o compunham” (GOHN, 2011, p. 334).

Sobre iniciativas relacionadas a educação encontra-se no Brasil como referência, a partir da segunda metade do século XX as Ligas Camponesas (1960), e o método Paulo Freire de ensino. As CEBs também buscaram formar politicamente seus participantes, através da educação não formal, sendo um ponto de entrada para os movimentos sociais, oferecendo uma visão crítica do mundo. Assim como os movimentos sociais em 1970 e 1980 afirmam-se e avançam, a educação dentro dos movimentos nesse período também:

Nos anos 1980, a relação educação e movimentos sociais se acentua, por meio de trabalhos de educação popular, lutas pelas Diretas Já, organização de propostas para a constituinte e a Constituição propriamente dita. Os movimentos passaram a pautar uma nova agenda de demandas, e uma nova cultura política também é construída, alterando as políticas públicas vigentes. Conselhos e delegacias das mulheres, temas étnico-raciais, ambientais etc. passaram a fazer parte do cotidiano na transição do regime militar para a fase da redemocratização. Paulatinamente, foram sendo construídas redes de movimentos sociais temáticos (GOHN, 2011, p. 347).

Os tipos de aprendizagens dentro dos movimentos sociais são diversos, Gohn (2001) destaca alguns desses tipos. São eles, aprendizagem prática, aprendizagem teórica, aprendizagem técnico-instrumental, aprendizagem política, aprendizagem cultural e linguística, sobre a economia, aprendizagem simbólica e social, cognitiva, reflexiva e, por fim, ética.

Com o intuito de adquirir um novo aprendizado além dos que advém da luta nos

movimentos sociais, Wanderley (2010) enfatiza que surgiram entidades de educação popular com o desenvolvimento de cursos de formação política com diversas especializações. Através de iniciativas nos períodos da ditadura militar e se afirmando com a redemocratização do Brasil, movimentos marcaram atuação na esfera política, através de diversificação das práticas voltada para diversos setores.

Gohn (2015) retrata que, dentre as formas de fazer educação, o método Paulo Freire, que foi bem mais do que apenas um método, ganhou destaque dentro dos movimentos sociais com o fazer educação popular. Uma educação do povo, para o povo e com o povo, possibilitava a reflexão das formas de opressões dentro da sociedade ao passo que alfabetizava os sujeitos, por isso leitura do mundo e leitura da palavra. Com as palavras de Freire (2017, p. 136) “Desde logo, afastáramos qualquer hipótese de uma alfabetização puramente mecânica. Desde logo, pensávamos a alfabetização do homem brasileiro, em posição de tomada de consciência, na emersão que fizera no processo de nossa realidade”.

O paradigma predominante da educação problematizadora organizou-se como um conjunto de ideias políticas, filosóficas e pedagógicas que surgiram com os Movimentos de Educação de Base e Cultura Popular iniciando em 1950 e tomando forma durante as décadas de 1970 e 1980. Paulo Freire torna-se a síntese desse paradigma, questionando e levando ao questionamento e problematização da realidade em prol de uma transformação social.

Arroyo (2015) refletindo sobre as políticas e diretrizes curriculares aborda que essas enfatizam um aspecto ou outro quando pensa os sujeitos diferentes dentro da educação formal de ensino. Pensa o índio, pensa o negro, pensa o pobre de uma forma ainda limitada. Nesse pensar o diferente na categoria de excluído entende-se que os mesmos necessitam de inclusão dentro das formas de educação existentes e formais. Incluir implica uma adaptação desse público para serem considerados sujeitos. Essa inclusão não trabalha nem a conscientização sobre o por que eles são considerados excluídos. Os movimentos sociais propõe outra forma de ensino:

Os movimentos sociais lutam pelo direito aos conhecimentos, outros conhecimentos e radicalizam as formas históricas de sua produção como segregados até do acesso aos conhecimentos. Reagem às estruturas econômicas, sociais, políticas, de classe que os exploram e segregam. Consequentemente desestabilizam a visão simplificada das análises oficiais, educacionais que os veem como excluídos, ignorando ou ocultando esses processos históricos mais segregadores e a relação entre esses processos e a negação do direito ao conhecimento. Essa radicalidade da análise dos movimentos sociais tem consequências também radicais na formulação dos currículos: desestabiliza o uso da escolarização, não escolarização e o uso do

conhecimento hegemônico como parâmetros de classificação dos Outros como inferiores, subalternos, excluídos porque analfabetos, iletrados, irracionais, incultos, pré-políticos (ARROYO, 2015, p. 61).

Em outro artigo, corroborando com autores supracitados, o autor traz que os movimentos sociais colocam a pauta da educação como uma das bandeiras de luta. É necessário, nesse processo, uma educação que responda os anseios dos movimentos sociais, considerando a "leitura do mundo" antes da própria "leitura da palavra". É essencial uma escola não que procure ajudar os excluídos para se tornarem incluídos, mas uma escola ou processos de ensino que pense esse público tornando-os ativos e protagonistas "De alguma forma os movimentos sociais reeducam o pensamento educacional, a teoria pedagógica, a reconstrução da história da educação básica (ARROYO, 2003, p. 30).

Os movimentos sociais não apenas no processo de lições conscientizadoras ou propagação de discursos, mas através da sua própria forma de organização e formação no seio do movimento, possibilitando aos militantes se descobrirem enquanto sujeitos de direitos. Essas experiências estiveram e estão, historicamente, mais próximas dos sujeitos populares no espaço informal, organizados também pelos movimentos sociais a quem Freire sempre se referiu, como traz Arroyo (2013, p. 34):

Paulo Freire construiu sua prática educativa, referida sempre aos movimentos de jovens, de trabalhadores e camponeses dos anos 60-70, aos movimentos culturais e de libertação dos povos da África e da América Latina. O mais importante na pedagogia da prática da liberdade e do oprimido não é que ela desvia o foco da atenção pedagógica deste para aquele método, mas dos objetos e métodos, dos conteúdos e das instituições para os sujeitos de educação, de construção de saberes, conhecimentos, valores e cultura. Sujeitos sociais, culturais, pedagógicos em aprendizados, em formação.

Arroyo (2003) indaga por que os movimentos sociais apresentam essa relação com a educação desde a raiz. Respondendo a pergunta pontua que os movimentos sociais vivenciam situações limites, se afirmando como sujeitos de decisões e de direitos e conclui:

A reflexão teórica sobre as dimensões educativas dos movimentos sociais, das práticas de educação popular ou de educação de jovens e adultos podem se encontrar aí nessa condição de permanente risco, nesse limiar-limite em que o povo tem de viver sua existência, arriscar tudo para sobreviver. Ter como objeto de pesquisa e de reflexão as artes e saberes aprendidos nessas situações totalizantes e limites da condição humana seria uma grande contribuição para superar as visões tão pontuais, didáticas, metodológicas e gerenciais que tanto tem distraído e esterelizado o pensamento e a prática escolar e extraescolar (ARROYO, 2003, p. 36).

A partir desses pontos discutidos é possível compreender a existência e coexistência dos movimentos sociais com e para a educação. Pensar movimentos sociais é pensar processos educativos, a educação como base para transformação, para mudança da realidade. A educação como uma das possibilidades viáveis e como uma das ferramentas de luta e resistência dentro dos movimentos.

## **2.2 A contribuição de Paulo Freire para a sistematização da Educação Popular no Brasil**

Paulo Freire foi o grande sistematizador da educação popular no Brasil. Algumas influências, chamadas de troncos históricos, possibilitaram essa sistematização do pensamento crítico na educação. Quatro troncos foram mais decisivos para a estruturação da Educação Popular - EP. Pode-se citar os pensadores das lutas de independência, nas tentativas de construção e universidades populares ao longo da primeira metade do século XX em solo latino, nas experiências latino americanas de construir uma escola com influência da sabedora Aimara e Quéchua e por fim, as tentativas de construir projetos educativos a serviço dos grupos oprimidos. Sobre esses quatro troncos e a construção de um quinto, Mejía (2018, p. 24 -25), afirma:

Estes quatro troncos históricos, nos quais a busca de uma educação própria e em alguns casos chamada de "educação popular", foram preenchidos de conteúdos em seu momento e nas particularidades de sua realidade, voltam a surgir em nosso continente da década de 60 do século passado, constituindo um quinto tronco que originaria uma série de processos que tornariam novamente o nome da educação popular, Educação Libertadora, Pedagogia do Oprimido, Educação Emancipadora, Pedagogias crítico-sociais, Pedagogias comunitárias, da qual Paulo Freire, membro do Movimento de Cultura Popular de Base em Recife, seria seu maior expoente.

Como fruto do seu tempo, o educador Paulo Freire denunciou as forças ainda coloniais que eram hegemônicas, quebrando o eurocentrismo e americanização da cultura e saber latino americano. Conforme Mejía (2018), para essa construção cria-se caminhos e leituras alternativas, dentre eles, um marxismo a partir da América Latina, a Teologia da libertação, o teatro do oprimido, a participação popular e a investigação participante. Essas ferramentas e horizontes de entendimento dos movimentos sociais permitem a superação do paradigma positivista que separa a teoria e a prática.

Na busca de caminhos e transformações sociais que possibilitassem melhoras para a classe popular, surgiu uma prática latino-americana. Ainda de acordo com o autor, a EP bebe do passado, porém agrega elementos originários, redefinindo o que seria educação. Dentro desse novo tronco onde floresceu a educação popular, práticas e propostas educativas fomentaram o acervo histórico, social, prático e teórico da EP. São elas, a educação de adultos, os grupos cristãos populares, a esquerda latino-americana, o movimento cultural popular, a capacitação técnica produtiva, setores da academia, setores da escola formal e processos de grupos étnicos e de gênero.

No cerne desses pilares do quinto tronco é notado primeiramente a educação de adultos, que se desenvolveu na Europa durante as guerras mundiais, onde diversas pessoas foram reeducadas para adaptarem-se as mudanças consequentes das guerras. Chegou a América Latina por meio da Agência Interamericana de Desenvolvimento (AID), diferenciando educação formal e não formal, que acompanhou a educação popular (MEJÍA, 2018). Pontuando sobre a educação de adultos no Brasil, Wanderley (2010, p. 28) destaca que "Nos primórdios da educação de adultos, ela se inseria privilegiadamente nas plataformas governamentais para as escolas, com algumas exceções".

Um outro ponto foram os grupos cristãos populares, que novamente na Europa, alguns grupos religiosos se rebelam contra a desigualdade social e optam por cuidar dos sujeitos ditos "marginalizados". Alguns sacerdotes emigraram para países da América Latina, começando a desenvolver uma igreja voltada para o povo, denunciando estruturas de poder que faziam alianças com hierarquias eclesiásticas:

[...] estas práticas vão obter certa legitimação oficial no âmbito eclesial, através das conclusões do Concílio Vaticano II (1963) e da Conferência Episcopal de Medellín (1968), a qual teve influência de Paulo Freire através de seus escritos, dando passagem a uma corrente de pensamento a qual brotará a Teologia da Libertação e a educação libertadora como sua proposta educativa (MEJÍA, 2018, p. 42 - 43).

A participação popular torna-se um dos elementos centrais presentes a partir de então. A esquerda latina americana também influenciou o quinto tronco. Fundamentados na época pela teoria de Karl Marx, o Materialismo Histórico Dialético, e construindo a luta pela revolução brasileira, a ação educativa era ponto central, para tanto a formação teórica, técnica e prática deveria ser estimulada.

O Movimento Cultural Popular surge da Juventude Operária Católica (JOC), na década

de 1950 e vinculavam-se a trabalhos camponeses e em bairros populares. "Destes grupos de influência, um de seus membros - talvez o mais notável - vem a ser Paulo Freire" (MEJÍA, 2018, p. 48). Através da cultura buscavam a tomada de consciência da realidade. Surge, então, o método de alfabetização por meio das palavras geradoras.

A capacitação técnica produtiva centra-se nos processos de formação, mas, sem desarticular a possibilidade de vinculação produtiva direta para sustento material da classe trabalhadora. Sem renunciar o horizonte da transformação social, entenderam a necessidade da capacitação técnica, relacionando educação e produção. Setores da academia também foram importante nesse processo, uma vez que tentavam o conhecimento ao povo através do reconhecimento da sabedoria popular. Compreendiam a necessidade de processos investigativos próprios do povo e para o povo.

Já nos setores da escola formal buscava-se construir escolas que se identificassem com os atores populares, embora a educação popular tenha encontrado dificuldades de diálogo com esse setor devido a reprodução ideológica do sistema capitalista nesse espaço. Apesar dessa dificuldade, "A educação popular na escola formal transforma a tarefa concreta das práticas pedagógicas, propondo, no dia a dia, modificações que formam subjetividades críticas e constroem o projeto emancipatório da sociedade" (MEJÍA, 2018, p. 54). Por último, os processos de grupos étnicos e de gênero trazem contribuições para a EP à medida que demonstram que a opressão vai além da questão da classe social, embora seja aprofundada e, portanto, mais nítida, nas classes que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Para Mejía (2018), Freire é um educador fruto do seu tempo e da conjuntura que fez parte. Desde o abandono da carreira no direito a opção pela educação até o exílio possibilitaram a construção do seu pensar e fazer educação. Suas teorias e reflexões nunca se separaram da prática, muito pelo contrário, reconstruíram-se através da observação e vivência dela. Com uma obra que não se detém e não se limita foi desconstruindo seu passado ao passo que a conjuntura se modificava. Dentre essas reconstruções, quatro foram importantes. A primeira foi a reconstrução da interpretação do novo contexto, entendendo que o mundo não está dado, a neutralidade é ilusória e que a linguagem, culturas e poderes dentro da sociedade devem ser estudados.

A segunda reformulação foi sobre a reconstrução do projeto emancipador que deve estar em consonância com a teoria e a prática. A reconstrução da pedagogia crítica, objetivando desconstruir uma pedagogia eurocentrada, desenvolvendo uma pautada na indignação, autonomia e esperança "este vê a pedagogia como uma prática educativa e política que tem seu

espaço e seu tempo na esfera da cultura e, portanto, também no mundo das escolas" (MEJÍA, 2018, p. 193). Paulo Freire também reconstrói a própria educação popular, com o enfrentamento aberto ao neoliberalismo e conservadorismo e, concluindo, a reconstrução do ser intelectual educador, que respeite os saberes dos educandos, aprendendo e ensinando com eles.

Sobre a influência e importância de Freire na educação popular, entende-se que o educador postula uma educação libertadora e conscientizadora, voltada para a transformação dos atores envolvidos e da realidade. Segundo Gohn (2013), a pedagogia do diálogo modificou a relação professor-aluno, onde o educador passa a ser visto como aquele que aprende ao passo que ensina e o aluno como aquele que ensina ao passo que aprende. Para a época o método de alfabetização era moderno e avançado, iniciando-se no Nordeste e ampliando-se para todo o território. O método resumia-se em três aspectos básicos: a investigação temática, a tematização e a problematização. A investigação temática partia da realidade dos educandos com a busca de palavras-chaves que abordasse a realidade. A tematização consiste na codificação dessas palavras e dos seus significados sociais e a problematização é a busca da visão crítica sobre os temas estudados.

Paulo Freire melhor sistematizou como seria o processo de alfabetização no seu livro *Educação como Prática da Liberdade* (2017) como resultado da sua tese de doutorado. Embora tendo reformulado alguns pontos que aparecem nesse livro a análise da conjuntura da época e o método de alfabetização que o livro disserta não pode ser ignorado para compreensão da proposta de educação em Freire.

Freire (2017) começa o livro falando sobre a temporalização do ser humano. Mulheres e homens estão no mundo e agem nesse mundo. Como seres inacabados possuem possibilidades para modificarem sua realidade. Os sujeitos como seres históricos e culturais podem interferir nessa história e nessa cultura. Porém, o não repasse e entendimento dos sujeitos como atores e modificadores os acomoda e aprisiona dentro de uma falsa realidade, onde deve apenas se ajustar ao meio, levando a uma massificação e fatalismo. Para não coisificação dos sujeitos é necessário uma permanente atitude crítica, possibilitada pela educação que estimula o processo de conscientização a fim de que os sujeitos se humanizem, visto que no sistema capitalista o processo de desumanização, individualismo e competição é uma constante.

Para Freire (2017), o período da colonização, que mantinha a escravidão demarcava um tipo de sociedade fechada. As sociedades tidas como fechadas não permitem a consciência crítica, mas mantêm nos sujeitos numa intransitividade da consciência. Mesmo com a capacidade de desenvolver a criticidade os sujeitos não conseguem devido o processo de

alienação que não possibilita entender a realidade social. O fatalismo e paternalismo são características dessa sociedade. Com o início de uma tentativa democrática no Brasil, a sociedade passa de uma estrutura fechada para uma em trânsito, objetivando a sociedade aberta. Na sociedade transitiva o nível de consciência ainda é mágico ou ingênuo, pois embora o indivíduo tenha mais consciência não se sente responsável nem protagonista pela transformação social.

Nas sociedades abertas o nível de consciência é crítico, alcançado por meio da educação que possibilita a emersão nos sujeitos que antes estavam aprisionados nas sociedades fechadas. Freire (2017), traz que a ditadura popular foi uma tentativa de retrocesso para de uma sociedade em trânsito para uma fechada, protagonizada por sectários que queriam manter-se no poder.

Sobre a educação necessária para uma sociedade aberta necessitaria de levar a decisão, responsabilidade social e políticas dos atores sociais. Uma educação que possibilitasse a discussão da realidade, que o colocasse em diálogo numa constante rebeldia traduzido como uma inquietação perante as injustiças. Educação corajosa, que Freire (2017, p. 122 - 123) formula:

De uma educação que levasse o homem a uma nova postura diante dos problemas do seu tempo e de seu espaço. A da intimidade com eles. A da pesquisa em vez da mera, perigosa e enfadonha repetição de trechos e de afirmações desconectadas das suas condições mesmas de vida. [...] Entre nós, repita-se, a educação teria de ser, acima de tudo, uma tentativa constante de mudança de atitude. De criação de disposições democráticas através da qual se substituíssem, no brasileiro, antigos e culturológicos hábitos de passividade por novos hábitos de participação e ingerência, de acordo com o novo clima da fase de transição.

Para uma sociedade aberta, Freire (2017) ainda afirma que seria necessário não apenas a superação do analfabetismo que assola o país, mas também a superação da inexperiência democrática. Dentro dessa problematização, resta indagar em que momento democrático ou de abalos na democracia brasileira a sociedade atual está inserida. Aparentemente a inexperiência democrática ainda se demonstra como um problema a ser superado, visto o episódio de golpe destinado a presidenta Dilma Rousseff

Outro livro importante para pensar Freire e as bases da educação popular foi a Pedagogia do Oprimido (2016). Esse livro denso escrito no exílio e publicado sua primeira versão nos Estados Unidos foi essencial para embasar a educação popular. Nele, Freire traz essenciais definições e bases teóricas que fundamentam toda uma práxis, aprofundando o que

fora iniciado de discussão na Educação como prática da liberdade.

Inicialmente vai definindo o que é e quem são os oprimidos e o que é e quem são os opressores, assim como as dificuldades de libertação das opressões. Nesse processo os oprimidos precisam libertar a si e aos opressores que também estão num processo de desumanização. Nessa introdução traz sua célebre frase na qual adverte que o sonho do oprimido é se tornar opressor caso ele não se liberte por meio de uma educação crítica. Mas, libertar-se não é fácil, como ele aponta, “A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso” (FREIRE, 2016, p. 46).

Na Pedagogia do Oprimido, o educador também faz a importante diferenciação da “educação bancária” da educação libertadora. Sobre a educação bancária aponta que o detentor do conhecimento é o educador que deve depositar as informações no aluno entendido como sujeito passivo. Na educação bancária o educador é quem educa, é o que sabe e o que pensa e quem diz as palavras enquanto os educandos escutam passivamente. O educador também é aquele que atua e escolhe o conteúdo programático, enquanto os educandos devem ajustar-se a essas escolhas. Na educação libertadora, educando e educador são protagonistas no processo do educar trazendo como base o processo dialógico. O educar envolve os educandos no processo de elaboração da ação educativa, respeitando-os enquanto sujeitos que possuem conhecimentos. Essa forma de educar embasa a educação popular e suas práticas.

Nesse livro, Freire ainda fala sobre a teoria da ação dialógica e a teoria da ação antidialógica. Na ação dialógica é notável características no processo do educar como a colaboração, a união, organização e síntese cultural, onde o educar soma sua forma de viver com a forma dos educandos. Na teoria da ação antidialógica prevalece a conquista como forma de controle, a divisão para manter a opressão, a manipulação e a invasão cultural com a imposição da cultura dos opressores sobre a dos oprimidos. Para ser uma prática de educação popular a mesma deve apresentar as características da ação dialógica.

A Pedagogia do Oprimido foi um desenvolvimento da Educação como Prática da Liberdade. Como já fora abordado no trabalho, Freire é fruto do seu tempo e se reconstrói ao ponto que a conjuntura avança. No livro Pedagogia da Esperança, trabalhou alguns pontos questionados e levantado pela crítica na Pedagogia do Oprimido, deixando claro inicialmente que sua intenção não é refazer o livro, mas repensar levando em conta o caráter dialético das coisas.

Freire (2015) começa o livro contextualizando experiências da sua vida com sua teoria. Essas experiências influenciaram algumas teorias suas, como o caso de levar em conta a

realidade do oprimido, devido uma experiência que teve no Serviço Social da Indústria - SESI a qual foi questionado por um trabalhador. Em outros momentos, o educador explicita as críticas dirigidas a ele na Pedagogia do Oprimido, dentre elas, a escrita que só retratava o gênero masculino, escrita também rebuscada e falar em oprimidos ao invés de classe. Em alguns momentos Freire concordou com as críticas como foi o caso da escrita só no gênero masculino e passou a escrever no feminino também ao falar dos sujeitos (mulheres e homens ao invés só de homens para representar o todo). Esse livro representa a dialética em Freire e sua capacidade de reformulação e coesão com sua existência no mundo.

Por fim, mais um livro que representa as contribuições da educação em Freire é Pedagogia da Autonomia (2017). Nesse livro ele descreve os saberes necessários a prática educativa. Tratando que ensinar exige uma série de fatores. Dentre eles: ensinar exige rigorosidade científica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, estética e ética, corporificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática e reconhecimento e assunção da identidade cultural.

Para transmissão dos conhecimentos também aponta que é necessário consciência do inacabamento, de ser condicionado, mas não determinado, respeito a autonomia do educando, bom-senso, humildade, tolerância, e luta em defesa dos direitos, apreensão da realidade, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível, curiosidade, segurança, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, tomada consciente de decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é dialógica, disponibilidade para o diálogo, querer bem aos educandos.

Embora apareça muitas características que precisam ser desenvolvidas para atuação enquanto docente, no livro Freire vai explicando cada um desses pontos e de como seria possível alcançá-los e porque são aspectos necessários. Educar de fato não é fácil. Pensar a educação problematizadora em épocas de retrocesso é mais difícil ainda. O poder hegemônico do sistema capitalista não apresenta interesse numa educação que liberte. Portanto, lutar por essa educação é lutar contra a maré, é enfrentar os processos de alienação, não sozinho, pois como Freire (2015) pontua os seres humanos libertam-se em comunhão. Nesses livros e em tantos outros é possível conhecer o educador Freire e suas influências para uma educação, de fato, popular.

Arroyo (2011) pontua que Paulo Freire é símbolo de toda essa trajetória sobre a

Educação Popular. Nos últimos 50 anos foi considerado um dos nomes mais importantes, estudado a nível nacional e internacional, sendo possível entendê-lo dentro do contexto histórico que viveu. Sempre aprendendo, conseguiu captar a essência do que apresentava-se no momento.

O autor traz alguns pontos sobre a relação entre Paulo Freire e a construção de um projeto popular para o Brasil, que implica necessariamente a educação também. Em primeiro lugar, Freire não inventou um método ou receita de bolo que pudesse ser seguida levando a algum resultado. Educar, para ele, seria uma conduta, um compromisso, levando a reflexão sobre que valores é preciso desenvolver para atuar com educação popular. Educação é um ato político, sem espaços para neutralidades, indo na contramão do tecnicismo. O educar levava em conta os saberes dos educandos, e contrapondo a cultura elitista e burguesa, por conta disso foi, e continua sendo, perseguido. Não apresentava uma visão conteudista, visando apenas o repasse de informações. Educar é entendido como uma relação entre pessoas, onde o educador deve ser sempre exemplo.

Após a compreensão da trajetória dos movimentos sociais em solo brasileiro e da participação e importância de Freire dentro dessa construção podemos debater sobre a educação popular.

### **2.3 Debatendo sobre Educação Popular**

Definir educação popular é necessário quando falamos dessa forma de educação, visto que em outros momentos da educação brasileira, o popular referia-se apenas a uma educação pública, para todos. A educação popular sistematizada por Freire, vai mais além dessa educação “para todos” mantendo a inclusão “do todos” dentro da sua caracterização.

Em Educação como Prática da Liberdade (2017, p. 80), Freire começa a dissertar qual seria essa forma de educação libertadora. Nas suas palavras o educador traz:

[...] por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorria sua capacidade de opção. Educação que levasse em consideração os vários graus de poder de captação do homem brasileiro da mais alta importância no sentido de sua humanização.

Refletindo sobre as palavras do autor, compreende-se que esse fazer educação está ligado intrinsecamente a passagem de sujeitos passivos na sociedade para sujeitos protagonistas dos seus processos de tomada de consciência e transformação da realidade.

Na *Pedagogia do Oprimido* (2016, p. 56), sistematizando melhor essa definição sobre educação e a diferença entre educação bancária e educação libertadora é notável reflexões que fundamentam a educação popular. "Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos" (Idem). A educação e pedagogia da libertação, em primeiro lugar, caminha com um público específico, a classe oprimida e marginalizada socialmente. O autor esclarece que os oprimidos são sujeitos da classe popular, que embora possuam seus saberes populares, simultaneamente estão envolvidos em processos de alienação e opressão econômica, política e social. Logo, o objetivo da educação é contribuir com o processo de conscientização da classe popular objetivando a transformação democrática do sistema opressor.

Um dos formatos do processo alienador é a educação bancária, presente no sistema formal de ensino. E por que bancária?

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em "vasilhas", em recipientes a serem "enchidos" pelo educador. Quanto mais vá "enchendo" os recipientes com seus "depósitos", tanto melhor educador será. Quanto mais se deixam docilmente "encher", tanto melhores educandos serão (FREIRE, 2016, p. 80).

A educação bancária é mecânica, estática, objetivando a formação técnica e pragmática, mas sem um desenvolvimento do caráter crítico do pensamento. Nessa perspectiva, imposta pelo sistema capitalista, não é necessário pensar, é necessário decorar informações. Essa forma de educar, nada mais é do que tentativas de tornar o ensino e a educação processos neutros, quando essa mesma educação bancária está envolta de ideologia dominante. Mas, como diria Freire (2017) a educação não é neutra, porque é política, visto que os seres humanos são seres políticos por essência. Para o alcance da tomada de consciência seria necessário outra forma de educar, alternativa a educação bancária, pois, "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 2016, p. 95). É com esse subtítulo que Freire inicia a discussão sobre a educação problematizadora que está presente e se faz na educação popular, independente do espaço que esteja inserido. Falar que ninguém educa ninguém implica dizer que a educação não se dá de cima para baixo, mas acontece de forma horizontal e dialética. Nessa influência mútua educador-educando,

ninguém educa a si mesmo, pois é necessário o processo de relação entre dois ou mais, visto que somos seres sociais.

Sobre a diferença das duas formas de educação (bancária e problematizadora/libertadora), Freire (2016, p. 101) aponta:

A primeira "assistencializa"; a segunda, criticiza. A primeira, na medida em que, servindo à dominação, inibe a criatividade e, ainda que não podendo matar a intencionalidade da consciência como um desprender-se ao mundo, a "domestica", nega os homens na sua vocação ontológica e histórica de humanizar-se. A segunda, na medida em que, servindo à libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras dos homens sobre a realidade, responde à sua vocação, como seres que não podem autenticar-se fora da busca e da transformação criadora.

A educação bancária e a problematizadora não surgiram no Brasil por acaso, ambas são frutos da trajetória do ensino brasileiro que tenta manter ou modificar o sistema econômico e político vigente. Baptista (2012) traz que enquanto a educação que visa manter o sistema capitalista traz as bases da educação nova ou também chamada de ativa, fundamentadas em John Dewey (1859-1952), a educação problematizadora bebe na fonte de autores marxistas que falaram sobre a educação crítica, dentre eles, Antonio Gramsci (1891-1937), o qual Paulo Freire também dialoga em suas obras.

Considerar a educação sem possibilidades de neutralidade não se fundamenta apenas no argumento de que somos seres políticos. Através da análise da trajetória brasileira, referente a educação, Saviani (2008) nos seus estudos sobre a história das ideias pedagógicas faz entender sobre a disputa entre igreja e Estado pelo controle do ensino que iniciou com a chegada dos jesuítas até o advento da escola nova. Todo esse caminho dialético e contraditório foi marcado por interesses, por ideologias, visto que, elaborar a educação diz respeito a construção de que forma de sociedade deve existir.

Ainda conforme Saviani (2008), compreende-se que a partir da década de 1930 fortifica-se em solo brasileiro a Escola Nova, surgindo como a reformulação do ensino buscava novas diretrizes na educação com um caráter liberal, principalmente após a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova em 1932. A "educação nova" adentra o Brasil importada por figuras que marcaram a educação como Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo.

Baptista e Palhano (2013) apontam que o intelectual relevante desse movimento liberal, John Dewey, nasceu no estado de Vermont, nos Estados Unidos, trazendo a tecnologia,

democracia e capitalismo como elementos centrais do novo mundo. Conhecido por uma política liberal buscava um pensamento político independente. De família religiosa, defendia a manutenção da sociedade capitalista democrática, por meio do aprimoramento das suas instituições, dentre elas a educação. Fundamentado no pragmatismo, pontuou a práxis meramente como o prático utilitário, ou seja, a ação do mundo para melhorar e manter esse mundo, formulando com precisão o método pragmatista. A educação, nessa concepção, colocando a experimentação do aluno como importante, prepara os indivíduos para o mundo do trabalho que mantém o sistema social. Não há uma necessidade de criticar como o sistema está acontecendo para modificá-lo, mas adaptar-se as necessidades sociais. A escola nova antecedeu a sistematização da educação popular, influenciando a elaboração das críticas referentes a educação como adaptação ao sistema. Apesar de outras influências terem surgidos depois no Brasil, suas bases ainda podem ser observadas na educação atual.

Sobre a educação crítica, as autoras trazem Antonio Gramsci, italiano da ilha de Sardenha. Na juventude entra em contato com o jornal socialista Avanti, tendo acesso ao pensamento de Karl Marx apresentou grande militância política e jornalística escrevendo artigos para esses jornais. Gramsci entende a educação como luta cultural, influenciado pelo materialismo histórico e dialético, compreendendo a importância da relação teoria e prática na educação:

Gramsci aponta para a educação que possibilite a formação de uma nova cultura, de uma concepção do mundo mais integral, mais coerente, mais organizada, enfim, mais filosófica, através do abalamento das "fortificações" das sociedades capitalistas, visando à construção de sujeitos sociais críticos e engajados na luta por transformação social (BAPTISTA; PALHANO, 2013, p. 22).

As publicações de Antonio Gramsci no Brasil datam de 1960 no momento em que a educação popular começa a alavancar. Seus escritos Cartas e Cadernos do Cárcere são importantes fontes de suas ideias construídas na prisão, a qual foi submetido devido sua influência na construção dos partidos comunistas. O trabalho nessa perspectiva deve ser uma ação consciente, devendo ser questionado as formas de alienação que permeiam o mundo do trabalho. A práxis em Gramsci relaciona-se a transformação da realidade e não apenas a prática utilitária. "Na concreticidade, a práxis é a ação consciente dos sujeitos que une a teoria, compreensão da realidade, à prática (trabalho criativo, transformação do mundo" (BAPTISTA; PALHANO, 2013). A educação e o papel da educação, em Gramsci, deve ser questionado, na

busca da compreensão em relação a quem ou o quê o ensino está servindo, visto que o processo do educar não deve acomodar os sujeitos, mas impulsioná-los na busca da transformação das estruturas sociais.

Paulo Freire traz a democracia e os processos democráticos na educação como fundamentais. Assim como Dewey, buscou entender a democracia como uma possibilidade e ferramenta para a transformação da realidade. Mas é a categoria práxis que o aproxima do marxismo gramsciano: "A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimido" (FREIRE, 2016, p. 52). Além da semelhança na definição de práxis, ambos compreendem a educação como possibilidade da transformação social. O educador Freire, em diversas passagens no livro *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2017), deixa mais do que claro suas críticas em relação ao pragmatismo e neoliberalismo que fundamentavam a educação nova:

Que dizer da professora que, de esquerda ontem, defendia a formação da classe trabalhadora e que, pragmática hoje, se satisfaz, curvada ao fatalismo neoliberal, como o puro treinamento do operário, insistindo, porém que é progressista? (p. 36).

Às vezes, temo que algum leitor ou leitora, mesmo que ainda não totalmente convertido ao "pragmatismo" neoliberal, mas por ele já tocado, diga que, sonhador continuo a falar de uma educação de anjos e não de mulheres e homens (p. 37).

A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado (p. 43).

Contra toda a força do discurso fatalista neoliberal, pragmático e reacionário, insisto hoje, sem desvios idealistas, na necessidade da conscientização (p. 54).

Como fruto do seu tempo, Freire conseguiu de fato sistematizar ideias possibilitando não apenas o pensar educação crítica, mas fazer educação crítica. A educação popular é a prova e síntese disso. Entender Freire é buscar compreender o que despertou a educação problematizadora e que forças tentam aniquilá-las da história brasileira na atual conjuntura. A partir de Freire, outros autores progressistas, trazem essa herança crítica transformadora, buscaram definir a educação popular que efetivamente se preocupou em valorizar o popular, tanto em uma perspectiva política quanto pedagógica.

Brandão (1981) aponta que a educação precisa ir além do ato de ensinar, implicando o reconhecimento de práticas. A educação perpassa a própria condição humana de sujeitos culturais, pois se os seres humanos utilizaram e utilizam símbolos, signos, linguagem, costumes, foi necessário o conhecer. A própria sobrevivência e evolução da espécie precisa da

aprendizagem. Sobre essa relação Brandão (1981, p. 10) escreve que "Ao mesmo tempo em que socialmente a educação, um domínio da cultura entre outros, é condição da permanente recriação da própria cultura, individualmente a educação, uma relação de saber entre trocas de pessoas, é condição da criação da própria pessoa". Já sobre a aprendizagem traz que "Aprender significa tornar-se, sobre o organismo, uma pessoa, ou seja, realizar em cada experiência humana individual a passagem da natureza à cultura" (Idem).

O autor continua que embora o aprender acompanhe a história da humanidade, as práticas pedagógicas são tardias. No Brasil inicia-se com os jesuítas, embora os índios utilizassem uma forma de repasse do conhecimento, principalmente manual, da tribo, sendo assim, um lugar destinado aos processos do aprender chega no Brasil com a colonização, trazendo a aculturação como objetivo.

Nesse contexto, o saber popular dos indígenas foi aos poucos engolido pela necessidade de submersão da cultura dos índios pelos europeus que já traziam a educação e o conhecimento como uma forma de poder. A elite usa a educação para oprimir e os opressores para continuarem oprimidos, através do processo de alienação. Essa educação relaciona-se com a divisão das classes sociais, funcionando para a manutenção do sistema que se apresentava e apresenta-se até hoje, apesar dos avanços.

Assim, a educação como prática em si mesma e a escola como o lugar físico do seu exercício representam um desdobramento do processo de expropriação do poder comunitário sobre a totalidade do saber necessário. A produção de um saber popular se dá, pois, em direção oposta àquela que muitos imaginam ser a verdadeira. Não existiu primeiro um saber científico, tecnológico, artístico ou religioso "sábio e erudito" que, levado a escravos, servos, camponeses e pequenos artesãos, tornou-se, empobrecido, um "saber do povo". Houve primeiro um saber de todos que, separado e interdito, tornou-se "sábio e erudito"; o saber legítimo que pronuncia a verdade e que, por oposição, estabelece como "popular" o saber do consenso de onde se originou. A diferença fundamental entre um e outro não está tanto em graus de qualidade. Está no fato de que um, "erudito", tornou-se uma forma própria, centralizada e legítima de conhecimento associado a diferentes instâncias de poder, enquanto o outro, "popular", restou difuso — não centralizado em uma agência de especialistas ou em um polo separado de poder — no interior da vida subalterna da sociedade (BRANDÃO, 1981, p. 15).

A educação, apesar das mudanças que ocorreram no ensino, desde os jesuítas até os dias atuais, se mantém como reprodutora do sistema vigente, focando uma educação popular no sentido de educação pública, que não tem por objetivo maior questionar os problemas da sociedade e tornar os sujeitos protagonistas do processo de transformação social.

Surge, pela primeira vez, uma proposta de ensino popular de fato popular porque "o

que ela 'ensina' vincula-se organicamente com a possibilidade de criação de um saber popular, através da conquista de uma educação de classe, instrumento de uma nova hegemonia" (BRANDÃO, 1981, p. 48). A educação popular é um momento de ruptura, passando de uma educação para o povo, para uma educação com o próprio povo.

Sobre os pontos de partida da educação popular, o autor destaca a acumulação de um saber popular, a cultura popular, a participação do educador na mediação dessa educação, os desdobramentos das práticas pedagógicas entre educadores e educandos. A educação popular pode estar em todos os lugares que, respaldada na atuação dos movimentos sociais, torna-se um trabalho coletivo em si mesmo, para além de uma atividade pedagógica.

A educação popular é a negação da negação. Não é um “método conscientizador”, mas é um trabalho sobre a cultura que faz da consciência de classe um indicador de direções. É a negação de uma educação dirigida “aos setores menos favorecidos da sociedade” ser uma forma compensatória de tornar legítima e reciclada a necessidade política de preservar pessoas, famílias, grupos, comunidades e movimentos populares fora do alcance de uma verdadeira educação. Ela procura ser, portanto, não a afirmação da possibilidade de emergência de uma nova educação “para o povo” — o que importaria a reprodução legitimada de “duas educações” paralelas, condição da desigualdade consagrada — mas a da necessidade da utopia de transformação de todo o projeto educativo a partir do ponto de vista e do trabalho de classe das classes populares (BRANDÃO, 1981, p. 50).

Partindo para uma própria definição de educação popular em Freire, que também é chamada de educação libertadora, encontra-se a seguinte passagem que retrata diversas características da educação popular,

Entendo a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em uma primeira "definição" eu aprendo desse jeito. Há estreita relação entre escola e vida política (FREIRE; NOGUEIRA, 2005).

Em outro livro de sua autoria o autor aponta que ao falar sobre educação popular é importante pontuar de que lugar está sendo falado, qual prática está sendo referida, visto que a educação popular não é única. Carrilo (2011, p. 63-64) define a educação popular problematizando o pensar e falar sobre educação popular,

Por un lado, la EP puede se caracterizada como corriente pedagógica originada

en América Latina en torno al aporte fecundo de Paulo Freire, desde la cual se han generado una serie de planteamientos educativos y propuestas pedagógicas que tienen como referencia el campo de relaciones entre educación y política, en particular el de las prácticas educativas intencionalmente emancipadoras. A la vez, identificadas con a la EP, se reconoce un conjunto amplio de prácticas sociales y educativas desarrolladas por una pluralidad de actores sociales y en una diversidad de ámbitos que se identifican con opciones éticas y políticas alternativas comprometidas con los sectores populares. El reconocimiento de la heterogeneidad de actores, ámbitos de acción y dinámicas regionales, implica que la EP no puede ser vista como un movimiento educativo homogéneo ni un cuerpo teórico acabado; más bien, puede considerarse como un campo social e intelectual en construcción, en la medida en que se vayan consolidando las redes y los espacios de producción y discusión de ideas y propuestas entre los actores colectivos e individuales que agencian prácticas y discursos educativo populares. Considerar la EP como un campo de acción y reflexión, plantea la exigencia de hacer explícito, cuando se escribe se habla de la EP, quién y desde dónde se habla [...]. En lugar de hipostasiar o asumir la EP como una entidad única, se hace necesario aclarar desde qué lugar institucional, social, académico y geográfico se habla y a qué ámbito de la EP nos referimos, salvo que nos situemos en una perspectiva meramente ideológica.

Em outros autores acham-se diversas definições cruciais para pensar a educação popular que se complementam. Carrillo (2013) aborda o fato de não haver apenas acúmulo teórico, mas também acúmulo de pensamento e sabedoria que fomenta os professores formativos das classes populares.

Streck (2013) traz um importante ponto sobre educação popular em parceria com a caracterização dos movimentos sociais atuais, ao afirmar, que ela está umbilicalmente ligada aos movimentos sociais populares, tornando-se uma pedagogia do movimento, se integrando e somando as lutas sociais na busca da construção de novos territórios. Portanto, cada vez mais a educação popular é uma educação indígena, feminista, negra, dos sem-terra e dos sem-teto.

Nas palavras de Wertheim (1985, p. 20) "a educação popular se propõe a fortalecer um processo de liberação e humanização dos explorados e oprimidos". O autor destaca os pressupostos subjacentes à educação popular, pontuando a realidade concreta dos sujeitos como ponto de partida, o trabalho sempre com grupos, não com indivíduos, o processo de participação popular, a busca da transformação social, o desaparecimento do papel de mestre, uma abordagem integrada e global, além da proposta de um modelo alternativo de sociedade.

A pesquisa não pode pontuar definições sobre educação popular sem abordar as definições da educação popular hoje. Assim, por meio das definições gerais de alguns autores aqui mencionados e, baseando-se nelas, algumas conclusões podem ser levantadas. Em primeiro lugar, a educação popular é um movimento contra-hegemônico e, portanto adentrou o

contexto do Brasil como um nadar contra o sistema capitalista, negando as propostas de educação pragmática da época. Esse nadar contra a correnteza não foi fácil, pois enfrentou e enfrenta o poder hegemônico da educação neoliberal que contribui com a manutenção das desigualdades dentro do sistema capitalista. Portanto, falar em educação popular, é falar sobre romper o sistema excludente e opressor atual.

Sobre definir educação popular é necessário entender que não se pode colocar tudo que a educação libertadora representa dentro apenas de uma única definição cristalizada, compreendo o próprio processo de movimento/dialética da educação popular. Existem diversas práticas, sujeitos, territórios, contextos de atuação e reflexão sobre a educação popular. Falar sobre é explicitar de que ponto e horizonte está sendo falado.

Refletir sobre as definições da educação popular também leva não apenas a pensar como a educação problematizadora foi definida inicialmente, mas como está definida e sendo visualizada dentro da sociedade brasileira hoje, visto que o trabalho estuda um movimento que atua nos dias atuais.

Desde 2003, ano em que o Levante Popular da Juventude surge, o Brasil vivenciou quatro governos. O de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), Dilma Rousseuf (2011-2016), Michael Temer (2017-2018), fruto de um golpe, e atualmente vivencia o governo de Jair Bolsonaro. Como já fora mencionado, a educação é uma das formas de constituição da sociedade, logo, a depender do governo as estruturas educacionais se modificam. As autoras Oliveira e Machado (2018) falam que o Brasil vivencia um golpe jurídico, parlamentar e midiática com o intuito de desarticular o que foi construído durante os governos progressistas de Lula e Dilma. As conquistas da classe trabalhadora foram notórias e inegáveis nesses governos, dentre elas, as vagas nas universidades e creches, Leis trabalhistas, piso salarial dos professores e os programas sociais de transferência de renda. Essas conquistas melhoraram de forma clara a qualidade de vida sobretudo da classe popular. Porém, respaldado da grande mídia, parlamento e judiciário o golpe derruba o governo de Dilma, em nome de Deus e da família, traz uma nova perspectiva de projeto de governo.

Segundo as autoras, esse projeto Econômico e Político, chamado de Ponte para o Futuro teve como objetivo central retirar as conquistas alcançadas em diversas áreas, inclusive na educação. Enquanto nos governos progressistas há uma expansão do adentramento e qualidade no ensino, no governo Temer houve uma tentativa privatização da educação:

Numa conjuntura de golpes de Estado, como o que vivenciamos atualmente

no Brasil, o "patrimônio intelectual" dos estudantes geralmente é ameaçado por aulas proferidas por profissionais sem qualificação, inaptos para exercerem o pensamento crítico, sem base acadêmica, intelectual e humanística para saírem na transitividade ingênua à crítica, visto que os concursos públicos, que servem para selecionar os profissionais mais qualificados, passam a ser substituídos pela lógica mercadológica da privatização" (OLIVEIRA; MACHADO, 2018).

Dentro dessa ênfase na lógica da educação mercadológica neoliberal parece haver uma retomada da educação bancária, que, permeada de interesses, busca apaziguar o aspecto crítico do ensino. Assim como a educação problematizadora faz críticas em relação a educação bancária, essa educação mercadológica parece querer aniquilar qualquer forma de educação crítica, dentre eles, a educação popular e o nome do educador Paulo Freire.

O governo do Presidente Jair Bolsonaro acentuou e agravou, assim como continua agravando o desmonte nas conquistas sociais, sobretudo na educação. Antes mesmo das eleições surgiu a defesa da Escola Sem Partido, onde uma série de parlamentares queriam aprovar uma lei que proibisse qualquer manifestação de opinião contra o que estava surgindo no governo ou até mesmo contra o próprio ensino dos fatos históricos.

Com raízes em 2004, a chamada “Escola sem Partido” se organiza como um movimento, iniciado por intitulados pais e estudantes preocupados com o caráter político e ideológico da educação brasileira, desde o ensino básico ao superior:

São estabelecidos mecanismos de monitoramento de atividades escolares e de materiais educativos – especialmente as atividades docentes e os materiais que não estejam em conformidade com as “convicções do aluno, de seus pais ou responsáveis (...) nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa”, considerando que, no que diz respeito a esses aspectos, os “valores de ordem familiar” teriam “precedência sobre a educação escolar” –, bem como de recepção e encaminhamento de denúncias das supostas “práticas de doutrinação” ao Ministério Público (ALGEBAILLE, 2017).

Com um nome apelativo, dando a ideia de que algum partido estivesse dentro das salas de aula, leva a ideia de que a educação deve ser neutra, escondendo o real sentido por trás da Escola sem Partido. Partindo da compreensão do que foi estudado em Freire, a luta não é em prol de uma educação de fato neutra, visto que não existe neutralidade na educação, mas é uma luta por essa educação que sirva ao mercado e que tornem os educandos apenas mão de obra para adaptar-se a essa educação sem questionamentos.

A perseguição a uma educação crítica tão real e urgente que o próprio presidente Bolsonaro, na época das eleições deixou claro que um dos objetos do governo seria expurgar

Paulo Freire da educação, criou-se a ideia de que o educador destruiu a educação, mas quem é questionado sobre parece não ter argumentos para explicar porque defende essa ideia.

Além de mudar o método de gestão, na Educação também precisamos revisar e modernizar o conteúdo. Isso inclui a alfabetização, expurgando a ideologia de Paulo Freire, mudando a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), impedindo a aprovação automática e a própria questão de disciplina dentro da escola (PROPOSTA DE PLANO DE GOVERNO BOLSONARO, p. 46).

A educação popular continua um nadar contra a maré, e sobretudo, na atual conjuntura tem a necessidade de lutar por sua existência. Estudar a educação crítica em épocas de tentativa de aniquilamento do fenômeno de estudo também é um nadar contra a maré, além de um estudo necessário. Cabe aqui perguntar, como diria Freire "Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?" (FREIRE, 2017, p. 75).

A educação continua permeada por ideologias, permeada por interesses, como a história das ideias pedagógicas evidencia. Pensar a educação popular hoje é entender essa não neutralidade e entender que apesar de iniciada por volta da década de 1960 ainda existem forças que querem impulsionar a educação popular, enquanto outras querem apagá-la totalmente da sociedade e se possível não deixar nenhuma evidência. O fenômeno é vivo e acontece enquanto a pesquisa é elaborada. É dentro dessa vivacidade, das contradições e da dialética da história brasileira que a presente pesquisa emerge.

A presente pesquisa fala sobre a educação popular a partir das práticas dos movimentos sociais, mais especificamente do protagonismo de jovens dentro do movimento social Levante Popular da Juventude em relação com a educação popular. Para entender esse movimento e essa prática o trabalho reflete também sobre que definição de juventude abordamos e qual o papel na luta e resistência dessa juventude dentro do movimento.

### **CAPÍTULO 3:**

#### **A JUVENTUDE NOS MOVIMENTOS SOCIAIS: das lutas de classes às lutas por bandeiras pontuais**

##### **3.1 Juventude ou juventudes? Definições sobre o ser jovem**

A juventude é revolução (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE)

Falar sobre juventude e em especial sobre a juventude no Brasil é uma tarefa desafiadora. Entender a juventude é compreender de que juventude estamos falando, em que momento histórico e quais fatores psicológicos, e sociais, culturais e econômicos são pertinentes a esse período da vida. Os jovens vivenciam concepções e realidades sobre ser jovem diferentes de acordo com a classe social, época e cultura que se encontram (NOVAES, 2009, p. 15). Portanto, para diálogo inicial é importante discutir sobre o que é ser jovem numa visão social e psicológica e o que é ser jovem, sobretudo, no Brasil.

Na psicologia, teorias sobre o desenvolvimento humano definiram o que era proeminente de cada fase da vida dos indivíduos. Uma teoria bastante conhecida é retratada por Eric Erikson, psicanalista alemão, que cunha os oito estágios psicossociais que abarcam o ciclo vital completo dos seres humanos fazendo uma reinterpretação das fases psicosssexuais de Freud e explorando a construção da personalidade e o quanto a sociedade tem papel sobre essa construção. O período da infância vivencia quatro estágios: Confiança x Desconfiança (0 a 12-18 meses); Autonomia x Vergonha e dúvida (2 a 3 anos), Iniciativa x Culpa e medo (3 a 5 anos)

e Diligência x Inferioridade (5-6 a 11-13 anos). O período entre juventude e velhice apresenta mais quatro fases: Identidade x Confusão de papéis (12 a 20 ano); Intimidade x Isolamento (20 a 30 anos); Generatividade x Estagnação (30 a 50 anos) e Integridade x Desespero (mais de 50 anos) (BORDIGNON, 2005, p. 54).

O autor aponta que as fases são hierárquicas, integrando os avanços e limitações de cada estágio e cada mudança de fase gera uma crise, que não necessariamente é algo negativo, apresentando uma relação dialética entre as potencialidades e fragilidades de cada momento. Uma resolução positiva de uma fase gera uma potencialidade e caso a fase seja mal resolvida surge uma patologia. Exemplificando, na primeira fase a criança necessita de cuidado dos adultos, o que vai gerar confiança, caso essa criança seja negligenciada o estágio será mal resolvido levando a uma desconfiança que pode desenvolver uma patologia no futuro. Essas potencialidades e fragilidades são influenciadas pelo aspecto social e rege todos os processos afetivos, cognitivos e comportamentais de uma pessoa.

A primeira fase correspondente a juventude, Identidade x Confusão de papéis, apresenta as seguintes características:

a) identidade psicosexual por el ejercicio del sentimiento de confianza y lealtad con quien pueda compartir amor, como compañeros de vida; b) la identificación ideológica por la asunción de un conjunto de valores, que son expresados en un sistema ideológico o en un sistema político; c) la identidad psicosocial por la inserción en movimientos o asociaciones de tipo social; d) la identidad profesional por la selección de una profesión en la cual poder dedicar sus energías y capacidades de trabajo y crecer profesionalmente; e) la identidad cultural y religiosa en la que se consolida su experiencia cultural y religiosa, además de fortalecer el sentido espiritual de la vida (BORDIGNON, 2005, p. 56).

Nessa fase, o jovem busca um grupo social para participar e construir suas identidades, estabelecer relação de confiança, consolidar suas ideologias e enfrentar as dificuldades pertinentes da juventude. É dessa relação que surgirá uma visão de mundo, de sociedade e cultura. Assim sendo, as instituições tem papel importante, visto que "Las instituciones, detentoras de las ideologías culturales, políticas y religiosas, tienen la función importante de inspirar a los adolescentes en la formación de su proyecto de vida, profesional e institucional" (BORDIGNON, 2005, p. 57).

Conforme o autor, o segundo estágio que corresponde a juventude, Intimidade x Isolamento, consiste na capacidade de desenvolvimento de uma relação sexual ou de trabalho saudável. A intimidade faz alguém confiar num companheiro ou em pessoas do seu campo de

trabalho, já o isolamento corresponde ao individualismo e egocentrismo. O estágio retrata a capacidade de expressão nas relações sociais de integração e compromisso em instituições e associações políticas, culturais, religiosas.

Nesse sentido seria no início da juventude que o jovem constrói sua personalidade, procura um grupo para engajar e começa a compreender sua visão de mundo, enquanto que num segundo momento firma ou refuta essa visão e se relaciona de forma mais saudável e profunda.

Essa teoria subjetivista, embora retrate fatos notados e importantes, pontua o aspecto social e o coloca como influente na formação do subjetivo, porém formula esse social num segundo papel, compreendendo que ele influencia, mas não é decisivo, sendo o principal a própria construção da personalidade, perdendo, a nosso ver, o caráter dialético dos processos. É nessa dialética e com essa compreensão do sujeito como histórico e social que a visão sociológica crítica vai além das visões psicologizantes, pois traz a visão social da juventude.

Lemus, (1996), problematiza a dificuldade de se compreender uma definição de juventude visto as diversas formas de ser juventude na sociedade, traz, pois, que para compreensão da juventude é notório entender as classes sociais e também o relativismo social que o conceito apresenta. Nesse relativismo alguém pode ser muito jovem para morrer, por exemplo, ou não muito jovem para realizar outra coisa e complementa: "La juventud no es un «don» que se pierde con el tiempo, sino una condición social con cualidades específicas que se manifiestan de diferente manera según las características histórico sociales de cada individuo (LEMUS, 1996, p. 3). O autor ainda defende que ser juventude no campo é diferente de ser na cidade, assim como ser um jovem marginalizado é diferente de ser um jovem na elite, não podendo existir uma idade que retrata o início e fim da juventude que seja válido para todas as épocas e setores.

Novaes (2009, p. 15), prefaciando o livro *Juventude e Políticas Sociais no Brasil* (2009) traz alguns dados importantes para se compreender a questão social da juventude, ou juventudes no Brasil. Durante o período industrial, no país, assim como em outros países latino-americanos, quando os jovens, das classes populares, adentravam o mundo do trabalho podiam contar com a Previdência Social, enquanto a educação era incentivada para outro público que não necessitava entrar de forma precoce no mercado formal de trabalho. Essa configuração evidenciava a juventude que se preparava para a vida adulta através dos processos educacionais e aquela outra parcela da população, provinda do meio popular, que já fazia parte da classe trabalhadora e, muitas vezes, nem era considerada juventude. Portanto, num país com níveis alarmantes de desigualdade social, a juventude também vivencia essa desigualdade, variando

de acordo com o lugar que se fala do jovem:

Em outras palavras, a duração e a qualidade desta etapa do ciclo da vida são mais ou menos favorecidas pelas características socioeconômicas dos jovens – a origem social, a renda familiar e o nível de desenvolvimento da região onde vivem – e pelas diferentes exigências relacionadas aos papéis/lugares que homens e mulheres ou indivíduos pertencentes a grupos raciais distintos tradicionalmente ocuparam na sociedade. Por isso, tornou-se usual empregar a expressão juventudes para enfatizar que, a despeito de constituírem um grupo etário que partilha várias experiências comuns, subsiste uma pluralidade de situações que confere diversidade às demandas e necessidades dos jovens (NOVAES, 2009, p. 30-31).

Essas desigualdades são facilmente constatadas quando se olha os dados dos censos e pesquisas sobre as condições e realidades dos jovens brasileiros.

### **3.2 O que é ser Juventude no Brasil**

A Pesquisa Agenda Juventude Brasil: Pesquisa Nacional sobre o Perfil e Opinião dos Jovens Brasileiros (2013) com pesquisadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas em Educação Anísio Teixeira - INEP, procurando compreender a realidade desses jovens para melhor desenvolvimento e desempenho de políticas públicas juvenis traz alguns dados sobre o perfil dessa juventude. Até o ano de 2013 o Brasil apresentava 20% dos jovens entre 15 a 17 anos, 47% entre 18 a 24 anos e 33% entre 25 a 29 anos, de um total de 51,3 jovens. Desses 50,4% são do sexo feminino e 49,6% masculino, um valor quase equilibrado.

Em relação a cor 45% declararam-se pardos, 15% negros, 6% amarelo/indígena e 34% brancos havendo uma tendência dessas porcentagens em relação com pesquisas anteriores de maior identidade racial entre jovens negros. Sobre a religião a grande maioria consideraram-se católicos 56%, com uma porcentagem de 29% não praticantes, enquanto 26% disseram praticar o catolicismo. Evangélicos foram 27%, espíritas kardecistas 2%, outras religiões 3%, sem religião, mas acreditando em Deus 15% e ateus e agnósticos representam apenas 1% deles. Agora no Brasil com a ascensão do conservadorismo religioso seria necessário uma nova pesquisa para avaliar se essas porcentagens teriam modificações significativas. Sobre a situação de moradia 85% moram na cidade e 15% no campo (BRASIL, 2013).

Na relação familiar e extratos socioeconômicos Brasil (2013, p. 20-21) os dados trazem:

A maior parte dos jovens ainda é solteira (66%) e vive com os pais (61%). Um

terço (32%) são casados ou vivem com seus cônjuges. Embora mais da metade (52%) vivam em famílias chefiadas por pai ou mãe, cerca de 18% deles são os principais responsáveis e outros 16% têm o companheiro(a) como responsável pelo domicílio onde moram.

Considerando a renda domiciliar per capita, 28% estão nos estratos baixos (até R\$ 290,00/mês), 50% nos médios e 11% nos estratos altos (acima de R\$ 1.018,00/mês).

Dados sobre a educação tiveram variações com uma maior inclusão da juventude ao contexto escolar, com um aumento no número dos que conseguem chegar ao ensino médio. 16% deles não conseguiam terminar o fundamental, 11% conseguiam fazer o fundamental completo, 21% não conseguiam concluir o ensino médio, 38% conseguiam concluir o médio e 13% chegavam ao ensino superior, incluindo pós-graduação. A pesquisa também mostra o impacto da renda sobre o nível de escolarização, sendo que quanto maior a renda, menor o nível da juventude nas séries iniciais, e os que apresentavam estrato de renda baixo 43% terminavam apenas o fundamental, 23% terminavam o ensino médio e apenas 10% chegavam no superior, enquanto que com o estrato de renda alto 4% tinham apenas o ensino fundamental, 13% terminavam o ensino médio e 37% adentravam o ensino superior, com uma notável diferença no ensino superior de 27% (IDEM, p. 24).

Esses dados corroboram o que Novaes (2009, p. 15) traz sobre os dois tipos de jovens existentes e como a educação e políticas sociais estão direcionados para forjar essa diferença quando um tipo de jovem é formado para o mercado de trabalho e o outro tipo apresenta uma melhor base de preparação para a vida adulta. Aquino (2009, p. 31) sobre essas desigualdades e sobre a existência de juventudes e não apenas uma juventude afirma que:

É preciso considerar, contudo, que, se existe um componente geracional que permite definir a juventude pelo que há de específico à sua condição, esta é vivida de forma diversificada e desigual entre os jovens, de acordo com suas situações socioeconômicas específicas e com os padrões de discriminação e preconceito vigentes, que repercutem sobre as oportunidades efetivamente disponíveis a cada um. Em outras palavras, a duração e a qualidade desta etapa do ciclo da vida são mais ou menos favorecidas pelas características socioeconômicas dos jovens – a origem social, a renda familiar e o nível de desenvolvimento da região onde vivem – e pelas diferentes exigências relacionadas aos papéis/lugares que homens e mulheres ou indivíduos pertencentes a grupos raciais distintos tradicionalmente ocuparam na sociedade. Por isso, tornou-se usual empregar a expressão juventudes para enfatizar que, a despeito de constituírem um grupo etário que partilha várias experiências comuns, subsiste uma pluralidade de situações que confere diversidade às demandas e necessidades dos jovens.

No mesmo período em que a pesquisa Agenda Juventude Brasil foi realizada, em 2013, a educação passa por processos de transformações, durante o governo do então presidente Lula, que precisam ser mencionadas, trazendo um impacto na expansão do ensino e na organização de jovens em movimentos estudantis.

Menegozzo (2017) retrata os avanços instaurados no governo Lula e Dilma (2003 – 2016) e marcos importantes para a juventude. "Até a posse de Lula na Presidência da República, em 2003, escassas foram as políticas em nível federal voltadas exclusivamente aos jovens - praticamente se restringiam ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)" (MEGANOZZO, 2017, p. 274).

Ainda em 2002, Lula assinou, durante um comício em Belo Horizonte, um compromisso com a juventude e no outro ano já foram consolidados as seguintes ações e diretrizes juntamente com o início do Projeto Juventude, que forneceu dados para elaboração do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego (PNPE)<sup>2</sup> e Programa Brasil Alfabetizado<sup>3</sup>:

criação da Comissão Especial de Políticas Públicas para Juventude da Câmara dos Deputados (Cejuvent); o lançamento da Frente Parlamentar de Juventude; a realização da Semana Nacional da Juventude, na Câmara dos Deputados; e a elaboração da PEC da Juventude, que previa a inclusão e caracterização da juventude na Constituição Federal (PEC n. 42/2008) (IBIDEM).

O ano de 2004 marcou a criação do Grupo de Trabalho Interministerial de Juventude e a Realização de uma Conferência Nacional de Juventude que resultaram nas propostas do Estatuto da Juventude e o Plano Nacional da Juventude junto com o Plano Nacional da Juventude e iniciativas do Programa Universidade para Todos (ProUni) e Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Idem, p. 276).

O acesso ao ensino superior, no governo Lula, retomou seu crescimento com o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e com maior incrementação de unidade de ensino técnico, e no ensino fundamental criou-se em 2006 o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). Ainda no ensino superior, Araújo (2017) afirma que a transferência de recursos financeiros para instituições privadas com o Programa Universidade Para Todos (ProUni), possibilitou abertura de vagas, assim como o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico (Pronatec). Os autores destacam:

Entre esses, podemos citar as políticas de cotas raciais; algumas iniciativas mais inovadoras na organização do ensino superior, como os Institutos de Educação Tecnológica e as experiências da Universidade da Integração Latino-Americana (Unila) e da Universidade Federal do ABC (UFABC); o investimento na formação de conselhos escolares e municipais, através do Pró-Conselho; o apoio à construção e manutenção de centros de educação infantil, com o Pró-Infância; o debate sobre as diretrizes curriculares, ocorrido no Conselho Nacional de Educação e definição da política nacional de formação de profissionais da educação, de onde decorreram vários programas de formação inicial e continuada, dirigidos às escolas básicas, em articulação com as universidades públicas (CALDAS; ARAÚJO, 2017, p. 237).

Ainda de acordo com o autor, esses avanços possibilitaram expansão do ensino, mas não consolidaram mudanças estruturais, tornando essas conquistas frágeis e facilmente retiradas dentro de um governo fascista, como é possível notar na atual conjuntura: "Nossa avaliação é que nesses cinco mil dias oportunidades valiosas foram perdidas para que o legado pudesse resultar não apenas na memória de bons programas, mas em marcos estruturais mais consistentes" (ARAÚJO, 2017, p. 240). Apesar dessas mudanças não tão profundas, essa importante expansão que ocorreu no ensino se deu devido as Políticas de Juventude percorridas durante esse mesmo período.

A Lei nº 12. 852/2013 que dispõe sobre os direitos dos jovens, abordando também sobre os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Saúde - SINAJUVE, indica que jovens são as pessoas entre 15 e 29 anos de idade, considerando que aos adolescentes, demarcando a faixa entre 15 e 18 anos, aplica-se o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, disposto na Lei nº 8. 069 de 13 de julho de 1990, juntamente com o Estatuto, quando não tiver conflito com as normas de proteção integral ao adolescente. O estatuto evidencia como princípios:

I – promoção da autonomia e emancipação dos jovens; II – valorização e promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações; III – promoção da criatividade e da participação no desenvolvimento do país; IV – reconhecimento dos jovens como sujeitos de direitos universais, geracionais e singulares; V – promoção do bem-estar, da experimentação e do desenvolvimento integral do jovem; VI – respeito à identidade e à diversidade individual e coletiva da juventude; VII – promoção da vida segura, da cultura da paz, da solidariedade e da não discriminação; e VIII – valorização do diálogo e convívio do jovem com as demais gerações (BRASIL, 2013, p. 27).

Como diretrizes aponta a intersectorialidade das políticas, programas e ações, participação juvenil, inserção social, atendimento nos mais diversos serviços, acesso à produção

cultural, esportiva e territorial, promoção do território como espaço de integrador, fortalecimento das relações institucionais dos órgãos e entes federados junto com o conselho de juventude; promover a integração dos jovens internacionalmente, garantir a integração dos poderes com as políticas de juventude e garantir os direitos dos jovens (BRASIL, 2013, p. 27-28).

O capítulo II do estatuto retratando os direitos, divide-se em onze seções e enfatiza o direito a educação, à profissionalização ao trabalho e à renda; à diversidade e a igualdade; à saúde; à cultura; a comunicação e a liberdade de expressão; ao desporto e ao lazer; ao território e a mobilidade; à sustentabilidade e ao meio ambiente; à segurança pública e o acesso à justiça e o Direito à cidadania, à participação social e política e a representação juvenil. Este último garante a participação dos jovens nos movimentos sociais e traz:

Art. 4º O jovem tem direito à participação social e política e na formulação, execução e avaliação das políticas públicas de juventude. Parágrafo único. Entende-se por participação juvenil: I – a inclusão do jovem nos espaços públicos e comunitários a partir da sua concepção como pessoa ativa, livre, responsável e digna de ocupar uma posição central nos processos políticos e sociais; II – o envolvimento ativo dos jovens em ações de políticas públicas que tenham por objetivo o próprio benefício, o de suas comunidades, cidades e regiões e o do País; III – a participação individual e coletiva do jovem em ações que contemplem a defesa dos direitos da juventude ou de temas afetos aos jovens; e IV – a efetiva inclusão dos jovens nos espaços públicos de decisão com direito a voz e voto. Art. 5º A interlocução da juventude com o poder público pode realizar-se por intermédio de associações, redes, movimentos e organizações juvenis. Parágrafo único. É dever do poder público incentivar a livre associação dos jovens. Art. 6º São diretrizes da interlocução institucional juvenil: I – a definição de órgão governamental específico para a gestão das políticas públicas de juventude; II – o incentivo à criação de conselhos de juventude em todos os entes da Federação. Parágrafo único. Sem prejuízo das atribuições do órgão governamental específico para a gestão das políticas públicas de juventude e dos conselhos de juventude com relação aos direitos previstos neste Estatuto, cabe ao órgão governamental de gestão e aos conselhos dos direitos da criança e do adolescente a interlocução institucional com adolescentes de idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos (BRASIL, 2013, p. 27).

Esse primeiro ponto do capítulo retrata dados necessários para uma visão geral dessas juventudes presentes no Brasil para que seja possível o retrato da juventude que se faz presente nos movimentos sociais progressistas. Quando uma realidade se faz opressora, Freire (2016, p. 51-52) esclarece que isso “implica existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se

solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na *práxis* desta busca”. Portanto, a juventude de que se trata aqui é justamente a que faz parte da classe oprimida, ou, a que luta junto a ela em solidariedade ética-política.

### 3.3 Juventude que ousa lutar

Mao Tsé- Tung (1965, p, 24) deposita na juventude a esperança da luta do amanhã "O mundo pertence a vocês e a nós também mas, em última análise, o mundo é vosso. Vocês, os jovens, plenos de vigor e vitalidade, estão na primavera da vida, tal como o sol às oito ou nove da manhã. Em vocês depositamos as nossas esperanças". Complementa que cabiam a eles, mais velhos, ensinar os jovens a perceber as dificuldades do país e que era necessário esforço em conjunto por décadas, exigindo um trabalho duro.

Silva (2008, p. 01) traz a visão de dois clássicos marxistas, Lênin e Trotsky, sobre juventude ao afirmarem que "O jovem operário não será obrigatoriamente revolucionário, nem o jovem burguês um contra revolucionário, pois as próprias ideologias e posições políticas das classes e de seus estratos são definidas histórica e socialmente". O autor fala sobre a desmistificação do jovem como revolucionário por essência, que fomentou diversos debates do século XX sobre a juventude em que alguns estudiosos procuravam relacionar a rebeldia juvenil com a participação nos processos revolucionários. Embora de fato se perceba a presença dos jovens nesses processos, ignora-se o fato de que na classe dominante existe jovens dispostos a defender questões reacionárias, a exemplo do nazismo:

Ora, a existência de juventudes organizadas vinculadas aos movimentos nazistas e fascistas mostra que também havia jovens daquela geração que, convencidos pela ideia de que o projeto autoritário nazifascista era uma forma de transformação radical e de melhoria da sociedade, sustentaram os regimes totalitários da Itália e Alemanha (SILVA, 2008, p. 1)

O próprio Lênin (1984), concordando com o jornal socialista Student quando divide os estudantes em acadêmicos, liberais, reacionários, indiferentes, socialistas revolucionários e sociais-democratas disserta que essa divisão relaciona-se com a luta de classes presente na realidade e que o conceito de juventude não deve ser compreendido como um instinto revolucionário, mas deve ser estudado dialeticamente.

Não é de hoje que a juventude existe e é atuante em movimentos, atos e acontecimentos

brasileiros, como por exemplo, a União Nacional dos Estudantes no período da ditadura militar. Rabat (2002, p. 4) descreve "Um ponto a ressaltar é que a disposição juvenil para o progresso ultrapassou a dimensão do fato; tornou-se uma força simbólica importante no processo social brasileiro. A juventude, como fator de mudança e de aceleração da história, foi constantemente invocado em nossa história".

Na época imperial Rabat (2002, p. 5) já nota a participação da juventude universitária e militar nas lutas abolicionistas e para o fim do império. Sobre esses dois públicos o autor traz:

O abolicionismo constitui, aliás, excelente caso para introduzir o tema da mobilização social dos jovens em momentos relevantes da nossa história. Basta lembrar que o grande poeta do movimento, justamente Castro Alves, morreu com 24 anos, em 1871. A longa preponderância que sua poesia conheceu na história posterior da literatura brasileira se deveu, certamente, à excelência literária e ao impacto do movimento abolicionista sobre a nossa sociedade. No entanto, algo dessa preeminência decorreu também da inserção do autor entre os jovens que compuseram com ele a mesma geração de universitários, nas primeiras faculdades brasileiras. Alguns dos abolicionistas mais conhecidos, como Rui Barbosa e Joaquim Nabuco, foram colegas de Castro Alves. Os jovens da elite brasileira de seu tempo transitavam entre as Faculdades de Direito de Olinda e de São Paulo, às quais logo se juntaram as Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro. Estes centros propiciavam o contato de jovens de diversas regiões do Brasil, dando-lhes condições de empreender ações conjuntas. Trata-se de um fato a merecer aprofundamento. Era intensa a vida intelectual na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, para onde acorriam jovens de todo o Brasil. Dois episódios ilustram o tipo de motivação que entre os jovens militares de expressava. Em 1888, o cadete Euclides da Cunha, futuro autor de *Os Sertões*, grande clássico de nossas letras, em função de ato de propaganda republicana, atira o sabre ao chão na presença do Ministro da Guerra, correndo o risco de condenação à pena máxima. Em 1893, já proclamada a República, os "batalhões escolares", formados de cadetes e universitários, agem contra a Revolta da Armada, de tendência monarquista.

Essa atuação dos universitários e militares deu continuidade mais adiante na história de atuação dos jovens em movimentos sociais com o tenentismo e a União Nacional dos Estudantes. No tenentismo ocorreram os seguintes fatos:

Em 5 de julho de 1922 vem o levante contra os governos oligárquicos da Primeira República. No episódio mais significativo, já decidida a situação a favor do governo, alguns jovens militares partem do Forte de Copacabana para o palácio do Catete, então sede de governo, no Rio de Janeiro, em manobra quase suicida, de que resulta a morte de vários. Entre os sobreviventes estão Eduardo Gomes e Siqueira Campos. Juarez Távora e Cordeiro de Farias não estavam no Forte, mas participaram do levante. O movimento tenentista continua. Em 5 de julho de 1924, outro levante de grandes proporções, centrado em São Paulo, sob a Chefia de Miguel Costa. Mais uma vez os

antigos colegas da Escola Militar estavam na linha de frente da ação. Juarez Távora e Siqueira Campos, por exemplo, ajudaram a impulsionar o levante no Rio Grande do Sul, de onde partiria a marcha militar que aglutinaria vários dos representantes de maior vulto do tenentismo. Era a Coluna Prestes (RABAT, 2002, p. 6).

A criação da União Nacional dos Estudantes - UNE - no fim da década de 1930 revela muito sobre a relação dos jovens com os movimentos sociais, fortalecendo a luta dos estudantes por meio da organização desse público, relacionando-os aos acontecimentos gerais do país, tornando-se importante na vida política e social do Brasil:

Com a queda do regime democrático, em 1964, os estudantes passam a atuar firmemente contra a ditadura. Além do caráter geral da luta política, existe uma reação contra os planos do novo regime no campo específico da educação. Ademais, os estudantes lutam em defesa de suas entidades representativas, pois foi decretada a ilegalidade da UNE, das Uniões de Estudantes dos Estados e dos Diretórios Acadêmicos (RABAT, 2002, p. 08).

De movimentos que entrelaçavam-se com a conjuntura nacional e pautava a luta de classes, ou lutava pela reconstituição da democracia, como foi o caso da ditadura, vários movimentos atuais desenvolveram-se com a luta e pauta identitária, algumas vezes deixando de lado a relação com a realidade concreta. (GOHN, 1997, p. 321). Porém movimentos de massa, direcionados para organização da classe trabalhadora persistem e surpreendem na inovação e atuação, como é o caso do Levante Popular da Juventude.

Portanto, essa juventude de quem este trabalho fala é entendida como a juventude historicamente e dialeticamente construída, uma juventude que se relaciona com a realidade concreta, ou seja, com as contradições e com a luta de classe presente na sociedade brasileira. É fruto das desigualdades sociais e diz respeito a uma juventude majoritariamente periférica, preta e pobre.

Corroborando a compreensão social da juventude o Levante Popular da Juventude traz em seu Caderno de Textos (2013, p. 1) "A juventude não é naturalmente revolucionária ou progressista. Ela é constantemente disputada pelos projetos existentes na sociedade. Portanto, precisa ser preparada para um projeto de transformação". Nessa perspectiva o movimento organiza sobretudo a juventude presente nas universidades, escolas, campos e periferia em prol de um Projeto Popular para o Brasil.

O Levante, como vimos no Capítulo 01, é um movimento de massas protagonizado pela juventude. Seus objetivos são os seguintes:

multiplicar grupos de jovens em diferentes territórios e setores sociais, fazendo experiências (laboratórios) de organização; Acumular forças em torno de espaços de formação e organização com a cara do Projeto Popular para o Brasil; Ir em busca de força motriz da Revolução Brasileira, ou seja, ter inserção social em diferentes categorias do povo que possam vir a levantar-se no novo período de ascensão que virá (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2013, p. 3)

Segundo o Caderno de textos: caráter, método e organicidade (2013) do Levante, o método utilizado é baseado no cumprimento de alguma tarefa de caráter político, sejam tarefas de agitação, organização ou mobilização, partindo da necessidade subjetiva e objetiva de organização. O Levante compreende o caráter social da juventude e sua relação com o sistema capitalista. Dentro dessa estrutura procura alternativas viáveis para juntar e organizar a juventude

Essa forma de organização num território começa pelo núcleo duro "um grupo de militantes que se torna a primeira célula e que, com o tempo, torna-se um centro gravitacional que atrai outras pessoas", (IBIDEM, p. 4). Esses núcleos dividem-se em células, com um número menor de militantes para um maior desempenho das tarefas, fundados no tripé organização, formação e luta.

Sobre a formação, que apresenta uma dimensão teórica, uma prática e outra afetiva, o Levante pontua:

A formação de um militante é o desenvolvimento de uma série de capacidades: compreender a realidade à sua volta, conhecer a história do seu povo, saber agir na hora certa e da maneira mais adequada, coordenar reuniões, ser capaz de agitar e propagandear o Projeto Popular, etc. Em outras palavras, a formação se reflete na capacidade que uma pessoa tem de enfrentar e resolver os problemas que aparecem no seu dia - a - dia (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2013, p. 10).

Com isso a juventude da classe trabalhadora propõe que cada militante tome consciência da sua história de vida e da realidade que o permeia, sendo a conscientização essencial para esse processo.

Em suma, com os mantras como: "Juventude que ousa lutar, constrói o poder popular" e "A nossa rebeldia é o povo no poder", o movimento popular fornece indícios de seu pensamento político, formação e propósito. Procurando organizar a juventude em prol do projeto popular, visto que os jovens são históricos e frutos da estrutura que vivem, não são revolucionários por essência, portanto, necessitam da organização que instigue a tomada de

consciência.

Passando pela base de fundamentação teórica sobre movimentos sociais, educação popular e juventude, é possível trazer e compreender melhor o que os jovens militantes narram sobre o Levante Popular da Juventude.

#### **CAPÍTULO 4:**

### **A NOSSA REBELDIA É O POVO NO PODER: perspectivas da educação popular no Levante popular da Juventude**

Neste capítulo apresentamos as análises das entrevistas realizadas com os militantes do Movimento Levante Popular da Juventude, nos três eixos principais: perfil socioeconômico dos entrevistados, aspectos teóricos e práticos do Levante e categorias que surgiram sobre a educação popular.

No que se refere ao perfil pessoal dos participantes questionamos acerca das variáveis idade, gênero, formação e naturalidade. Em relação ao perfil militante buscamos saber a cidade onde atua, tempo na militância política, tempo que está no Levante e atividade que desenvolve no movimento. A pesquisa foi realizada com 10 militantes do Levante Popular da Juventude que se encontravam dentro dos critérios de participação na pesquisa, além do aceite e entendimento do consentimento livre e esclarecido, o militante deveria apresentar os seguintes critérios de acessibilidade: ser militante do Levante por pelo menos um ano, estar ativo/assíduo na militância (ser um militante orgânico) e atuar no movimento no município de João Pessoa.

A seguir, os quadros 1 e 2 explicitam a caracterização dos sujeitos da pesquisa:

**QUADRO 01: Caracterização dos sujeitos da pesquisa quanto ao perfil pessoal**

SUJEITOS*	Idade	Gênero	Naturalidade	Formação
E1 (F)	22	Feminino	Italiana	Graduanda em Psicologia (8º período)
E2 (F)	22	Feminino	Patos - PB	Graduanda em Direito (7º período)
E3 (M)	20	Masculino	João Pessoa - PB	Graduando em Enfermagem (6º período)
E4 (F)	25	Feminino	Campina Grande - PB	Zootecnista
E5 (F)	24	Feminino	São Paulo - SP	Graduanda em Enfermagem
E6 (M)	28	Masculino	Brasília - DF	Pós-graduando (mestrado)
E7 (M)	20	Masculino	Tamaragibe _ PE	Graduando em História
E8 (F)	29	Feminino	Ibiara - PB	Assistente Social
E9 (F)	21	Feminino	Paulista - PE	Graduanda em Direito (7º período)
E10 (M)	25	Masculino	Souza - PB	Bacharel em Ciências Biológicas

\* Os sujeitos da pesquisa foram codificados com a letra E referente a Entrevistada(o), seguido de um número entre 1 e 10, correspondendo a ordem que a entrevista ocorreu, seguido de F referente ao gênero Feminino e M, referente ao gênero Masculino. Sendo assim, por exemplo, quando que E1(F), diz respeito a primeira entrevistada.

**QUADRO 2: Caracterização dos sujeitos da pesquisa quando ao perfil militante**

SUJEITOS	Cidade onde atua	Tempo na militância política	Tempo no Levante	Atividade que desenvolve no movimento
E1 (F)	João Pessoa	3 anos e meio	3 anos e meio	Coordenadora da Célula Territorial, Operativa Municipal e Coordenação

				Estadual
E2 (F)	João Pessoa	1 ano e meio	1 ano e meio	Coordenação Municipal e Estadual
E3 (M)	João Pessoa	2 anos e meio	2 anos	Setor de Negros e Negras e Saúde
E4 (F)	João Pessoa	5 anos	3 anos	Setor de Mulheres
E5 (F)	João Pessoa	5 anos	5 anos	Coletivo Nacional de Saúde
E6 (M)	João Pessoa	8 anos	5 anos	Coordenação Nacional e Setor Nacional de Diversidade Sexual e de Gênero
E7 (M)	João Pessoa	4 anos	4 anos	Coordenação Estadual, Secretaria Operativa Municipal e Frente Secundarista do Estado
E8 (F)	João Pessoa	10 anos	8 anos	Coordenação Nacional
E9 (F)	João Pessoa	5 anos	5 anos	Movimento Estudantil, Célula Territorial. Coordenação Municipal e Estadual.
E10 (M)	João Pessoa	4 anos	4 anos	Direção Estadual na Secretaria Operativa Estadual e Movimento Estudantil Estadual.

A entrevista representa um recorte do perfil pessoal e militante dos participantes, entendendo o processo dialético de movimento da história.

Correspondendo aos critérios de inclusão para participação na pesquisa todos os entrevistados são militantes atuantes na cidade de João Pessoa e apresentam tempo superior a um ano no Levante Popular da Juventude, além de todos desempenharem uma atividade no movimento, o que reflete a sua organicidade.

Sobre o perfil pessoal, as idades apresentadas foram entre 20 e 29 anos, sendo 06

participantes do gênero feminino e 04 do gênero masculino. Já sobre a cidade natal apenas um militante é natural de João Pessoa – PB, os outros 04 militantes relataram ter nascido em outras cidades da Paraíba, sendo elas: Souza, Campina Grande, Patos e Ibiara. E outros 04 militantes citaram outras cidades e estados: São Paulo - SP, Brasília - DF, Paulista - PE e Tamaragibe PE, sendo Pernambuco o segundo estado mais cidade. Uma militante ainda relatou ter naturalidade italiana.

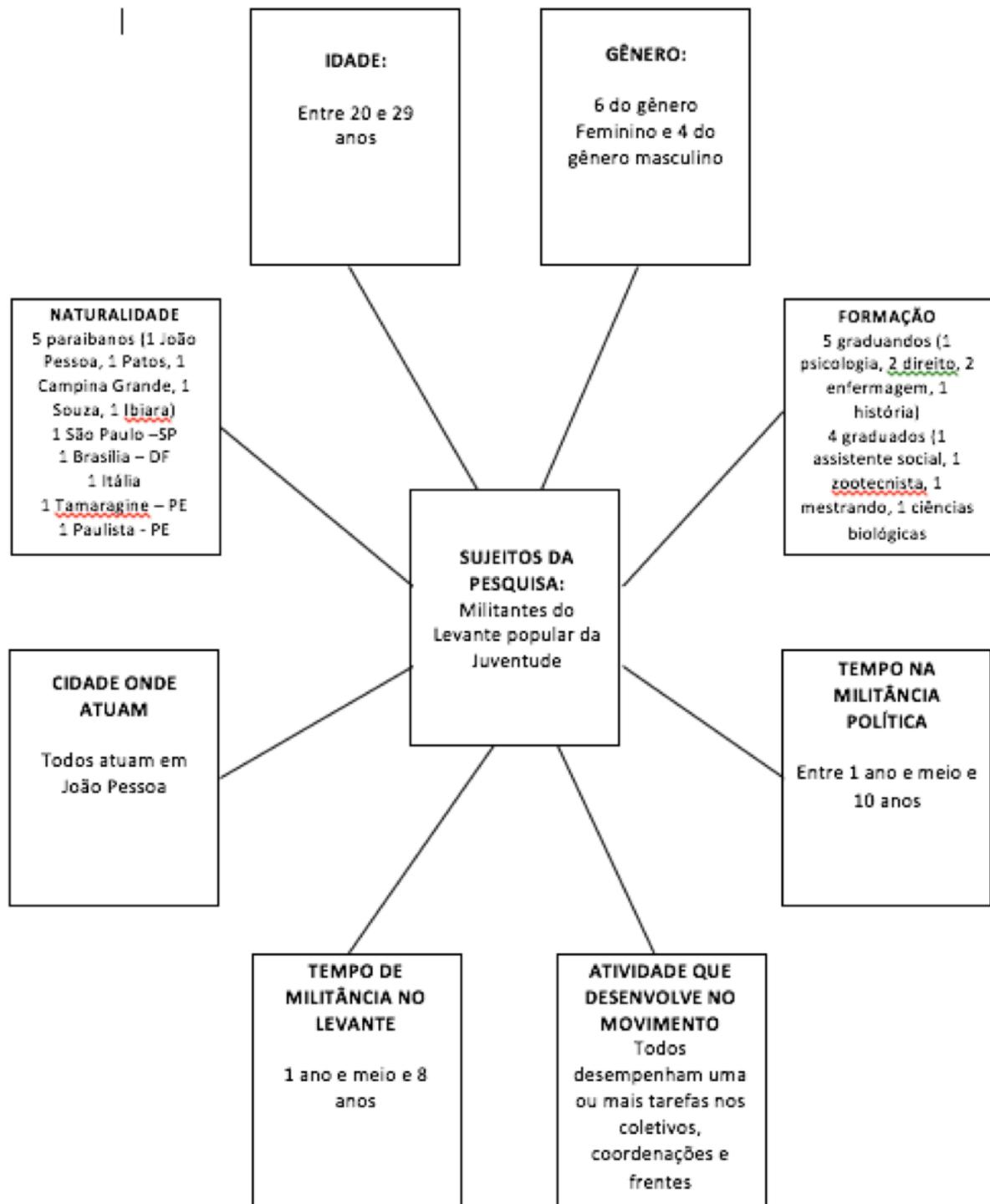
No que diz respeito a formação dos militantes, 06, no momento que ocorreram as entrevistas, estavam cursando o ensino superior. Sendo 02 em direito, 02 em enfermagem, 01 em psicologia e 01 em história. Os outros 04 já possuem a graduação, sendo uma zootecnista, uma assistente social, um bacharel em ciências biológicas e um dos entrevistados está cursando a pós-graduação em nível de mestrado.

Todos atuam em João Pessoa, apesar de apenas 01 ter naturalidade pessoense, o que pode ser explicado pela graduação dos participantes ser ou ter sido aqui na capital, o que faz com que a militância seja desempenhada no mesmo local. Sobre o tempo de militância política foi destacado entre 1 ano e meio e 10 anos, e militância no Levante Popular da Juventude, especificamente, entre 1 ano e meio e 8 anos, onde 06 militantes relataram coincidir o tempo de militância política e no movimento, visto que a primeira forma de militância política foi o Levante e outros 04 começaram anteriormente em outros movimentos.

Nas atividades desenvolvidas no setor, todos relataram desenvolver alguma atividade/função no movimento, seja nas coordenações, setores ou coletivos do Levante, onde 06 falaram mais de uma função, principalmente relacionados as coordenações (inclusive destes 06, dois são da coordenação nacional). Os outros 04 desempenham função no Setor de Negros e Negras, Setor de Mulheres, Coletivo Nacional de Saúde e Direção Nacional.

O desempenho de atividades, ou como é costume chamar, tarefas no Levante é um dos pontos importantes da práxis apresentada nos cadernos e cartilhas que sistematizam o movimento como um dos métodos de ação: "O método do Levante está baseado no cumprimento de tarefas. A tarefa é o elemento pedagógico capaz de movimentar a juventude, num momento de conformação social" (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2013). Isso pode dar um indício sobre o fato dos 10 militantes desempenharem alguma ou múltiplas tarefas.

Vejamos o diagrama abaixo para melhor compreensão do perfil pessoal e militante dos sujeitos da pesquisa:



#### **4.1 A práxis da educação popular no Levante Popular da Juventude**

Nesse subtópico do capítulo analisamos o Eixo 2 da entrevista com perguntas direcionadas a práxis do Levante (aspectos teóricos e práticos destacados pelos militantes), a fim de conhecer como surgiu o Levante Popular da Juventude no Brasil e na Paraíba; como os jovens entrevistados se aproximaram desse movimento quais as ações desse movimento; o que o Levante Popular da Juventude significa para eles e qual é o maior objetivo do Levante dentro da sociedade brasileira.

##### **4.1.1 O surgimento do Levante Popular da Juventude**

A primeira e segunda pergunta está direcionada ao surgimento do Levante Popular da Juventude no Brasil e na Paraíba. Sobre o surgimento no país, de forma geral, todos responderam que sabiam e trouxeram informações pertinentes a pergunta. Alguns elementos se sobressaltaram nas respostas, por exemplo: todos citaram a Via Campesina, com destaque para os seguintes movimentos: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, Movimento dos Trabalhadores por Direitos – MTD e a organização Consulta Popular, como formuladores da necessidade de surgimento de um movimento que organizasse jovens da cidade.

A Via Campesina é uma articulação nacional de movimentos agrários que apresentam objetivos em comum e atuam em rede. No Brasil, embora os entrevistados tenham citado apenas o MST, MAB, MTD e MPA como articuladores do surgimento, outros movimentos, segundo Ribeiro (2015), também compõem a Via Campesina: como a Coordenação das Comunidades Quilombolas – CONAQ, a Comissão Pastoral da Terra – CPT, a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil – FEAB, o Movimento de Mulheres Camponesas – MMC, o Movimento de Pescadores e Pescadoras Artesanais – MPP e a Pastoral da Juventude Rural – PJR

A Consulta Popular, organização também citada, surge como instrumento de luta em prol de um projeto popular para o Brasil, se sistematizando a partir da Conferência de Itaici - SP, em 1997, questionando a lógica eleitoral e colocando-se de forma mais crítica ao sistema neoliberal (FOSCHIERA, 2015).

Rio Grande do Sul, foi o estado situado como local de primeira sistematização do

movimento destacado em 8 respostas. Inclusive um deles especificou que foi na cidade de Santa Maria-RG. 2 militantes não souberam responder o local de nascimento do Levante. Embora o surgimento do Levante, na fala dos entrevistados, tenha sido anterior a 2012, esse ano foi um marco para a nacionalização do Levante, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

Sim. O Levante se nacionaliza em 2012, no I Acampamento Nacional, no RS. Mas antes já se desenvolviam experiência de organização de juventude no Rio Grande do SUL, em 2006, e em alguns estados, como é o caso da Paraíba, com uma relação direta com a Consulta Popular, o Campo do Projeto Popular para o Brasil, juventude da Via Campesina (E6 (M)).

(...) e aí a gente geralmente adota o acampamento em homenagem a Sepé Tiarajú em 2006 como ponto de partida da criação do Levante Popular da Juventude. Mas, o momento que esse movimento vai se nacionalizar é em 2012 com a construção do nosso primeiro acampamento nacional, né? (E7 (M)).

O Levante surgiu em meados de 2002, 2003, lá no Rio Grande do Sul, na cidade chamada Santa Maria, quando a inquietação dos movimentos do campo, principalmente MST, MPA, MAB e também da Consulta Popular, né? (E8 (F)).

(...) o Levante surgiu em meados de 2006, e aí a partir dos movimentos campestinos, da Consulta Popular no Rio Grande do Sul, e bem, foi um caminho bem longo até chegar onde estamos, até se nacionalizar, em 2012 (...) em 2006, a partir dos movimentos do campesinato, a Via Campesina, o MST, o MTD, a Consulta Popular, é, no Rio Grande do Sul, e a partir disso, foram juntando alguns jovens tanto do campo, e depois a Consulta Popular viu a necessidade de uma representação de juventude na cidade e aí começamos a adentrar uma periferia lá do Rio Grande do Sul (...) (E9 (F)).

Essa nacionalização decorreu especialmente através de dois marcos importantes, o primeiro Acampamento Nacional do Levante e os chamados “escrachos” aos torturadores da ditadura militar, como relataram:

E a partir daí a gente se nacionalizou em 2012, no 1º acampamento nacional que foi também no Rio Grande do Sul e a partir daí a gente, com os escrachos também, dos torturadores a gente ficou conhecido e a partir daí em cada estado foi se formando o Levante Popular da Juventude (E1(F)).

Então o Levante surge desse movimento e aí se nacionaliza a partir dos escrachos em 2012, depois tem o Acampa nacional que também vem ajuda no processo de nacionalização do Levante e depois a entrada, né? Do Levante na UNE, eu acho que essa é a linha histórica assim, básica do Levante. (E2(F))

Após intensas mobilizações, em 2012 tivemos nosso primeiro acampamento nacional no Rio Grande do Sul, com jovens de muitos estados do Brasil, onde

o movimento foi nacionalizado (E5(F)).

Mas, o momento que esse movimento vai se nacionalizar é em 2012 com a construção do nosso primeiro acampamento nacional, né? Que vai reunir jovens de vários estados do Brasil, enfim, onde vai se dar também um caráter nacional ao/ ao movimento e de lá vai se sair com ação que marca a criação do Levante Popular da Juventude que são os escrachos aos torturadores da ditadura militar, os escrachos pedindo por memória, verdade e justiça, uma ação que vai ser feita em nove Estados do Brasil, simultaneamente, ao mesmo tempo em que a gente foi as/ as frente das/ das casas dos torturadores da ditadura militar pra mostrar e pra denunciar que ali morava um torturador e que até então, ele estava impune (E7 (M)).

(...) o marco do Levante na sua nacionalização, em fevereiro de 2012, no Acampa quando saem de lá com essa meta de nacionalizar e de crescer foi um acampamento onde reuniu mil jovens de dezesseis estados e a meta era nacionalizar com marco político e esse marco político foi os escrachos onde o Levante escrachava os torturadores da ditadura militar (E8 (F)).

(...) e esse processo organizativo no Rio Grande do Sul ele resulta no nosso primeiro acampamento nacional, no Rio Grande do Sul, em 2012, que aí nós começamos, instauramos o processo de nacionalização e a partir daí a gente tem, né? (E10 (M)).

Outro ponto presente nas falas foi o intuito do movimento ser fundado para organização da juventude da cidade/periferia, sendo, esse ponto, citado por 7 militantes. Apenas a entrevistada E4 (F) citou que o intuito era atingir a juventude da cidade e do campo:

(...)onde se debateu a necessidade de ter uma resistência de juventude na cidade (E1(F)).

Um trabalho de base e também de formação no sentido de transformar o mundo com a juventude da periferia (E2 (F)).

Dentro dessa esfera a gente decidiu centralizar e atingir de fato a juventude da cidade e do campo também (E4 (F)).

(...) articularem estratégias para organizar os jovens na cidade também, visto que o método utilizado pelo MST de movimento de massas foi uma ótima experiência (E5(F)).

O Levante Popular da Juventude surge da necessidade de se organizar a juventude na cidade (E7 (M)).

São organizações que fazem muita luta e fazem no campo e daí sentiram de organizar desde a juventude da periferia e da cidade e a partir dessa inquietação organizar a juventude em torno deste movimento Levante Popular da Juventude e foi ganhando força (...) (E8 (F)).

(...) foram juntando alguns jovens tanto do campo, e depois a Consulta Popular viu a necessidade de uma representação de juventude na cidade e aí começamos a adentrar uma periferia lá do Rio Grande do Sul (...) (E9 (F)).

Resumindo as respostas dessa primeira questão sobre surgimento do Levante foi destacado, em sua maioria, que surgiu por volta de 2006, por influência de alguns movimentos da via campesina e Consulta Popular, com o objetivo de organizar a juventude das cidades, em especial das periferias, apresentando como marcos para a nacionaliza do movimento o 1º Acampamento Nacional e os escrachos aos torturadores da ditadura militar.

O quadro 03, sistematiza as respostas dos sujeitos da pesquisa referente aos pontos que foram mais recorrentes:

### **QUADRO 03: Elementos sobre o surgimento do Levante Popular da Juventude**

<b>Elementos sobre o surgimento do Levante</b>	<b>Militantes que o destacaram</b>
Via campesina (MST, MAB, MPA)	E1(F), E2 (F), E4 (F), E5(F), E6 (M), E7 (M), E8 (F), E9 (F), E10 (M)
Consulta Popular	E1(F), E3 (M), E4 (F), E5(F), E6 (M), E8 (F), E9 (F)
Rio Grande do Sul	E1(F), E3 (M), E5(F), E6 (M), E7 (M), E8 (F), E9 (F), E10 (M)
Nacionalização em 2012	E1(F), E2 (F), E6 (M), E7 (M), E8 (F), E9 (F), E10 (M)
1º Acampamento Nacional	E1(F), E2 (F), E5(F), E6 (M), E7 (M), E8 (F), E9 (F), E10 (M)
Escrachos aos torturadores da ditadura	E1(F), E2 (F), E7 (M), E8 (F), E9 (F)
Organizar a juventude da cidade/periferia	E1(F), E2 (F), E4 (F), E5(F), E7 (M), E8 (F), E9 (F),

A cartilha sobre História do Levante (2014) começa falando sobre a história do movimento com a seguinte observação:

Este texto é um esforço de sistematização do processo de construção do Levante Popular da Juventude. Sabemos que uma história pode ser contada a partir de diferentes abordagens. Deste modo, cada militante do Levante que participou desse processo, ao recuperar a trajetória dessa organização pode dar ênfase a distintas dimensões. Portanto, não se trata aqui de definirmos uma história oficial, mas de apontarmos alguns marcos temporais fundamentais dessa construção, bem como identificar quais foram as principais influências que nos constituíram.

Ainda traz que embora tenha surgido no Rio Grande do Sul, apontado como lugar de batismo do movimento, o Levante não se restringe a esse estado, apresentando a via campestre como campo político articulador da necessidade, desde a década de 1990, de um movimento da cidade que organizasse a juventude. A partir de 2000 os movimentos juntos com a Consulta Popular fortalecem essa ideia e necessidade:

Em 2005 a Consulta Popular, instrumento político de referência para grande parte dos quadros da Via Campestre define em Assembleia Nacional a resolução "organizar a juventude da classe trabalhadora e, em especial, os jovens da periferia urbana". A leitura da Consulta era de que seria indispensável para a construção de um projeto hegemônico no Brasil a inserção na juventude trabalhadora, principalmente nas massas das grandes periferias. Era, portanto, necessário deslocar quadros de um contexto onde havia um razoável processo de organização, para constituir força social nos centros urbanos, onde este campo político, bem como as demais organizações de esquerda, tinham uma força muito residual (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2014, p. 5).

Inicialmente não existiu nada formulado sobre como deveria ser a organicidade, pois acreditava-se que o processo possibilitaria mostrar como deveria ser a melhor forma de se organizar. O primeiro núcleo do Levante, atuando nas periferias de Porto Alegre, foi composto por dois militantes da Pastoral da Juventude (MTD e MST) e um jovem da universidade e em 2005 é encaminhado a necessidade e construção de um acampamento de fundação do movimento, reunindo, por volta de 700 jovens no estado, em 2006: "(...) a construção do Acampamento deu a este núcleo maior densidade política e capacidade organizativa fundamentais para que o movimento deslanchasse" (Idem). Nesse mesmo acampamento foi definido como bandeiras do movimento a educação, o trabalho, a cultura e o lazer.

Em 2012, acontece o marco que nacionaliza o Levante tirado no I Acampamento Nacional, os escrachos aos torturadores da ditadura militar, acontecendo em 7 estados simultaneamente lutando por Memória, Justiça e Verdade através da denúncia da impunidade aos torturadores. Um mês depois é instalada a Comissão Nacional da Verdade. Sobre o I Acampamento é importante destacar a colocação do Levante sobre o processo de nacionalização:

Na medida em que estas várias iniciativas iam se forjando, a experiência do Levante no Rio Grande do Sul passou a inspirar militantes desse campo político nos demais estados, que sentiam a necessidade de ter uma ferramenta. Passamos a consolidar um setor nacional da juventude da Consulta Popular,

envolvendo inclusive os companheiros do Rio Grande do Sul propulsores da identidade e do método mais sistematizado, que percorreu todo o Brasil para construir as bases na nacionalização e aos poucos fortalecer a identidade do nosso movimento. Estabelece-se então a necessidade de criar um marco para a nacionalização do movimento. O Acampamento Nacional do Levante Popular da Juventude seria ao mesmo tempo o marco e a meta-síntese impulsionadora do processo de nacionalização. Durante mais de 1 ano os estados se preparam para criar as condições de chegar ao Rio Grande do Sul, estado que simbolizava esse processo de construção. Em fevereiro de 2012 cerca de 1300 jovens de 15 estados se reúnem na cidade de Santa Cruz do Sul (RS). Neste acampamento afirmamos a construção do Levante como uma organização Nacional e firmamos a nossa primeira carta de compromisso, delineando os primeiros traços desta ferramenta ao som da nossa embrionária batucada popular símbolo da nossa construção. Foi nesse momento que também consolidamos a primeira instância do Levante, a Coordenação Nacional (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2014, p.6-7).

Em termos gerais, podemos considerar que as respostas dos militantes sobre o surgimento nacional estão condizentes com o que a cartilha do Levante apresenta, alguns pontuando mais uns elementos. A resposta do entrevistado discorre sobre o surgimento do Levante:

O Levante Popular da Juventude surge da necessidade de se organizar a juventude na cidade e isso remota a um contexto histórico no qual desde o final da década de 90 se apontava uma mudança no eixo da luta social no Brasil que ia do campo para a cidade, isso porque a cidade cada vez mais começava a ganhar mais corpo, os espaços urbanos se tornavam cada vez mais volumosos e os movimentos da via campesina, o do chamado campo popular, perceberam que era preciso criar força social nesses espaços urbanos nos quais a esquerda, geralmente, tinha força bastante residual e aí essa discussão, esse debate ele foi sendo amadurecido, né? Foi sendo mastigado por esse campo político durante todo esse tempo e aí nos anos 2000 a gente tem dois marcos importantes que primeiro: é o acampamento em homenagem ao Sepé Tiarajú em 2006 e o acampamento da juventude do campo e da cidade em 2008 no Rio Grande do Sul, né? Que pra gente é o ponto de partida, né? Da gestação do Levante Popular da Juventude. Foram acampamentos em que reuniram centenas de jovens no Rio Grande do Sul, justamente para discutir a importância da criação dessa ferramenta política de organização da juventude e foram espaços também onde foram colocados metasínteses para essa embrionária organização (pausa) e aí a gente geralmente adota o acampamento em homenagem a Sepé Tiarajú em 2006 como ponto de partida da criação do Levante Popular da Juventude. Mas, o momento que esse movimento vai se nacionalizar é em 2012 com a construção do nosso primeiro acampamento nacional, né? Que vai reunir jovens de vários estados do Brasil, enfim, onde vai se dar também um caráter nacional ao/ ao movimento e de lá vai se sair com ação que marca a criação do Levante Popular da Juventude que são os escrachos aos torturadores da ditadura militar, os escrachos pedindo por memória, verdade e justiça, uma ação que vai ser feita em nove Estados do Brasil, simultaneamente, ao mesmo tempo em que a gente foi as frente das das casas dos torturadores da ditadura militar pra mostrar e pra denunciar que ali morava um torturador e que até então, ele estava impune. Essa ação ela foi

feita porque a gente tinha ali uma comissão (pausa) nacional da verdade, né? Que investigava os casos de crimes contra os direitos humanos da ditadura militar, mas que estava um pouco invisibilizada (palavra do entrevistado). Então nesse sentido, construir essa ação serviu pra fortalecer essa comissão e pra somar na luta pela memória, verdade e justiça e é basicamente assim que é criado, que é gestado esse movimento nacionalmente no Brasil (E7 (M)).

Em relação a pergunta sobre o surgimento do Levante na Paraíba, de forma geral, 8 entrevistados responderam sobre a pergunta e 2 falaram que não sabiam. Dos 8 que responderam, aparecem alguns pontos em comum, outros diferentes, mas apenas uma jovem descreveu de forma mais explicada como foi o processo.

Entre os pontos em comum 6 militantes relataram que existia anteriormente na Paraíba um movimento que se identificou posteriormente com o Levante Popular da Juventude, adentrado no movimento. 4 participantes, relataram que esse movimento que já existia aqui era chamado Levante, 2 citaram como sendo conhecido por Levante e Lute. Já sobre o local específico do surgimento, 4 pontuaram a Universidade Federal da Paraíba - UFPB como esse polo inicial onde o movimento anterior ao Levante Popular da Juventude se organizava.

A seguir temos a imagem do símbolo do movimento:

**Imagem nº 01**



**Fonte: <https://levante.org.br/>, 2020**

E também temos algumas imagens do movimento em João Pessoa:

**Imagem nº 02**



Ato em defesa da autonomia universitária, 2020

**Fonte: Instagram do Levante Popular da Juventude na Paraíba @levanteparaiba**

**Imagem nº 03**



Dia de solidariedade na comunidade do Citex, com a construção de uma horta comunitária, colagem de lambe, muralismo e brechó popular, 2020  
**Fonte: Instagram do Levante Popular da Juventude na Paraíba @levanteparaiba**

**Imagem nº 04**



Terceira etapa da escola de formação Emerson Pacheco, 2019  
**Fonte: Instagram do Levante Popular da Juventude na Paraíba @levanteparaiba**

**Imagem nº05**



Ato em solidariedade e justiça por Mariana Ferrer, 2020

**Fonte: Instagram do Levante Popular da Juventude na Paraíba @levanteparaiba**

No quadro abaixo é possível perceber essa sistematização sobre a pergunta acerca da Paraíba:

**QUADRO 03: Elementos sobre o surgimento do Levante Popular da Juventude na Paraíba**

<b>Elementos sobre o surgimento na Paraíba</b>	<b>Militantes que o destacaram</b>
Levante	E1(F), E2 (F), E8 (F), E10 (M)
Levante e Lute	E6 (M), E7 (M)
UFPB	E6 (M), E7 (M), E8 (F), E10 (M)

Como falado anteriormente, nessa pergunta, apenas uma militante descreveu mais sobre esse surgimento:

Então, como o Levante surge na Paraíba, né? Adoro contar essa história. Então, ele surge em 2016, pois é gente, surge em 2016, né? E é fruto de um processo de reorganização dos centros acadêmicos pós uma eleição de DCE, né? E tipo assim, era tempos de eleição de DCE cabulozíssima, eu indico

(pausa) um documentário que eu esqueci o nome, mas já já eu falo, é Tempos, Dias de Abril Verão, alguma coisa assim, eu vou lembrar na qual a esquerda sai dessas eleições derrotada, né? E daí surge, surge a necessidade tanto do/dos centros acadêmicos quanto dos movimentos organizados, os coletivos dentro da universidade elas surgem a necessidade de fazer um seminário estudantil e que deu origem ao movimento Levante e daí eles tiraram várias propostas de reorganização, de lutas tanto dentro quanto fora da universidade, né? (pausa) a luta pelo passe livre, o aumento das passagens aqui em João Pessoa e das cidades vizinhas ... e também foi uma movimentação pra tentar rearticular a galera que queria fazer a disputa do DCE, né? porque a intenção era que o DCE saísse das mãos da direita, né? Porque tava foda (pausa) em 2007 essa galera do movimento Levante, eles lançam a chapa pra o DCE, né? Se eu não me engano, em 2007, era Levante e Lute o nome da chapa que é vitoriosa, fica na gestão durante um ano e daí ela fica muito visada pelas ações massa que fazia, as lutas por assistência estudantil, pelo passe livre fora da universidade, construiu, eu acho que foi nesse ano que construíram o FUMUCA que é o maior festival de arte e cultura que interliga os CAMPES, e daí por diante, foram várias lutas que eles fizeram. Em 2009 ele passa por outro processo de reorganização, né? Porque ficaram um ano DCE e voltaram pra pra tentar reeleição, e, 2008, é, aí perde pra direita de novo e volta com a reorganização em 2009. É um momento que eles conseguem se reorganizar, tem uma configuração de coletivo (pausa) baseado em outro seminário que foi realizado e se fortalecem e daí entram num processo eleitoral novamente em 2010 que é quando acaba a gestão da direita, que se eu não me engano é (pausa) a chapa Vira Mundo que a Universidade Se Pinta de Povo, que o movimento ele pauta (pausa) é, ele volta a pautar o, o aumento da passagem de novo e pela luta pela creche dentro da universidade que é um período bem difícil que não tinha, que não tinha os auxílios, os auxílios estão prestes a ser cortados principalmente o auxílio a creche pra as estudantes e os demais que precisam desse auxílio. Em 2011 a Vira Mundo começa a pensar como vai ser essa nacionalização, né? Porque daí eles já conhecem, já tem história, já conhecem o, o Levante Popular da Juventude lá no Rio Grande do Sul, pulei essa parte né? Mas, ali em 2008, 2007 eles já entram em contato com o Rio Grande do Sul aí aqui a gente é movimento Levante, lá é Levante Popular da Juventude, o quê que nós temos em comum e aí como que vai ficar? Aí em 2011 (pausa) na chapa do DCE, né? No Vira Mundo eles começam a se organizar com impulsionamento pelos movimentos sociais como eu falei na nacionalização do MST, do MAB e daí por diante eles tiram de ir para o acampamento nacional e se nacionalizar junto do Levante Popular da Juventude virar um movimento só. E daí quando é em 2012, em fevereiro, sai da Paraíba a primeira delegação para o primeiro Acampa Nacional do Levante Popular da Juventude, foi um marco da nacionalização, né? E que a gente hoje tem muitos frutos aqui na Paraíba disso, né? éramos só na UFPB, hoje em dia, em João Pessoa, né? Hoje em dia a gente para além da UFPB a gente tem (pausa) atua na frente territorial, nas periferias, com secundaristas, nas cidades de Campina, Cabedelo, Areia, Guarabira, Souza, Cajazeiras e daí por diante né? E Conseqüentemente a gente participa do segundo Acampa que é em São Paulo em Cotias, (pausa) com três mil jovens, já dá um salto, né? Em 2015, é 2015, não em 2016, o golpe foi em 2016, né? Então foi em 2016, a gente participa do terceiro Acampa que foi em Minas no mineirinho, tremendo o mineirinho com sete mil jovens e esse ano a gente se prepara ou se preparava pra o quarto Acampa na Bahia, tremendo o pelourinho (pausa) e levando muito jovens, muitos ônibus aqui do estado (E8 (F)).

O militante E10 (M) fala que a sistematização sobre a história do Levante Popular da Juventude na Paraíba é uma necessidade " inclusive é uma necessidade que nós temos que sistematizar a história aqui, na Paraíba, mas até onde eu sei que foi, foi a partir, o primeiro território foi na UFPB". Algumas respostas também indicaram algumas dúvidas, com expressões como "acredito", "acho", "até onde eu sei":

Então, na Paraíba, assim, não, não sei o momento específico, mas acredito que quando surge o Levante aí vem as ondas dos escrachos em 2012 surge essa articulação, né? Nacional e aí provavelmente a Paraíba era um desses dos estados do Brasil que tinha essa articulação que antes era um movimento (E2 (F))

Bem, pelas breves conversas que já ouvi (pausa) antes do Levante Popular da Juventude chegar na Paraíba, existia um movimento chamado Levante alguma coisa, num sei (pausa) que era de Marquinhos, companheiro nosso, que fazia parte né, na sua juventude com outros/ outras pessoas e quando eles descobriram que né? Existia o Levante Popular da Juventude resolveram agregar, e aí esse movimento que era só Levante, virou o Levante Popular da Juventude. Eu acho que é basicamente só isso que eu sei, basicamente, quando o levante chegou na Paraíba (E9 (F))

(...) é o primeiro acampamento nacional, também esse movimento Levante inicial no movimento estudantil, nas lutas estudantis, na UFPB, deram origem, origem não, percebeu-se que era a mesma, que havia o mesmo objetivo, inclusive no caso formou o Levante Popular da Juventude, pelo menos até onde eu sei, né? Da história inicial (E10 (M)).

O fato de apenas uma militante ter descrito essa história aqui na Paraíba, enquanto dois responderam não saber e outros 7 responderam com pontos contraditórios que se situam nos elementos Levante, Levante e Lute, I Acampamento Nacional e UFPB, podem ser indicativos da necessidade dessa sistematização.

#### **4.1.2 Aproximação com o Levante Popular da Juventude**

Após entendermos como nasceu o Levante, achamos importante compreender como os entrevistados se aproximaram do movimento, se tornando militantes orgânicos. A priori, notamos que 6 participantes se aproximaram do Levante por meio de ações do próprio movimento e os demais entraram em contato em alguma ação ou ato que estavam ocorrendo na sociedade com participação do Levante ou de militantes do Levante. O ano de 2016 também foi o mais citado como marco do início da militância orgânica, falado por 4 militantes.

Nas respostas, temos: apresentação do Levante no curso de enfermagem; ato de escracho a LGBTfobia na UFPB; militantes secundaristas passando em sala para convidar para uma reunião do Levante; recepção de militantes a calouros do curso de Serviço Social; intervenções do Levante no movimento secundarista e convite para participação do Congresso Nacional da União dos Estudantes – CONUNE:

Quando eu entrei no curso de enfermagem, teve uma apresentação do Levante (...) (E3 (M)).

Conheci o Levante em um ato na UFPB Universidade Federal da Paraíba, de escracho à LGBTfobia (E5 (F)).

Eu me aproximei do Levante em 2016, ainda secundarista, quando eu fui cursar o terceiro ano do ensino médio na escola José Guedes em Cabedelo e aí chegam três militantes do Levante passando em sala, falando que iam ter reunião (...) (E7 (M)).

(...) sou recepcionada por dois companheiros do Levante que faziam o mesmo curso que eu, Serviço Social e a partir daí eu fui conhecendo o Levante (E8 (F)).

No movimento secundarista, na minha escola aqui em Recife (E9 (F)).

(...) foi um convite pra participar do CONUNE, em 2015, em Goiânia. Eu fui para o CONUNE com o Levante, mas eu só me organizei no acampamento estadual, no segundo acampamento estadual, na Paraíba, que foi em julho de 2016, junho de 2016 (E10 (M)).

As outras quatro respostas relataram a votação do impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 2016, como marco para aproximação com o movimento, ocupação da UFPB na época da PEC dos gastos, também em 2016, segundo plebiscito pela constituinte em 2014 e, seminário sobre direito no Rio de Janeiro:

(...) mas eu fui entrar assim concretamente foi em 2016 quando a gente foi pra Brasília para o dia da votação do impeachment de Dilma na câmara dos deputados (E1(F)).

Eu conheci o Levante em uma, eu fui fazer, eu fui participar de um seminário no Rio de Janeiro, apresentar um trabalho lá no/ no seminário de direito e movimentos sociais e aí eu conheci um/ um companheiro do Levante (E2(F)).

Eu conheci através da ocupação que teve na UFPB, no campus de areia de ciências agrárias, que foi aquela época da PEC dos gastos, que foi em 2016, foi em 2016, que a gente, eu participei da formação da ocupação, mas eu não

era organizada, uma das pessoas que contribuíam e que formaram a parte pedagógica era do Levante (E4 (F)).

Eu conheci o Levante numa apresentação do Plebiscito Popular pela Constituinte, em 2014, mas me tornei orgânico no movimento após a Dilma ter assumido o segundo mandato e havia movimentação para um golpe de Estado (E6 (M)).

O Levante Popular da Juventude (2013, p. 14) traz na política de acompanhamento dos militantes um objetivo chamado de simples "movimentar a juventude em torno de ações concretas e quotidianas, consolidando as células, secretarias operativas e os setores como espaço de cativação, vivência, planejamento e divisão de tarefas".

O desafio para esse objetivo é formar os novos militantes e o Levante utiliza o método do cumprimento das tarefas, realizando o que chamam de escola da prática "O Levante tem sido uma escola da prática militante" (2013, p. 14). Nessa prática o planejamento, execução e avaliação são importantes, porém quando um militante está se aproximando do movimento, apenas a prática não é suficiente. É necessário também o acompanhamento desses militantes. "O acompanhamento é a arte de lapidar o ser-social para que dele aflore um ser político" (2013, p. 14). Esse acompanhamento é realizado pelos militantes mais experientes e antigos, que contribuem com disposição e tempo. O intuito do acompanhante é garantir que o novo integrante cumpra a tarefa, mas para isso vai ensinar, oferecendo suporte, visando a autonomia do novo militante.

Nas respostas foi comum ter algum ou alguns militantes realizando tarefa organizado pelo próprio movimento e convidando outras pessoas para participar, assim como em atos que o Levante estava presente. Esse acompanhamento que leva a aproximação dos novos militantes foi citado por uma das entrevistadas:

Eu conheci o Levante em uma, eu fui fazer, eu fui participar de um seminário no Rio de Janeiro, apresentar um trabalho lá no/ no seminário de direito e movimentos sociais e aí eu conheci um/ um companheiro do Levante que trocou, né? uma ideia comigo e aí a gente, ele me apresentou o Levante lá e aí depois fez todo o acompanhamento, me colocou em contato com a militância de João Pessoa e também Camilla, né? fazia parte de um grupo de extensão que eu fazia parte na universidade e aí rolou essa aproximação através dessa viagem que eu fiz pro Rio de Janeiro, desse acompanhamento que me colocou em contato com a militância de João Pessoa (E2 (F)).

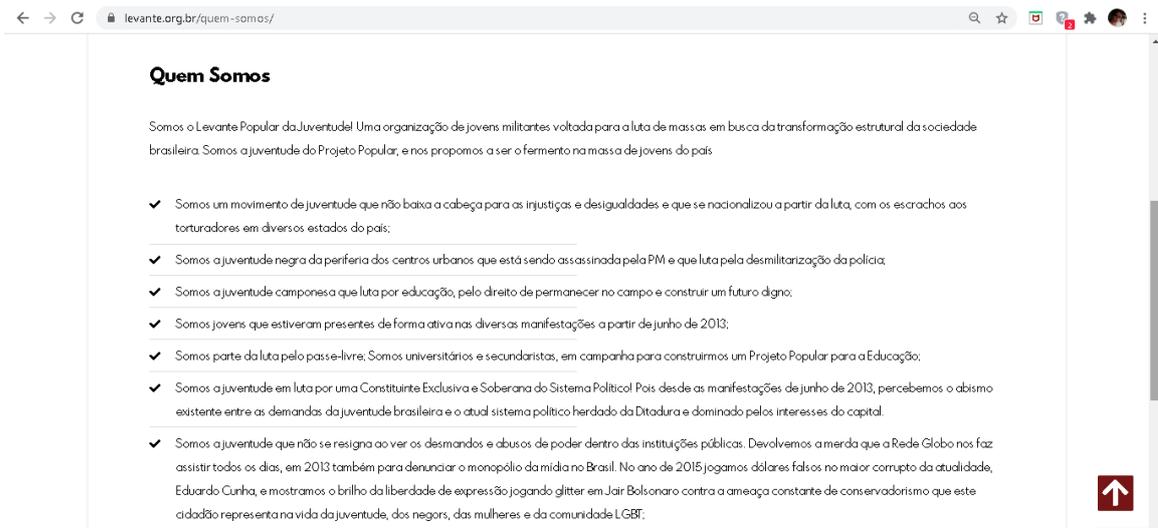
A seguir apresentamos duas imagens com a página do Levante Popular da Juventude

## Imagem nº 06



Fonte: <https://levante.org.br/>

## Imagem nº 07



Fonte: <https://levante.org.br/>

### 4.1.3 Ações do Levante Popular da Juventude

Muitas ações foram citadas, abrangendo algumas frentes de atuação. O Levante Popular da Juventude, movimento de massa protagonizado por jovens objetivando um Projeto Popular para o Brasil, se organiza em quatro setores: movimento estudantil universitário e escolar, com os jovens acadêmicos e secundaristas, no campo com a juventude camponesa e na cidade, sobretudo, com a juventude das periferias. Baseado no tripé organização, formação e luta, os militantes mais antigos convidam e acompanham os novos militantes no

desenvolvimento das tarefas (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2013).

A juventude do Projeto Popular, se situa no campo político popular, onde se encontra diversos movimentos e organizações que pautam a transformação da sociedade combatendo o neoliberalismo, com o intuito de realizar as mudanças estruturais na sociedade brasileira (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2013). Além da organização em frentes, o Levante se organiza em núcleos e células. O entrevistado E6 (M) relatou sobre as ações do movimento e abordou um pouco sobre a sua organicidade:

O Levante é um movimento de juventude de massas, composta com a juventude da classe trabalhadora. Portanto, se divide em quatro frentes de atuação: a) Universitária; b) Territorial; c) Camponesa; d) Secundarista. Então as atividades do Levante, nesses quatro terrenos distintos, nos exige um esforço contínuo de organizar núcleos de base e fazer uma formação para os distintos graus de organicidade. As ações se dão em três sentidos: a- Organização, construir uma coletividade organizada; b- Formação; c- Luta, institucional, de massas, ideológica. Uma das maiores características do Levante nas suas ações é a ousadia e criatividade, fruto de um leito histórico de Agitação e Propaganda. O Levante não é o mesmo sem a ferramenta de diálogo que é a batucada (E6 (M)).

Brito (2017, p. 108) pontua elementos importantes sobre a estrutura organizativa do Levante:

A estrutura organizativa do LPJ se baseia no modelo de células, dividindo em campos de atuação do movimento e em coordenações estaduais. Com o crescimento do grupo e a divulgação de suas ações, viu-se surgir paulatinamente um processo de expansão da organização, que veio a se efetivar em 2010. A organização está presente em 18 Estados da federação, possuindo uma coordenação nacional que se reúne anualmente e coordenações estaduais que estão sempre promovendo reuniões e encontros. Apesar de nacionalmente organizados, se percebe certa independência das ações do grupo nos Estados, dadas as variações de luta por especificidades regionais e em relação à busca de verbas para realização das atividades. O grupo não possui vinculação partidária e não é cadastrado como pessoa jurídica (CNPJ), por isso os recursos para a realização de suas atividades provêm de parcerias com instituições e associações que se estabelecem nas localidades onde atua a organização

De forma geral, podemos sistematizar como ações do Levante: ações de luta, mobilização, solidariedade e organização. Essas ações compreendem a construção de atos, reuniões, agitação e propaganda, batucada, escrachos, realizar eventos, puxar ato, participação em centros acadêmicos, teatro do oprimido, luta por creche, ação por RU, por auxílio-moradia, passar em sala de aula, conversar com estudantes e trabalhadores, participar de conselhos de

saúde, ações de cultura, profissionalização, Podemos Mais, Nós Por Nós, reuniões de célula, convite para participar do movimento e formações.

O quadro abaixo sistematiza as ações citadas por cada um dos entrevistados:

#### **Quadro 05: Ações do Levante Popular da Juventude**

<b>Militante</b>	<b>Ações destacadas</b>
E1 (F)	Luta (atos, reuniões, agitação e propaganda, batucada); mobilização (passar em sala de aula, conversar com estudantes e trabalhadores); solidariedade (ações de cultura, profissionalização, Podemos Mais); organização (reuniões de célula, convite para participar do movimento), ações de denúncia (escrachos, postêr), mutirões.
E2 (F)	Participação nos centros acadêmicos; realizar eventos; puxar os atos; Podemos Mais e Nós Por Nós
E3 (M)	Podemos Mais; Nós Por Nós; participação em conselhos de saúde
E4 (F)	Construção com a UNE; Nós Por Nós
E5 (F)	Ações organizadas de acordo com os objetivos
E6 (M)	Organização, formação e luta; agitação e propaganda
E7 (M)	Organização, formação e luta; agitação e propaganda (batucada, cartazes, faixas, teatro do oprimido); solidariedade (Nós Por Nós, Podemos Mais)
E8 (F)	Assistência estudantil (luta por creche, ação por RU, por auxílio-moradia), secundarista (aumento da passagem), territorial (Nós Por Nós)
E9 (F)	Trabalho dentro das universidades (guia o movimento estudantil, conversas e intervenções de agitação e propaganda); Nós Por nós; batucada
E10 (M)	Podemos Mais; Nós Por Nós; construção da diretoria da UNE; Formações

A semana “Nós Por Nós” e “Podemos Mais” são ações de solidariedade e foram as mais citadas pelos militantes 7 e 5 entrevistados, respectivamente. A semana “Nós Por Nós”

abrange uma série de outras ações, dentre eles o Podemos Mais, pautando atuações de solidariedade nas comunidades:

As principais atividades que a gente tem desenvolvido é o cursinho popular, né? O Podemos Mais e recentemente a Nós Por Nós que é ação de solidariedade nas comunidades (E2 (F)).

Outro elemento também que a gente tem bem presente dentro da nossa organização e que a gente tem enquanto um valor revolucionário está voltado justamente para essa questão das nossas ações é a solidariedade, primeiro porque entendemos que nossa montanha é o povo e que as experiências históricas revolucionárias apontam a solidariedade como elemento de estabelecimento de vínculo com a classe trabalhadora e segundo porque também entendemos que se eles lá não fazem nada nós fazemos por aqui e esse é o lema de uma ação nossa que a gente tem em todo Brasil que é a semana Nós por Nós, são construídas ações de solidariedades nos bairros e nas periferias de todo o Brasil. Outro, experiências de ação e solidariedade, é a criação do cursinho Podemos Mais que é a experiências de cursinho popular que visa, né? Que busca ... pintar a universidade de povo, que busca contribuir com acesso da juventude trabalhadora nas universidades (E7 (M)).

Na territorial ele faz ação de solidariedade, ação de solidariedade no intuito de levar ações até aquela comunidade desprovida, como balcão de cidadania pra tirar os documentos, uma ação de, voltada pra arrecadação de alimentos, ação no dia das crianças que é o Nós Por Nós que organiza, faz mutirão pra organizar uma parte da comunidade que tá abandonada, tipo uma praça. É uma ação que o Levante costuma fazer sempre em outubro que é o Nós Por Nós, aí no dia da ação, da limpeza, da restauração da praça ou de outro espaço da comunidade ela organiza feijoada, pula-pula, algodão-doce, coisas voltadas pra criança, então isso é uma ação, acho que é isso (E8 (F)).

Hoje neste período de pandemia, também estamos desenvolvendo o das universidades aos bairros, que é uma ação solidária do Levante, das universidades, que parte das universidades para os bairros, né? (E9 (F)).

Nós temos ações, iniciativas muito importantes, como, por exemplo, a rede de cursinho populares Podemos Mais, né? Que é uma rede de cursinhos em todo o Brasil, as ações, as campanhas de solidariedade que antes eram feitas somente no mês, no mês de comemoração de Che Guevara, mas que agora elas são feitas ao longo de todo ano, que são as campanhas de solidariedade Nós Por Nós, é uma ação fixa do Levante, essas duas campanhas (...) (E10 (M)).

Aqui em João Pessoa, a Nós Por Nós tem acontecido na comunidade do Timbó, no bairro dos Bancários:

Recentemente a gente fez a semana Nós Por Nós, na comunidade de Timbó, João Pessoa, que lá, a semana Nós Por Nós é nada mais que

uma atividade, um pontapé inicial, que é isso que a gente tá fazendo, chegou com essa Nós Por Nós. Foram dois dias de atividades nessa comunidade pra criar o vínculo com o povo, criar um vínculo com a associação dos moradores, com o/ com as escolas, pra gente conseguir se inserir e mostrar a eles a juventude que entrou ali, conseguiu botar uma meta e a gente conseguiu cumprir aquela meta e a gente quer construir junto com a comunidade, mudar a realidade deles com a gente, a gente quer ajudar a melhorar o que a gente pode fazer e construir politicamente, não só a juventude, mas como o pessoal levar pro nosso campo popular, né? Com a frente (E4 (F)).

Sobre o Podemos Mais, destacamos a seguinte fala da entrevistada:

O Podemos Mais é o cursinho popular do Levante, né? Que vem nesse sentido já que a gente é uma juventude que se dispõe a tá construindo um projeto popular a gente entende que a educação é base desse processo e aí através do Podemos Mais a gente, aí é uma forma, né? O Podemos Mais é uma forma da gente possibilitar essa educação para as pessoas que não tem ou não estão tendo o acesso adequado da educação e aí a gente traz o Podemos Mais com o principal objetivo de ser um cursinho preparatório para o ENEM, mas que a gente já tem pensado em expandir e aprimorar pra ser um cursinho constante e a Nós Por Nós, no mesmo sentido, né? De fortalecer esse trabalho, de ter não só uma semana Nós Por Nós em que a gente realiza trabalho nas comunidades, mas ser uma, um espaço Nós Por Nós, em que a gente tá ali atuando diretamente com o território, né? Entendendo a realidade dele e procurando propor pra que aquelas pessoas daquele território junto com a gente passe pelo processo de conscientização, de formação e de transformação da realidade (E2 (F)).

O Podemos Mais é uma rede de cursinhos populares lançado em 2017, geralmente com a realização de aulas durante o período da semana Nós Por Nós. Sobre as aulas do cursinho o Levante Popular da Juventude (2018, p. 2) em relação com a Educação Popular traz:

Os aulões tem a características de serem mais dinâmicos e com a abordagem mais sintética dos conteúdos. Devem acima de tudo explorar a capacidade de leitura, interpretação e proposição dos educandos em torno dos conteúdos. Precisam ser um estímulo pedagógico. E são a possibilidade de exercer e experienciar novos espaços de educação, pela educação popular. A educação formal e bancária tem servido de instrumento para a alienação. É necessário contrapô-la na prática, estimulando a capacidade de reflexão, organização e intervenção na realidade do educando.

Nessa resposta da entrevistada e essa citação direta sobre as aulas no cursinho popular

podemos perceber relação com a educação popular. A entrevistada traz elementos da educação popular como a realidade do educando, conscientização e transformação da realidade e a citação da cartilha do Levante sobre o Podemos Mais, critica a educação bancária dissertada por Paulo Freire no livro *Pedagogia do Oprimido* (2016), subentendendo-se que o cursinho vem como uma proposta de contrapondo a educação alienadora.

A solidariedade, citada nas respostas dos militantes, é trazido por Gohn (1997, p. 252 - 253) como um dos princípios dos movimentos sociais ao defini-los:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciados pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum. Esta identidade é amalgamada pela força do princípio da solidariedade e construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo, em espaços coletivos não-institucionalizados (...) o princípio da solidariedade é o núcleo de articulação central entre os diferentes atores envolvidos, a partir de uma base referencial comum de valores e ideologias construídos na trajetória do grupo, ou advindos dos usos e tradições e compartilhados pelo conjunto. É necessário destacar que quando se fala em solidariedade não se quer dizer que os movimentos sejam internamente espaço harmoniosos ou homogêneos. Ao contrário, o usual é a existência de inúmeros conflitos e tendências internas. Mas a forma como se apresentam no espaço público, o discurso que elaboram, as práticas que articulam nos eventos externos, criam um imaginário social de unicidade, uma visão de totalidade. A solidariedade é o princípio que costura as diferenças fazendo com que a representação simbólica construída e projetada para o - não-movimento - seja coerente e articulada em propostas que encubram as diferenças internas, apresentando-se, usualmente, de forma clara e objetiva.

Muitas ações citadas também estavam relacionadas com a agitação e propaganda do Levante, como a batucada popular, porém o AGITPROP, não é específico do movimento e tem articulação enquanto necessidade de acontecer, desde Lenin.

### **Imagem nº 8**



Participação do Levante no 26º Grito dos Excluídos, 2020

**Fonte: Instagram do Levante Popular da Juventude na Paraíba @levanteparaiba  
Imagem nº 9**



Ações de solidariedade

**Fonte: Instagram do Levante Popular da Juventude na Paraíba @levanteparaiba**

**Imagem nº 10**



Ações de solidariedade na comunidade do Citex, onde foram desenvolvidas atividades de horta comunitária, colagem de lambe, muralismo e brechó popular.

**Fonte: Instagram do Levante Popular da Juventude na Paraíba @levanteparaiba**

No livro *Que Fazer: problemas candentes do nosso movimento*, Lenin (2015) fala sobre a importância que os panfletos, com denúncias sobre as condições precárias de trabalho nas fábricas, tiveram na luta econômica dos operários russos. Esses panfletos passaram a ser uma declaração de guerra, dispondo os operários para defender suas reivindicações. O revolucionário aponta que as denúncias exercem o efeito de pressão moral, sendo uma ferramenta importante para a luta econômica. O autor destaca "E conservarão essa importância enquanto subsistir o capitalismo, que engendra necessariamente a autodefesa dos operários" (2015, p. 109).

Essas denúncias por meio dos panfletos, embora importantes não poderiam ser entendidas somente como reivindicações de condições melhores para os operários na venda da sua força de trabalho, mas deveriam estimular a consciência política sobre a necessidade da destruição do regime social que obrigava essa venda da força de trabalho a classe dominante. A denúncia, enquanto propaganda, torna-se um ponto de partida, mas é necessário a agitação para levar essas denúncias para toda sociedade:

Cabe perguntar: em que deve consistir a educação política? É possível limitar-se à propaganda da ideia de que a classe operária é hostil à autocracia? Naturalmente que não. Não basta explicar a opressão política de que são objeto os operários (tal como não bastava explicar-lhes o antagonismo entre os seus interesses e os dos patrões). É necessário fazer agitação acerca de cada

manifestação concreta dessa opressão (como começamos a fazer em relação às manifestações concretas da opressão econômica) (LENIN, 2015, p. 110 - 111).

O capitalismo subsiste e, portanto, a importância da agitação e propaganda continua sendo uma ferramenta eficiente e necessária de denúncia das opressões vivenciadas pela classe trabalhadora. Além de panfletos, cartazes, e faixas, a batucada popular também foi citada como um dos mecanismos de agitação e propaganda pelos militantes entrevistados:

A agitação e propaganda ou AGITPROP é um método desenvolvido dentro do processo revolucionário russo, né? No qual a gente tinha uma grande massa de trabalhadores e trabalhadoras analfabetos e era preciso chegar a esses trabalhadores com uma linguagem que fosse razoavelmente entendível, compreensível, você não faz revolução sem trabalhador, sem povo, né? Então ...ao invés de chegar muitas vezes com manifestos, com panfletos, tal, se chegava com arte, com cultura popular, com teatro, com a música, né? E, a gente busca resgatar isso pra dentro da luta popular no Brasil. Uma grande marca da nossa organização é a batucada, a batucada popular, né? Que é um elemento que a gente usa justamente pra fazer esse **diálogo**, mas não só ele, o teatro do oprimido, claum (palavra inaudível), as faixas, os cartazes ... enfim, vários elementos que buscam estabelecer esse **diálogo** com o povo no sentido de agitar e propagandear nossas bandeiras de luta (E7 (M)).

Uma das categorias da Educação Popular é justamente ações dialógicas, como expressa o entrevistado acima. Segundo Freire (2016), a educação dialógica é essencial para a construção de uma educação libertadora, sendo um contraponto a educação antidialógica constitutiva da educação bancária. A teoria da ação dialógica apresenta as características de colaboração, união, organização e síntese cultural.

Com o objetivo de realizar diversas denúncias, de acordo com a conjuntura, a batucada do Levante agitam e propagandeam nos atos paródias criativas que são facilmente aprendidas por quem ouve. Como exemplo trouxemos algumas paródias do cancionário produzido para campanha à presidência da república de Haddad e Manuela, em 2018:

Nem fraquejada  
e nem do lar  
a mulherada tá na rua pra lutar.

Debate debate  
ele deixa pra depois  
pegaram o Bolsonaro  
fazendo caixa dois.

Eu tô com ele  
 Eu tô com ela  
 Eu tô com Lula, Haddad e Manuela.

Na primeira estrofe é denunciado o machismo presente nos discursos do candidato e hoje atual presidente Jair Messias Bolsonaro. Na segunda é denunciado esquemas de caixa dois durante a campanha, que atualmente estão em investigação, e no último é feita a campanha para os candidatos do movimento.

Além da agitação e propaganda como forma de denúncia também foram citados os escrachos, que como já contextualizamos foi um dos marcos para a nacionalização do Levante Popular da Juventude, quando uma série de atos por todo país denunciavam os torturadores da ditadura militar, se utilizando de elementos artísticos como música, dança e teatro. Embora não tenham ocorrido da mesma forma, os escrachos aqui no Brasil foram influenciados pelos *escraches* argentinos (BRITO, 2017).

Nos *escraches* argentinos os denunciadores realizavam todo um trabalho em bairros, vários dias antes do próprio *escracho* para conversar e conscientizar a comunidade sobre a pauta e convidá-los para participar também do momento em que os sujeitos serão *escrachados*. No Brasil o encaminhamento para os *escrachos* surgiu num encontro da Coordenação Nacional:

A iniciativa para promoção dos atos surgiu em um dos encontros da Coordenação Nacional do LPJ, em 2012 que reuniu cerca de mil jovens de mais de 15 Estados, na cidade de Santa Cruz do Sul/ RS. O grupo decidiu promover ações de denúncia à impunidade dos crimes oriundos de um sistema repressivo, e a estratégia inicial foi promover *escrachos* a agentes da ditadura em um mesmo dia e em várias capitais do país, visando, assim, obter uma significativa repercussão social midiática (BRITO, 2017, p. 112).

Foram realizadas rodadas nacionais de *escracho*. A primeira realizada em 26 de março de 2012 em seis capitais. Além da denúncia o Levante também pressionava pela instauração da Comissão Nacional da Verdade. No dia 31 de março também foram realizadas intervenções de repúdio devido a comemoração da ditadura de 64, por parte dos militares, mesmo a Presidenta Dilma Rousseff proibindo a comemoração na época e em 14 de maio ocorreu outra rodada dos *escrachos* em vários estados. O Levante de São Paulo, por conta dessa ação receberam o prêmio de Direitos Humanos da Presidência da República, no dia 17 de dezembro do mesmo ano (BRITO, 2017). O levante tem sua nacionalização com uma contribuição importante e significativa para a sociedade brasileira.

#### 4.1.4 O Levante salva vidas: significados do Levante Popular da Juventude

Há um jargão interno de que "O Levante salva vidas". E esse é o significado pra mim do Levante, me levou a sair de um quadro profundo de depressão, para me colocar como um sujeito coletivo que atua politicamente pra transformação da realidade. Além disso, acho que é um movimento de juventude necessário para atual realidade e desafios do Brasil, pois se desafia a dialogar e formar sujeitos do campo, da cidade, da periferia, as mulheres, negros e negras, LGBTs, com trajetórias distintas (E6 (M)).

A escolha de iniciar o subtópico com a resposta de um dos militantes se deu pela explicação sobre o jargão usado no subtítulo "O Levante salva vidas" e por expor o significado da importância de um movimento social.

Entre risos, pequenas pausas e até emoções que afloraram ao ouvir a pergunta "O que o Levante Popular da Juventude significa para você?", foi que os entrevistados relataram suas relações com o movimento. Palavras como: vida, apoio, suporte, transformação, coletividade e sustento foram recorrentes.

O quadro abaixo resume os significados trazidos por cada participante:

**Quadro 06: Significados do Levante Popular da Juventude**

<b>Sujeitos da pesquisa</b>	<b>Significados apresentados</b>
E1 (F)	Minha vida, identidade, sustento de pé
E2 (F)	Tudo para mim, sustentação, sentido, orientação, apoio, luz no fim do túnel
E3 (M)	Formação, suporte, lugar de conforto
E4 (F)	Parte da vida, coletividade, organização
E5 (F)	Grande mudança
E6 (M)	O Levante salva vidas
E7 (M)	Sujeito coletivo
E8 (F)	Transformar, novo futuro
E9 (F)	Mudança e desenvolvimento
E10 (M)	Coletividade, sustentáculo, motivação

Ao analisarmos as falas, percebemos que os significados apoiam-se em 5 pontos principais: coletividade, identidade, transformação, formação e suporte. Mas, para além de

tentar quantificar o que não se deve quantificar (os afetos), compreender o papel do Levante Popular da Juventude na vida desses jovens é entender um dos pilares da existência dos movimentos sociais.

Algumas falas retratam essa possível superação da individualidade, levando-os a sentir a necessidade do coletivo e pensar coletivamente, fazendo com que o Levante seja um suporte ou apoio para os militantes, sendo visto como um espaço que salva vidas:

O Levante Popular da Juventude significa pra mim, realmente assim, tudo pra mim, mas o Levante Popular na minha vida significa ... gente é tanta coisa que num, mas O Levante na minha vida, assim, é aquela base de sustentação. Quando eu paro pra pensar no Levante eu digo: "É aqui onde eu posso estar, é aqui onde eu tenho um apoio, é aqui que eu sei que estou fazendo algo bom". O Levante deu um sentido pra minha vida, no sentido de saber o que eu preciso fazer, de saber o que eu preciso construir, quais as pessoas que eu preciso, que eu devo ter o contato e realizar um trabalho. Então, o Levante pra mim é uma orientação, mas é um ponto de apoio, tipo assim, a luz no fim do túnel. É aquilo que no meio da escuridão, no meio de todo caos dessa conjuntura. Eu olho e digo: "Não, aqui é o meu lugar, aqui estão as minhas pessoas, são com esses jovens que eu quero caminhar pra fazer algo bom nesse Brasil" (E2 (F)).

[...] além disso, é o lugar onde eu consigo ter uma rede de suporte também, éh, para quando tem as baixas, né? Os momentos de desespero e desesperança, né? dentro da militância é meu lugar de conforto, onde eu consigo dialogar, conversar, aprender, e a partir disso eu consigo transformar a realidade (E3 (M)).

O Levante Popular da Juventude hoje em dia representa uma parte muito, uma parcela muito grande na minha vida. Eu consegui criar mais o sentimento de coletividade, só, eu morava só meu pai, minha mãe e meu irmão, não sou de uma família com muitos primos, então essa questão de coletividade, de entender a coletividade, eu tinha porque a gente exercitava mas não era tão, não vivenciava tanto isso, sabe? (E4 (F)).

O Levante Popular da Juventude significa pra mim a possibilidade de me entender enquanto sujeito coletivo e mesmo com o capitalismo colocando a todo momento que os nossos problemas são individuais é dentro dessa organização que eu consigo cada vez mais perceber que os nossos problemas são coletivos e que a saída pra eles também será coletiva. É nesse espaço que eu consigo perceber que todos os nossos sonhos, quando sonhados juntos, coletivamente, se tornarão realidade se materializarão, mas sobretudo serão tarefas construídas pelas muitas mãos que desejamos organizar, pela mão do povo brasileiro, pela mão da juventude da classe trabalhadora (E7 (M)).

Então, eu sempre falo isso, eu não me entreguei a minha organização logo de cara eu passei um pouco refletindo um pouco se era mesmo isso que eu queria pra minha vida e desde então eu fui me envolvendo com a organização, me envolvendo com as pautas que tocavam minha vida e tocava a vida do coletivo a partir do momento que eu percebi que não era só eu, né? que somos nós, que

só vale a pena caminhar se for em coletivo, se for junto e a partir disso o principal responsável por isso foi o Levante Popular da Juventude então, assim, foi através dele que eu consegui me enxergar enquanto, enquanto sujeito que sofre opressão, enquanto militante, enquanto ser humano que necessita tá junto com outros e outras pra se encontrar e hoje, hoje o Levante é, ai meu deus, é difícil falar sobre o Levante e não se emocionar (E10 (M)).

A identidade também foi destacada enquanto consequência da participação no movimento:

Ah! Sei lá! É minha vida assim, assim né? É um espaço onde me construo enquanto pessoa, enquanto militante e a minha maior identidade assim, faz parte da minha identidade ser do Levante, faz parte da minha vida e é algo que me sustenta em pé, assim, então ele tem um significado muito maior do que se pode ser explicado com palavra (E1 (F)).

Em Gohn (1997), percebemos que as categorias de coletividade e identidade, identidade coletiva, de forma específica, seria pertinente aos chamados novos movimentos sociais, que é um paradigma de estudo dos movimentos sociais rompendo com o paradigma marxista. Seria o Levante um novo movimento social com características dos antigos movimentos? Ou um movimento marxista clássico com alguns traços dos chamados novos movimentos sociais?

Sobre a teoria dos novos movimentos sociais, Gohn (1997) traz ênfase a identidade coletiva como eixo central desses movimentos e através da construção de um modelo teórico transpassado pela cultura, não dando relevância a categoria da consciência de classe “Nos NMS a identidade é parte constitutiva da formação dos movimentos, eles crescem em função da defesa com essa identidade” (1997, p. 124). Esses movimentos são chamados de novos, por conta dessas características e não por ser necessariamente um movimento atual. Outras características dos novos movimentos sociais são:

- 1- Não há clara definição do papel estrutural dos participantes. Há uma tendência para a base social dos NMS transcender a estrutura de classes.
- 2- As características ideológicas dos NMS apresentam nítido contraste com os movimentos da classe trabalhadora e com a concepção marxista de ideologia, como elemento unificador e totalizador da ação. Os NMS exigem uma pluralidade de idéias e valores e têm tendências e orientações pragmáticas e para a busca de reformas institucionais que ampliem o sistema de participação de seus membros no processo de tomada de decisões.
- 3- Os NMS envolvem a emergência de novas dimensões da identidade.
- 4- A relação entre o individual e o coletivo é obscurecida.
- 5- Os NMS envolvem aspectos pessoais e íntimos da vida humana.
- 6- Há o uso de táticas radicais de mobilização de ruptura e resistência que diferem fundamentalmente das utilizadas pela classe trabalhadora, como a não-

violência, a desobediência civil etc. 7- A organização e a proliferação dos NMS então relacionadas com a crise de credibilidade dos canais convencionais de participação nas democracias ocidentais. 8- Os NMS organizam-se de forma difusa, segmentada e descentralizada, ao contrário dos partidos de massa tradicionais, centralizados e burocratizados (GOHN, 1997, p. 197).

Apesar de trazer a identidade coletiva, os militantes também destacaram o Levante como transformação, mudança e suporte para a formação política, presentes nos paradigmas de estudos dos movimentos sociais de base marxista e na própria educação popular como esboçamos em outros momentos.

Gohn (1997) ao introduzir os paradigmas marxistas de estudos dos movimentos sociais aponta a influência dos clássicos para esse estudo. Em Marx se percebe essa influência com a categoria práxis e com a solidariedade voltada para a emancipação humana. Lênin traz para os movimentos a necessidade da organização e da vanguarda para o desenvolvimento da consciência revolucionária. Rosa Luxemburgo influencia, sobretudo, com a importância da participação das massas. Trotsky vai destacar “a evolução permanente e a correlação de forças” (GOHN, 1997, p. 183). Mao contribui com a articulação da participação dos sujeitos com as reflexões da conjuntura e influenciando os estudos dos movimentos sociais da América Latina, Gramsci trata da construção da hegemonia e contra-hegemonia, sendo os movimentos sociais essenciais para transformação da realidade.

A América Latina recebe a influência desses clássicos no paradigma marxista dos estudos dos movimentos sociais, mas com algumas contradições, pois ao tentar se distanciar dos estudos americanos acabou se aproximando dos europeus dificultando estudos que pensasse a realidade local. A partir da década de 1980 a teoria dos Novos Movimentos Sociais começou a substituir os estudos de base marxista:

As reflexões teóricas embasaram-se mais nas teorias européias por ser esta mais crítica e articulada a pressupostos da nova esquerda que aquelas forças políticas adotaram. Ignorou-se uma extensa produção norte-americana por ser considerada "funcionalista". Certamente não foram estes fatos a impedir o desenvolvimento de uma teoria própria, adequada à realidade latina, mas eles contribuíram para a incorporação exclusiva das teorias européias (GOHN, 1997, p. 2016).

Tanto a influência europeia no paradigma marxista latino-americano, sobretudo brasileiro, como a influência dos novos movimentos sociais podem ter impactado os movimentos contemporâneos presentes em solo brasileiro, como podemos notar no Levante a

identidade coletiva dos NMS. Mas, podemos concluir que apesar dessa contradição não é possível considerar o Levante Popular da Juventude um novo movimento social, pois não exclui a transformação radical da realidade, trazendo uma alternativa e projeto de sociedade como veremos no tópico a seguir.

Além desses pontos levantados a transformação da realidade é ponto constitutivo da pedagogia do oprimido (2016). Em outras perguntas também podemos perceber aproximações pontuais com os novos movimentos sociais, porém uma maior aproximação com o paradigma marxista.

#### 4.1.5 Objetivo do Levante Popular da Juventude

Para finalizar esse segundo eixo sobre os aspectos teóricos e práticas do Levante, foi realizado a pergunta: "Qual o maior objetivo do Levante Popular da Juventude dentro da sociedade brasileira. De forma geral, as respostas foram bem parecidas e os participantes responderam que o objetivo maior do Levante é organizar a juventude, como já foi possível perceber em outros movimentos que falaram sobre o Levante. Mas para quê? Alguns militantes falaram que seria para a tomada de poder pela classe popular/trabalhadora e outros que seria para construir um projeto popular para o Brasil:

Ah! Organizar a juventude do projeto popular da classe trabalhadora pra construir o projeto popular pro Brasil e visando a tomada do poder (...) (E1 (F)).

A construção de um Projeto Popular, né? (E2 (F)).

A tomada de poder. A gente quer que a população tome o poder (E4 (F)).

O grande objetivo do Levante é organizar a juventude brasileira em torno de um projeto popular para o país (...) (E5 (F)).

A construção de um projeto nacional de desenvolvimento (E6 (M)).

(...) caberá ao povo brasileiro construir essas reformas que é o que a gente vai chamar de Projeto Popular Para o Brasil (E7 (M)).

As principais estratégias do Levante da ação educativa do movimento é a tomada de poder, né? (E8 (F)).

É, um projeto popular. (E9 (F)).

Organizar a juventude da classe trabalhadora pra tomada de poder (E10 (M)).

Mas, o que seria essa tomada de poder e esse Projeto Popular para o Brasil? Esse projeto nacional de desenvolvimento, como foi falado pelo E6 (M), não é específico do Levante. Ele surgiu através do Projeto Brasil Popular que reúne parte da esquerda, sobretudo do campo democrático popular, que compreendendo a sociedade brasileira, acreditam e constroem a concepção da necessidade de um projeto de nação que seja pensado pelo povo e tenha o povo como protagonista:

Fundamentalmente o que nos propomos a construir é um projeto para o Brasil que aponte para a superação de todas as formas de desigualdades, de exploração e de falta de liberdades. Portanto, um projeto que suscite rupturas com o passado escravocrata, colonial, patriarcal, ditatorial e antipopular e que responda a um presente de crise no qual essas dimensões estruturais da exploração e dominação e opressões são intensificadas PROJETO BRASIL POPULAR (2019, p. 8).

O Projeto Popular para o país não seria construído ao acaso, mas apresenta um método coletivo, dialógico e dialético que por meio da leitura da sociedade com análises de conjuntura interpretaria as contradições para compreender como se daria a aplicação do projeto seguindo alguns paradigmas de vida boa para todos e todas, bens comuns, igualdade e diversidade, democracia, participação e autonomia, soberania nacional e desenvolvimento (PROJETO BRASIL POPULAR, 2019).

Como algumas falas pontuam as tais mudanças para a transformação do projeto nacional (Entrevistado 01, 05, 06 e 07) e não um projeto de transformação estrutural do sistema capitalista, cabe destacar que posteriormente alguns militantes trouxeram um pouco da compreensão da sociedade que levam a necessidade de construção do projeto popular e o que seria a tomada de poder, destacando a necessidade de construção de uma sociedade socialista, dentre eles, os entrevistados 01, 02, 04, 05 e 09, ou seja, a entrevistada 01 foi a única dentre o grupo acima citado que ampliou o debate nacional para estrutural, se somando a este segundo grupo, conforme suas falas abaixo:

(...) visando a tomada do poder e também, né? Uma revolução socialista dentro dessa tomada de poder (E1 (F)).

(...)construir outra forma de sociabilidade, diferente da sociabilidade capitalista que é tão egoísta, excludente e individualista. O Projeto Popular traz essa perspectiva, tipo assim, acho que o ponto principal é a coletivização em tudo, em todos os aspectos (E2 (F)).

Tomar esse poder é a gente tirar o poder da mão de quem domina a luta, mas assim, a gente tirar a mão, tirar o poder de quem está detendo os meios de produção, a gente saber que é a gente que tá produzindo, se a gente produz, aquilo pertence a gente. A gente parar de ser oprimido, sabe? Tirar o poder da mão do opressor e construir politicamente e popularmente essa nova, essa nova sociedade que a gente quer (E4 (F)).

(...) um projeto de nação que sirva aos interesses do povo brasileiro e não às elites e grandes empresários, como é atualmente. Compreendendo que as opressões de raça, classe e gênero são partes estruturais da sociedade capitalista, também, portanto lutar contra essas opressões sempre está na nossa ordem do dia (E5 (F)).

Nosso maior objetivo é atingir o projeto popular que é um novo modelo de país, um país com menos desigualdades. É o fim. É a tomada do poder, para que a gente consiga, para a partir da tomada de poder, a gente mudar todo o sistema econômico capitalista, patriarcal e racista e que a gente consiga implantar um projeto popular para o Brasil, que é aquilo em que a gente acredita, num país mais justo, sem desigualdade, e, enfim, chegar ao socialismo, né? Que é, acho, que é o fim de tudo isto (E9 (F)).

O entrevistado E7(M) respondeu fundamentado em Florestan Fernandes o porquê da necessidade desse projeto:

Essa pergunta é muito boa pra gente fechar esse eixo porque com ela a gente consegue, eu espero, é amarrar tudo que eu tinha dito anteriormente nas outras perguntas, porque assim, a gente vai a gente quer organizar a juventude, a gente quer formar essa juventude, queremos lutar com essa juventude, mas para quê? Isso está atrelado a um horizonte estratégico ou a um objetivo maior, como tá colocado na pergunta. E qual é esse objetivo? Né? E aí pra responder eu vou fazer uma afirmação teórica não minha, mas do Florestan Fernandes que é o que vai orientar um pouco também essa questão da estratégia. O Brasil, ele tem uma posição dentro do capitalismo global, que é uma posição de dependência e aí conseqüentemente a gente tem uma burguesia dependente, subserviente aos interesses do capital internacional, sobretudo do imperialismo estadunidense e historicamente não coube a essa burguesia, porque não era de interesse dela ou não era de interesse do imperialismo construir as reformas democráticas dentro do capitalismo brasileiro, construir um projeto de nação autônomo ou soberano, certo? Então o Florestan vai dizer que não vai caber a burguesia fazer essas reformas democráticas, caberá ao povo brasileiro construir essas reformas, que é o que a gente vai chamar de Projeto Popular Para o Brasil, que nada mais é do que um projeto construído pelo povo e para o povo que atenda às necessidades e as diversidades do povo brasileiro que consiga garantir o desenvolvimento nacional de forma soberana, solidária, sustentável e democrática, né? Então o Projeto Popular Para o Brasil se constitui pra gente como nosso objetivo estratégico, pois é a partir dele que se abre uma janela na história brasileira para a construção da revolução brasileira que, segundo Florestan, já estamos no processo de construção, né? Então é preciso construir o Projeto Popular para se pensar num horizonte muito maior que é a construção da revolução brasileira e essa, esse projeto vai ser construído pelo povo, pela juventude da classe trabalhadora,

pelo operário, pelo camponês, enfim, pelo povo brasileiro. E aí vale ressaltar que não nos entendemos enquanto único movimento que construiu esse projeto alternativo ao que tá posto, mas que compartilharemos essa vanguarda junto a outros movimentos que também tenham a mesma estratégia em comum, tenham o mesmo objetivo em comum. Então, o conjunto desses movimentos junto com o conjunto do povo brasileiro construirá esse projeto.

Esse objetivo, como podemos perceber na fala acima, relaciona-se com o entendimento e compreensão sobre a realidade concreta da América Latina, sobretudo do Brasil, trazida por autores como Florestan Fernandes, um dos referenciais do Levante Popular da Juventude. Parte portando de conhecer a submissão e dependência do Brasil.

No livro *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina* (1975) Florestan aponta dois problemas enfrentados pelos países latinos, um deles seria a nova forma de imperialismo difundido pelos Estados Unidos e o outro seria como enfrentar esse imperialismo. O imperialismo moderno surge com as grandes corporações dos Estados Unidos e Europa, correspondendo aos interesses das elites que hegemonicamente, estiveram no poder, recebendo apoio econômico e político "Assim que elas se tornaram um polo econômico ativo das economias latino-americanas, revelaram sua natureza, como uma influência estrutural e dinâmica interna e como um processo histórico-econômico" (FERNANDES, 1972, p. 22).

Essas elites tornaram-se a favor também para o combate ao que eles chamam de subversão, lutando contra o que eles chamam de corrupção, exceto a corrupção deles mesmos e tentando evitar o que eles chamam de comunismo. Toda essa dependência produz pobreza, coma intensificação da devastação dos recursos econômicos e revitalizando estruturas de poder com as ditaduras militares e governos autoritários (FERNANDES, 1972).

O referido autor ainda traz um questionamento central: "Podem os países latino-americanos atingir realmente a integração nacional e a autonomia econômica, sociocultural e política através do capitalismo?" (Ibidem, p. 26). Dentro dessa lógica de capitalismo dependente vivido por esses países, ele discorre que seria inviável, visto a necessidade de submissão em relação aos países hegemônicos que beneficiam esses países e a elite que possuem o poder nesses países, por isso a necessidade de uma mudança estrutural e por isso a necessidade de um projeto que rompa com o entreguismo, com submissão e com os interesses da elite.

Essa proposta para a sociedade é ponto chave do Levante como um movimento pertencente ao paradigma marxista: dois pontos "Alguns movimentos sociais construíram projetos bem demarcados na história, nos quais se observa com nitidez seus pressupostos, suas reivindicações e suas propostas" (GOHN, 1997, p. 161). Os movimentos sociais pertencentes

ao paradigma marxista apresentam a luta de classe como motor dos processos de disputas de hegemonia e objetiva a transformação da realidade. É importante destacar que os movimentos marxistas não são apenas os ligados as lutas operárias e não apresentam uma única abordagem, existindo as ortodoxas e não ortodoxas.

## **4.2 Horizontes possíveis da Educação Popular num movimento social popular da atualidade**

Esse subtópico é destinado as análises das perguntas em relação à educação popular e o Levante. Nesse sentido buscamos saber as principais estratégias de ação educativa do movimento, os processos de formação ou capacitação do Levante, as possíveis relações com a educação popular, bem como suas concepções sobre educação popular, dentre outras questões.

### **4.2.1 Estratégias de ação educativa do Levante**

“Não há palavra verdadeira que não seja práxis” (FREIRE, 2016).

Na pergunta sobre as estratégias educativas do Levante, a maioria dos entrevistados citaram Paulo Freire, Educação Popular ou tentaram relacionar as ações educativas do movimento com a educação popular. Os processos formativos, como os cursos de formação militante foram as ações principais referenciadas. Também foi destacado a primeira categoria presente no Levante Popular da Juventude, a práxis.

A entrevistada E1 (F) explica que dentro do movimento não existe a divisão intelectual do trabalho, em que algumas pessoas seriam destinadas ao trabalho braçal e outras ao trabalho intelectual, mas todos fazem de tudo e as diversas ações educativas do Levante, que não foram destacadas pela participante quais seriam, seguem essa lógica. As formações dos militantes também foram citadas pela entrevistada, como tendo a visão da educação popular e explica um pouco como seria essa visão:

Então essas formações são em formato de escolas de formações, onde se tem um eixo, um tema que a gente vai, vai ser debatido e a partir daí com a visão de educação popular então, em círculo com perguntas direcionadas que direcionadas geram o debate e também com formadores que tem especialidade com educação popular então que consigam a partir da realidade daqueles militantes trazer o que tá sendo proposto pra ser aprendido naquela formação

e então esses formadores normalmente já, já vem de uma longa caminhada de estudos e são também parte dos movimentos sociais. Então, assim, o diálogo é muito, muito horizontal, então não tem quem sabe mais e quem sabe menos. É um aprendizado mútuo (E1 (F)).

A entrevistada E2 (F) também trouxe as formações como espaços de ações educativas, destacando a escola de formação Emerson Pacheco, mas pontuou também as formações mais específicas do movimento e o cursinho popular Podemos Mais e diferentemente da entrevistada anterior, não relacionou com a Educação Popular ou com Paulo Freire:

As principais ações educativas, então, a gente tem. Pronto, voltadas pra educação, né? A gente tem os espaços de formação do Levante, a Emerson Pacheco é um espaço desse de formação, é uma escola de formação para a militância, né? Que a gente tem quatro eixos. Discute quem somos, como a gente ler a realidade brasileira, teoria da organização, e o quarto módulo vai ser sobre ...enfim, tem a Emerson Pacheco que é um espaço de formação, pra além disso a gente tem as formações de setores, o setor de negritude, de diversidade, e o de mulheres e também tem formações das equipes, né? Da equipe de movimento estudantil, formação da territorial e também o “Podemos Mais”, que eu expliquei anteriormente, também é uma ação (E2 (F)).

O entrevistado E3 (M) embora não tenha contemplado nenhuma ação educativa diz que é usado a metodologia de Paulo Freire e traz a criação de células no movimento como uma importante estratégia:

Usa a metodologia Freireana, né? Principalmente é isto. E a partir da construção do conhecimento né, onde utiliza muito a vivência né? Para se construir estes conhecimentos, estas competências. É, não é só uma passagem de formação, mas de fato uma discussão e uma construção do conhecimento, e a partir disto, a gente consegue ter espaços onde a gente consegue colocar em prática os conhecimentos aprendidos, e a partir desta prática que a gente de fato consegue firmar, né? Os conhecimentos que a gente tem no levante. Eu acho que uma das grandes estratégias é a criação das células, né? Onde a gente consegue debater e aprender de forma bem horizontal as questões e pautas levantadas, e a partir disto a gente vai levando para outras instâncias (E3)).

A entrevistada E4 (F) além de citar as formações como ações educativas, destaca Paulo Freire como uma das referências utilizadas pelo movimento e retrata a importância da relação teoria e prática, o que seria a práxis:

(...) mas a gente tá forjando os militantes para eles pensarem, darem a liberdade porque a educação é libertadora, a gente, Paulo Freire, a gente, é um

dos nossos, uma das nossas referências educativas e sociais de construção. E a gente entende isso, que a formação é importante, não adianta só a vivência, não adianta só tá olhando, tá vivendo aquilo ali de fato, se você não tem a formação política, né? Teórica. Sem também só a educação, a formação teórica, sem ação não adianta, a gente entende que isso é parte fundamental e na minha opinião é uma das diferenças do Levante, dentro dos movimentos de Juventude (E4 (F)).

A militante E5 (F) destaca que o método utilizado pelo movimento é pura educação popular, ao passo que os militantes E6 (M) e E7 (M) abordam a formação como fundamental para o processo de conscientização e transformação da realidade, citando Freire. Os entrevistados apontam a práxis e destacam as escolas de formação e cursos oferecidos pelo movimento e outros que ele ajuda a construir para colocar em prática a máxima freireana, como o entrevistado aponta:

Isso envolve a práxis, o exemplo pedagógico, preparo metodológico das reuniões. A nível de plano de formação nacional, temos a Escola de Formação Emerson Pacheco, composta por quatro eixos (a- Quem Somos?; b- Como funciona a sociedade?; c- Como nos organizamos?; d- Como lutamos?), na qual todo militante, do Sul ao Norte, passa por uma formação em comum sobre as principais afirmações que o movimento construiu nos últimos anos. Além disso, temos a Escola Nacional de Militantes – Carlos Marighella, que é uma iniciativa de formação de militantes nos temas da Economia Política, Formação Social Brasileira, Estado, Trabalho de Base e Educação Popular. Hoje, em São Paulo, contamos com uma Escola Nacional Paulo Freire, que é um centro de formação nacional do movimento para cursos construídos pela Coordenação Política e Pedagógica da Escola. Já aconteceram os cursos de Economia Alternativa; Capitalismo, Racismo e Patriarcado no Brasil; Curso de Realidade Brasileira. Além dessas experiências, a ferramenta que tem feito o Levante nacionalmente refletir na sua concepção de Educação e de formação é a Rede Nacional de Cursinhos Populares Podemos Mais. Se trata de construção de cursinhos pré-vestibulares gratuitos nas comunidades, periferias e bairros. Trata de colocar em prática a máxima Freireana, na qual a hierarquia professor-educando é modificada, tendo grupos de trabalho e estudos para manutenção do curso pelos próprios educandos e professores (E6 (M)).

Como eu tinha dito anteriormente a formação pro Levante ela não carrega estritamente e um sentido teórico, a gente considera a práxis, a teoria mais, mais a prática. Dessa forma todo o espaço dentro da organização ele é um espaço formativo, seja ele as células, os setores, os coletivos, as instâncias, né? Todos esses espaços, eles são formativos porque é ali que a gente tá pensando junto, analisando coletivamente, agindo coletivamente, né? Então são espaços também de formação, de educação, né? Que a gente tá se educando, mas também existem outros espaços que a gente constrói que são mais especificamente de formação que existe maior densidade teórica, mas também a gente considera a prática dentro desses espaços que são as escolas de formação, os cursos que são oferecidos pela organização ou por outros movimento que a gente venha a participar também, certo? O curso de

Realidade Brasileira, os CRB's, né? Os EIV's Estágios Interdisciplinar de Vivências, o VerSUS. Enfim, espaços de vivências que quando a gente junta com tudo com a vivência cotidiana da organização descamba no processo formativo na sua totalidade pra o militante (E7 (M)).

A entrevistada E8 (F) abordando o tripé organizativo do Levante: formação, organização e luta, destacada três pontos da formação que estariam relacionados com as ações educativas, trazendo a categoria práxis e a importância do estudo baseado em Paulo Freire. Já a entrevistada E9 (F) aponta o “Podemos Mais” e “Nós Por Nós”, como ações de educação popular, além de enfatizar também os processos formativos. Diferentemente, o militante E10 (M) trouxe os Estágios Interdisciplinar de Vivência como uma ação educativa do Levante:

O Levante ele tem várias estratégias para atuar ... no seu tripé organizativo, né? Falar um pouquinho sobre nosso tripé, né? Como eu já falei que é a formação, organização e a luta, né? E dentro da formação, a gente tem a utopia, a práxis e a memória, né? A utopia que é o que queremos com o movimento social, na educação que desejamos, a universidade que queremos, onde gostaríamos de estar no futuro, né? Que, enfim, é a própria sociedade que, que a gente quer, não só pra gente o agora, mas também pra o futuro, né? E ter nessa nova sociedade mais solidariedade, mais justiça, amorosidade, enfim ... valores e princípios que devemos ensinar fazendo o trabalho de base desde já, né? Na práxis, acho que eu já falei um pouco, é a prática na teoria e a teoria na prática, né? Que um tá indissociável do outro e que cabe ao coletivo e a cada movimento tornar essas experiências práticas e os seus estudos nas suas discussões né? E os elementos teóricos já experimentado anteriormente né? Na sua prática (...) enfim, acho que a gente precisa sempre tá alinhado nesse tripé organizativo pra que a gente consiga fazer a nossa formação, o nosso estudo, baseado em Paulo Freire, a nossa organização, saber fazer a leitura pra não ter equívocos e a luta junto, juntas dos companheiros e companheiras... e as lutas são os próprias ações desenvolvidas pelo movimento social. Eu ache que ... é a única maneira que a gente, que a gente consegue barrar esse sistema capitalista, patriarcal, racista que a gente enfrenta todos os dias (E8 (F)).

A gente tem a, nosso cursinho popular, o Podemos Mais que é uma das nossas estratégias de levar a educação, uma educação popular, para a classe trabalhadora, a juventude da classe trabalhadora e é uma das nossas estratégias tanto para a educação, tanto para o trabalho de base, para que a gente consiga conscientizar a juventude, e organizar a juventude e, deixa eu ver (pausa) acho que é isto, né? O trabalho de base em si é muito educativo, né? Da gente poder levar o diálogo para as pessoas, né? a batalha das ideias (...) Como nosso cursinho Podemos Mais, é, até o Nós Por Nós, também eu acho que é um método da gente dialogar e da gente adentrar em alguns espaços específicos, para que a gente consiga é, implementar nosso trabalho de base, né? Que eu acho que é a forma da, uma das nossas ações educativas, e dentro do próprio movimento a gente se forma, né? Tem os coletivos de formação, para que possa trazer as linhas políticas do movimento, o leito histórico do movimento, e tudo que acontece dentro do nosso movimento e dentro do nosso campo

político (E9 (F)).

(...) o EIV foi muito importante, assim ele foi definidor, a gente sempre, eu sempre falo sobre isso que a gente tem uma percepção de militância antes do EIV Sergipe, que foi o nosso EIV, e depois do EIV Sergipe, então eu acho que são, acredito que é realmente muito importante desse propósito. Os EIVS eles variam, mas eles costumam acontecer em três etapas, primeiro que eles são, eles foram inicialmente uma ferramenta da, uma ferramenta dos movimentos do campo com entidades de representação estudantil. Lá no, não consigo recordar agora o ano, mas federações como a FEAB que é a Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil, a Federação dos Estudantes de Biologia também eles construía EIVS, né? Junto com os movimentos, como o MST, como o MPA, como o MMC e outros movimentos da via e aí passou, né? As organizações, elas se incorporaram na construção desses EIVS sobretudo quando a gente tem uma organização dentro do movimento estudantil e aí são, eles funcionam nessa articulação do campo com a cidade, com as universidades e eles acontecem em três etapas, a primeira etapa é uma etapa formativa sobre elementos, elementos históricos, sociais do nosso leito histórico mesmo, né? Marxismo, leninismo. Existe ainda pra o campo que é uma segunda etapa, essa primeira etapa acontece, é porque é variado, existem EIVS que são de quinze dias, que é mais, que é mais comum, a maioria costuma ser de trinta dias, e tem EIVS que costumam ser mais de um mês. A primeira etapa é essa de formação, a segunda etapa é a etapa de ida ao campo, então essas, os educandos, né? Do EIV, os cursistas, eles vão pro campo pra assentamentos, acampamentos, da reforma agrária, do MST, de outros movimentos e aí eles passam cerca de quinze dias vivenciando dentro de, e aí o segundo, nesse segundo momento existe essa ida ao campo e aí tem um princípio de não intervenção, que a gente não pode intervir na realidade e no cotidiano do camponês e da camponesa e depois desse processo eles tem o retorno pra o local de formação onde vai, onde vai acontecer a socialização dessas experiências e uma aplicação também para o processo formativo, então são mais ou menos essas três etapas.

Em resumo podemos dizer que as ações educativas estavam principalmente relacionadas com as formações do Levante citado pelos militantes E1(F), E2 (F), E6 (M), E7 (M), E8 (F). Essas narrativas sobre os processos formativos foram relacionadas com a educação popular e Paulo Freire pelos militantes E1(F), E3(M), E4(F), E5 (F), E8 (F). A categoria práxis também foi mencionada como fazendo parte da estrutura das formações, citada pelos militantes E6(M), E7 (M) e E8(F). Além das formações, a criação de células o cursinho popular “Podemos Mais” a “Nós Por Nós” e os “Estágios Interdisciplinares de Vivência” também foram pontuados como ações educativas do Levante.

Em uma de suas cartilhas o Levante descreve a concepção de formação que eles acreditam e colocam em prática no movimento. Nessa concepção, a formação está voltada para a luta de classes, mas é um processo integral que não se limita apenas aos cursos em si. Essa formação se dá pelos clássicos sobre a revolução do proletariado a nível mundial e nacional e

sobre as próprias construções e acumulações do movimento. A formação relaciona-se diretamente com o objetivo maior de construção de um projeto popular para o Brasil “A formação para o nosso movimento carrega o entendimento de que é preciso ampliar o nível cultural da nossa militância, no sentido de ler o mundo de forma mais crítica, carregado de mística, para que impulse um projeto de poder, o Projeto Popular para o Brasil” (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, [S.D], p. 7).

O método de formação do Levante advém do campo popular e se ampara na dialética prática-teoria-prática, tendo a práxis como um dos nortes de formação “Por isso, para cada objetivo/tarefa/luta sempre é antecedido por um momento de planejamento e, posteriormente, por um momento de avaliação e reflexão da nossa prática” (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, [S.D], p. 8). Essa práxis, como fora supracitado, foi destacada por 4 militantes.

A práxis não surge somente com Marx, anteriormente já havia um significado para o termo que difere da categoria marxista. Vásquez (1968) aborda a filosofia da práxis diferenciando o que seria a práxis utilitária (mera atividade humana) da práxis transformadora (atividade material dos seres humanos na sociedade), na qual essa segunda superaria a primeira interpretação. Conforme Baptista e Palhano (2013), Gramsci diz que a práxis não seria meramente um momento prático, mas uma ação transformadora, relacionada a uma luta cultural. A práxis seria então a ação consciente dos homens e mulheres, através da superação da consciência alienada.

É possível perceber influências de Gramsci e Karl Marx em Paulo Freire sobre práxis, bem como de outras categorias, como: classe social, consciência crítica e alienada, nos seus escritos, tomando a categoria práxis como fundamental para emancipação da classe oprimida “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos” (FREIRE, 2016).

Nessa compreensão geral das ações educativas do Levante foi possível notar a preocupação dos militâncias em aproximar suas práticas da educação popular e de fato é possível notar essa aproximação e compreensão da práxis como necessária para o objetivo geral de transformação da realidade, apesar de apenas 3 citarem a práxis, mas a maioria falou da educação popular e de Freire ou explicaram a categoria práxis, mas sem relatar o nome propriamente dito.

#### **4.2.2 Avaliação dos processos de formação e capacitação do Levante**

Essa temática da avaliação se relaciona com a anterior sobre as ações educativas e procura averiguar as avaliações dos militantes sobre os processos de formação e capacitação do Levante, visto que foi a ação educativa mais apontada. De forma geral, os entrevistados disseram que achavam positivo e alguns avaliaram como desafiador, ousado e eficaz, entre erros e acertos. Foi possível perceber um destaque para a valorização dos saberes dos militantes, categoria presente em Freire e na educação popular. A práxis foi novamente mencionada por um dos jovens.

A entrevistada E1 (F) avalia como positivo e aponta que muita coisa aprendeu mais nos espaços de formação do que na própria universidade, a exemplo da formação teórica marxista histórica cultural e esses conhecimentos que a psicologia (curso da entrevistada) não discute ou discute sem aprofundamento:

Muito positivo (...) então muita coisa que eu sei politicamente não foi na academia, não foi na vida, foi dentro dos espaços do Levante, inclusive coisas que eu levo para a academia, né? A formação teórico marxista histórico-cultural, que é o que eu uso agora na minha formação, muito do que eu aprendi foi dentro do Levante. Então se eu tenho a facilidade de estar nos espaços da psicologia debatendo é a psicologia histórico-cultural (E1(F)).

Os entrevistados E2(F), E3(M) e E4(F), destacaram como positivo e válido em decorrência da valorização dos saberes dos educandos:

Eu avalio como muito positivo porque é uma dinâmica. A gente, né? A gente utiliza uma metodologia que a gente bebe de **Paulo Freire**, então é uma metodologia inclusiva que a gente tem a exposição, mas ao mesmo tempo a gente tem a possibilidade de contribuir, de elaborar. Então é um processo que envolve teoria e prática. Então a gente no processo de formação, a gente consegue se sentir parte e também tem a facilidade maior de entender porque a gente vai tá vendo, enxergando aquilo não só, vai tá discutindo, não vai tá só discutindo só em palavras, a gente vai tá praticando aquilo, então a prática, a teoria junto com a prática, que o Levante tem, ajuda muito na formação dos militantes e dos jovens que a gente organiza (E2 (F)).

Eu avalio de uma forma muito positiva porque o que eu acho mais interessante é a forma como se aprende sem, é, sem perceber. Porque são processos muito sutis. Então quando a gente está em formação né? Não é só o horário ali da aula, da plenária que tá ali contando pra nossa formação. Todas as vivências que tão acontecendo, elas contam muito para o nosso crescimento como militante. E o que eu acho bem significativo, também, é a consideração da nossa experiência de vida para a formação deste conhecimento né? Não é só, a gente não vai só aprender. A gente vai trocar os conhecimentos dentro do levante (E3 (M)).

Eu acho realmente muito válido. Eu acho que todo mundo que sai daqui, é, principalmente porque a gente não tem aquilo de quem sabe mais, dentro do movimento. Eu enxergo realmente isso. Posso tá sendo, sei lá, utópica, mas o que eu vivo é isso. O que eu vejo que quem tá a frente não é a pessoa que sabe mais. A gente entende a questão da referência, de quem tá construindo aquilo ali, naturalmente, né? (E4 (F)).

Em *Pedagogia da Autonomia* (2017), Paulo Freire dedica um subtópico sobre a importância dos saberes do educando no ensinar, especialmente, os saberes dos educandos das classes populares que possuem um saber socialmente construído nas suas comunidades. Essa valorização deve levar ao questionamento das próprias condições de vida dos educandos nas comunidades: “Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Essa pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz.” (FREIRE, p. 32, 2017). Para Freire a professora e o professor devem fazer uma ponte entre os saberes curriculares e a realidade concreta em que vivem os educandos.

A valorização dos saberes dos educandos leva a participação e protagonismo dos sujeitos envolvidos, característica da categoria Diálogo. Melo Neto (2015) aponta que é através da categoria do diálogo que é possível trazer e questionar junto com as educandas e educandos a realidade de opressão e visualizar a transformação dessa realidade: “Através do diálogo, é possível, inclusive, exercitar-se no próprio saber perguntar, a partir da realidade cotidiana” (MELO NETO, 2015, p. 54). Pelo relato dos militantes, podemos perceber a horizontalidade na formação e respeito dos saberes dos militantes que se dão no processo de construção do conhecimento permeado pelo diálogo.

Dando continuidade aos relatos, a entrevistada E5(F) afirma que o Levante consegue dar saltos na qualidade da militância, porém não esboçou o que seria essa qualidade, mas pontua que as formações são de acordo com as demandas locais e nacionais.

O entrevistado E6(M) traz um pouco dos desafios dos processos formativos e as medidas que o movimento toma para lidar com esses desafios. O militante E7(M), falando também um pouco desses desafios, chamando de contradições, avalia como eficaz o processo e traz um pouco de como o Levante lida com essas contradições:

É sempre desafiador, pois um militante da universidade tem apropriações teóricas e instrumentais distinta de um militante da periferia. Portanto, o balanço varia sempre da experiência da práxis. Aqui no Estado da Paraíba

junto com a Editora Expressão Popular, temos feito um esforço de incentivar a leitura, além de espaços formativos como a Escola Emerson Pacheco, alguns militantes fazendo cursos em outros Estados. Mas tem se dado de maneira Nós por Nós, nos desafiamos, lemos, tiramos dúvidas e facilitamos os espaços, fazendo sempre um exercício pedagógico de compartilhar distintos saberes (E6 (M)).

Eu vejo como um processo que diante de acertos e erros, que é comum, se coloca de forma a encontrar as contradições, enfrentar as contradições e superar as contradições e aprender com elas, dessa forma ... eu avalio como um processo que tem se mostrado eficaz se levarmos em conta nosso objetivo estratégico de organizar a juventude, de formar essa juventude, lutar com essa juventude. Não é a toa que em quatro anos de existência em 2016 a gente coloca sete mil jovens dentro de um acampamento nacional. Não é a toa que a gente tá conseguindo construir em todo Brasil as escolas, a escola de formação Emerson Pacheco, uma escola nacional de formação. Não é a toa que a gente tá conseguindo consolidar no Brasil inteiro o cursinho popular Podemos Mais, né? Não é a toa que a gente tá conseguindo, conseguiu uma escola de formação escola Paulo Freire. Então esse processo de formação, esse processo formativo dentro do Levante tem se mostrado extremamente eficaz. É assim que eu, que eu/ que eu consigo enxergar, sobretudo enquanto método, né? (E7 (M)).

O Levante nas suas paródias sempre fala de ousadia e rebeldia, como características e método da própria juventude de lidar com as opressões da sociedade. Uma das militantes avalia também como ousado os processos formativos do Levante e explica o que seria essa ousadia:

Então, o processo de formação do Levante, eu acho que é um processo de formação, muito ousado. Acho que ousado no sentido de conjuntura atual que nós vivemos aqui no Brasil e ousado dizer que não só o atual, né? Acho que gente foi criado numa sociedade injusta e de privilégios, onde os donos dos poderes, os detentores de poder, né? Sempre foi quem teve, sempre foi os que tiveram privilégios de estudar em escolas boas, de qualidade, que é bem diferente do que a gente vê da classe trabalhadora que tá na periferia, que os pais madrugam em filas pra tentar garantir uma vaga e a gente sabe que o ensino não é de qualidade, que não é de qualidade porque é um direito que nos é tirado, né? E a gente sabe porque esse direito é tirado, né? A classe trabalhadora não tem as mesmas oportunidades de entrar nas universidades como a classe média tem, por isso que eu acho que a capacitação, esse processo de formação do Levante é muito ousado, que fala, que quer que a universidade se pinte de povo, que a gente vê que a partir de um processo de cursinhos populares, que é uma forma de formação porque o Levante tá, é um dos tripés, né? Que é a formação. Então ele tá sempre estudando e querendo passar tudo que a gente aprende pra os demais porque querendo que essa classe trabalhadora também consiga chegar nas universidades e se forme e a partir daí que eu vejo que é essencial essa ousadia que eu falo que o Levante tem (E8 (F)).

Os militantes E9(F) e E10(M) apontam como completo e importante:

Então o processo de capacitação, e de formação do Levante é bem completo. E a gente sempre disponibiliza muitos textos, além dos debates nas células, nas coordenações, e em outras instâncias, que a gente sempre tá buscando cada vez mais se capacitar, para que a gente possa conseguir compreender o fim disso tudo, né? Que é o projeto popular, entendeu? Porque a gente tá organizado, o porquê a gente acredita no, em um país mais justo, e tudo mais. Eu avalio positivamente, sim, muito bom porque, é, são didáticas muito fáceis de compreensão, para aqueles que não tem tanto conhecimento, dentro das linhas políticas, do leito histórico, e quando a gente tá em um espaço de formação, torna tudo mais simples, tudo mais místico, né? Sempre tem um, uma áurea mística boa. Eu acho que aproxima e dá vontade de sempre querer aprender mais (E9 (F)).

Então, assim, tem muita importância, justamente a partir desses acúmulos formativos que a gente consegue melhorar a nossa, a nossa tática e estratégia dentro da organização, né? É tanto que o caderno, o caderno de debates estratégicos do nosso quarto acampamento nacional, ele sistematiza muito bem esses acúmulos e aí vai mostrando ponto por ponto como é que fica essas experiências de formação nacional e até a partir da experiência internacionalista, elas permitiram saltos importantes, né? Pra dentro da, pra dentro da organização e também pra nossa relação fora dela, né? Com parceiros, partidos, outros movimentos, etc. (E10 (M)).

Sintetizando essas respostas, visualizamos que a maioria dos militantes avaliam como positivo as formações e ações educativas do Levante. Nenhum trouxe um significativo ponto negativo, embora foi pontuado alguns desafios e contradições. Foi possível notar a categoria diálogo presente através da valorização dos saberes dos militantes.

#### 4.2.3 Levante Popular da Juventude e Educação Popular

As questões seguintes relacionam-se diretamente com a educação popular. Na primeira perguntamos ao entrevistado se o Levante atua com educação popular e na seguinte foi indagado o que eles entenderiam, compreendiam por educação popular, com o intuito de identificar a definição de educação popular pelos seus membros militantes e averiguar quais as possíveis estratégias utilizadas para atuar com esse tipo de educação.

O quadro a seguir sistematiza os principais pontos trazidos por cada entrevistado sobre a relação do Levante Popular da Juventude com a educação popular:

**Quadro 07: Atuação do Levante Popular da Juventude com educação popular**

Sujeitos da pesquisa	Atuação do Levante com educação popular
----------------------	---

E1 (F)	Com certeza, porque se todos, todos formadores do Levante eles vem de uma formação de educação popular e a proposta é que seja sempre na educação popular, porque a gente acredita que educação não bancária é aquela que realmente vai abrir a consciência e vai fazer a formação crítica do sujeito.
E2 (F)	[...] então ele se torna, é um processo de educação popular porque a gente faz isso junto com o povo, com a juventude da classe trabalhadora e a gente faz de uma forma acessível e tem esse retorno também. Então, eu acredito que é, que é sim popular e que tem sido, sim, positiva.
E3 (M)	Acho que sim, com vários conceitos deste, como a amorosidade, como a consideração, né? Do da vivência que a pessoa já tem, né? Do conhecimento que a pessoa já traz. A construção deste novo conhecimento, as organizações também dos núcleos de base, das células. Elas possibilitam também uma vivência maior dentro da educação popular.
E4 (F)	Sim, eu acredito que sim, justamente por isso, a gente não tem esses modelos orgânico da educação. Eu não sou da área da educação, mas a gente tem esse modelo horizontal, né? Horizontal, não vertical. Quem tá escutando, quem tá falando tem um mesmo, a gente se sente no mesmo patamar, a gente se sente no mesmo lugar, mesmo sabendo que aquela pessoa tem uma construção maior, tem uma construção, um tempo de leitura maior, mas isso não significa que essa pessoa venha a saber mais do que a gente [...]Eu acho que essa construção ela é bem popular, a linguagem usada num é, a gente não tenta usar uma linguagem muito rebuscada porque nem todo mundo tem o mesmo acúmulo teórico, tem gente aqui que é formada, que já passou pela universidade, sabe como é a questão de artigo, mas tem gente que é da periferia que nunca teve acesso a um, um artigo científico, mas quando a gente passa essa informação pra todo mundo, todo mundo sai com a mesma, com a mesma carga, todo mundo entende a mesma coisa e sai com o mesmo conhecimento, ninguém sai sabendo mais, sabendo menos.
E5 (F)	Nos espaços teóricos da formação, a educação popular também é utilizada, colocando a construção do conhecimento e valorização dos saberes como pilar para o aprendizado conjunto, com metodologias como a divisão em grupos de leitura e debate, entre outras.
E6 (M)	Nem sempre conseguimos. As vezes por despreparo nosso, ou as vezes porque convidamos alguém externo pra facilitar algum espaço de debate. Mas há uma preocupação constante das CPPs das formações/escolas com esse elemento. Destacamos uma pessoa só para acompanhar a metodologia dos espaços. É um alerta constante, inclusive de avaliação durante as escolas, sobre se os espaços estão dialogando com as distintas experiências. Mas creio que é positiva a tentativa, sobretudo pelos processos avaliativos que os educandos, por exemplo, fazem após os espaços formativos.
E7 (M)	É um desses princípios que a gente tem que tomar pra si ao fazer trabalho de base, ao adentrar um território para fazer trabalho de base é o princípio da humildade, de reconhecer que primeiro, não sabemos de tudo e que existem saberes prévios construídos naquela comunidade, naquele território socialmente e que é preciso considerar esses saberes nesse processo de se fazer trabalho de base, ou seja, de se fazer nesse processo de educação popular, de se educar as massas aí que eu acho que tá um dos elos entre a luta popular e educação popular e a outra coisa é justamente a utilização dessa educação visando a transformação social, que eu acho que é outro elemento que, que une, que une a luta popular e a educação popular e é sobretudo por esse conjunto e outro conjunto de fatores que eu acho que é muito pertinente pra a luta popular que visa um processo de transformação social a utilização da educação popular, e aí, sobretudo no momento que a gente tá vivendo, né? De demonização do Paulo Freire. É preciso que a gente reivindique pra si Paulo Freire, não só no discurso, mas na prática a educação popular e, enfim, eu acho que a educação popular ela está sim presente nos espaços formativos, nos

	espaços de construção coletiva, dentro do Levante.
E8 (F)	E uma atuação do Levante na educação que a gente tem é o cursinho popular, né? Que é o Podemos Mais. É uma ação que o Levante constrói dentro das periferias do Brasil inteiro. É uma ação, uma ação formativa aonde os professores passam por uma formação baseado em Paulo Freire pra que a gente consiga ajudar as e os estudantes da escola pública que não tem o mesmo, o mesmo direito de quem, ou o mesmo ensinamento de quem, as mesmas oportunidades de quem tá numa escola particular com seu computador e seus milhões de livros, né? Então essa é uma ação de educação popular que o Levante faz dentro das comunidades, das periferias e é uma ação muito, muito positiva e é isso. A nossa educação popular é isso, baseada em Paulo Freire, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e é a partir desses métodos e dessas orientações que a gente organiza os nossos cursinhos populares.
E9 (F)	Acho que sim, é. É é isso que a gente acredita, né? Numa educação popular. Então se a gente acredita numa educação popular, a gente precisa praticar, e acho que dessa forma, que eu mencionei antes. Acho que de uma forma coletiva, com um acompanhamento de sempre estarmos prontos a acompanhar e a tirar uma dúvida, de certa forma. Acho que dessa forma simplificada, mais paciente, e sem, sei lá. Sem ser nestes métodos convencionais de ensino, num sei. Acho que é bastante positivo.
E10 (M)	Sim, sim, acredito que sim, a educação popular, os princípios da educação popular, né? Do saber, do entender que nós devemos dialogar com o aprendizado de acordo com a realidade de quem aprende, as obras, né? E as experiências que Paulo Freire coloca, por exemplo, né? Como grande, como grande representante dessa educação popular, elas dialogam muito com as nossas práticas. É tanto que uma prova disso são que muitos desses acúmulos e dessas, desses métodos, né? Pra essas metodologias mesmo, pra organização, pra construção de espaços e tal. Elas vem, por exemplo, dos CEPIS, né? Que é uma ferramenta muito importante, que tem ajudado bastante o levante, neste processo de formação, existe este diálogo direto e contínuo com a educação popular.

Todos os entrevistados apontaram que há relação do Levante com a educação popular. Sobre essa atuação do Levante, apenas o participante E6 (M) afirmou que nem sempre o movimento conseguia atuar, por despreparo ou por ter mediadores de fora do Levante, mas avaliou que o movimento se esforça para sempre trazer a educação popular e acha válido esse esforço. Os demais participantes falaram que sim ou com certeza o movimento atua com educação popular.

Nessas outras falas, sobre essa atuação, se sobressaiu a necessidade da formação crítica, o fato de ser popular pela atuação acontecer com a classe trabalhadora, a amorosidade do movimento e consideração pelos conhecimentos prévios dos militantes, pela relação horizontal e linguagem simples usada nos espaços formativos, a preocupação com a humildade e de ver a educação como transformação da realidade, a disponibilidade de ajudar e consideração da realidade concreta dos sujeitos envolvidos. É possível perceber no que foi citado nessa questão relação com pilares, princípios e categorias da educação popular.

Já na pergunta seguinte, sobre o que seria educação popular foi notado uma maior

ênfase na educação popular como a educação que leva em conta a realidade das educandas e educandos e como uma educação para todos, sobretudo para os jovens da classe trabalhadora, valorizando os saberes dos sujeitos envolvidos no processo do educar, por meio de uma educação horizontal de troca de conhecimentos. Denotando maior ênfase na realidade concreta, valorização dos saberes e educação do povo. Vejamos essas falas:

[...] não é que eu entenda, mas Paulo Freire foi a pessoa que trouxe a educação popular. Foi nosso maior educador. É aquela educação que consegue englobar todas as particularidades do sujeito para o aprendizado, né? Então estimular que se parta do sujeito a vontade de aprender a partir da sua realidade concreta. Então todas as experiências de alfabetização de Paulo Freire foram sempre bem-sucedidas porque ele partia do que o povo entendia, do que o povo via no seu dia a dia, isso ajudava muito no aprendizado. Toda vez que a gente tá nos espaços de formação e a gente vê, a gente escuta, dentro da nossa realidade, dentro das coisas que a gente conhece inclusive é com as palavras, e com o vocabulário do nosso entendimento é educação popular, é aquela, você num vai dizer morango pra uma pessoa que mora no nordeste, eu acho que isso tá muito presente assim na Educação Popular, no Levante, enfim, nas nossas formações (E1 (F)).

Educação popular é uma educação que a gente enxerga a realidade do povo e é capaz de, de formar ele dentro daquelas condições, então, tipo num é um processo de educação que você retira e adéqua aquela pessoa ao processo educativo. Você vai forjar um processo educativo que inclui a realidade aquele povo. Então educação popular pra mim é isso. É um processo de educação em que a gente consegue fazer com que o povo, em que o processo seja participativo para o povo, mas que se adéque aquela realidade do povo e não que o povo se adéque (E2 (F)).

Educação popular é uma metodologia, né? De educação. É, a partir de vários princípios. É, ela utiliza desta troca de conhecimento né? Ela não considera que uma pessoa vá ensinar as coisas a outra e sim que um novo conhecimento esteja surgindo né? Então ela utiliza destes princípios, como da amorosidade, da troca de conhecimento, da horizontalidade, para a partir disto, construir conhecimento (E3 (M)).

O que eu entendo por educação popular, é aquela educação que consegue atingir todo mundo. É uma educação concreta. É uma educação em que ela realmente, ela tem uma teoria, ela tem um estudo, ela tem uma base, ela tem um sentido, mas que ela consegue atingir qualquer pessoa e que ela atinge, como é que eu posso explicar? Fácil, ela é de fácil entendimento [...] (E4 (F)).

Educação popular é o processo de valorizar os saberes dos indivíduos e comunidade na qual esses indivíduos estão inseridos, na construção dos novos saberes. A própria existência do Levante é isso, o movimento respira educação popular, ao passo que vai sendo construído através do trabalho ramificado das células se comunicando com as coordenações, para debater dentro da juventude brasileira temas que relacionem nossa vida material com a política interna e externa do nosso país, utilizando elementos de agitação e propaganda

como paródias, a batucada, faixas, lambes, gritos de ordem, entre outros (E5 (F)).

O que eu entendo por Educação Popular é justamente um pouco do que eu respondi da pergunta anterior, que é um método de educação que se considera os saberes prévios do povo, né? as realidades, a diversidade de realidades existentes, né? que coloca um olhar crítico sobre esse processo da educação e que sobretudo busca compreender a realidade para transformá-la, nesse sentido pra mim a educação popular tá intimamente ligada com esse processo de transformação da realidade, de uma formação de uma educação voltada para, para a ação (E7 (M)).

Bem, eu não tenho um entendimento muito aprofundado, na questão da educação popular. Mas eu sei basicamente, assim, que é um método, não somente freireano, né? Mas assim, muita gente adota isso dentro de nossa organização. Que a partir dos conhecimentos que Paulo Freire traz, de uma educação para todos. Eu acho que é isso, num sei se tem mais outras coisas, mas eu não tenho na cabeça algo muito formulado ou bem compreendido. Eu acho que é basicamente isso. Uma educação popular é igual, de acesso para todos, de uma forma simples de uma educação. Não sei, acho que é isso (E9 (F)).

Os demais entrevistados trouxeram outras categorias e princípios. O entrevistado E6 destacou a educação popular centrada no processo de conscientização, pontuando como os anteriores o processo coletivo horizontal do aprender na educação popular:

É um processo coletivo de perceber o mundo e incidir nele. É identificar as contradições da realidade e agir conscientemente e de forma organizada sobre o mundo. É não se perceber e aprender sozinho, mas sim compreender que só em comunhão identificamos as saídas e respostas. É um processo em que todo mundo se forma, o educador, o educando e as pessoas que cumprem funções que façam os processos formativos acontecerem (E6 (M)).

Já a entrevistada 8(F) destacou a categoria da libertação e o autor Paulo Freire, mas cita um outro autor (Mészáros) que era marxista e não trabalha com a Educação Popular. Ademais, também delega a esses autores uma paternidade da educação popular, o que é um equívoco, pois não existe um pai da EP e sim vários educadores que atuavam com esse tipo de educação, entretanto é fato que por ter sistematizado a EP, Freire acaba ganhando esse título de pai, que ele mesmo nunca aceitou. E o E10(M) trouxe que a educação popular é a educação crítica, mas informa que ainda é iniciante no debate:

Então, o que é educação popular, né? Acho que a educação popular, acho que ela se reúne, se resume a uma palavra que é liberdade, libertação. Acho que eu comecei a entender a educação popular a partir de Mészáros, Paulo Freire, que são os pais da Educação, acho que eles trazem um pouco disso, de toda

essa simbologia do que é a educação e o que ela significa, não só a educação por ser educação, mas uma educação popular, onde traz os nossos símbolos, onde traz toda, toda uma mística em torno da, dos saberes, né? (E8(F)).

Eu entendo que a Educação popular, confesso que eu não li muitas obras do Freire. Eu comecei a ter mais contato com a educação popular, porque agora eu estou fazendo parte de um projeto de extensão que é no SEAMPO, que é educação popular dentro do setor de apoio aos movimentos populares, dentro do CCHLA. Mas eu entendo por educação popular, este processo de uma educação crítica. Da construção de uma educação que não seja passiva. Mas que entenda, aquele que educa, que entenda o processo de forma contínua, de troca de saberes entre quem educa e quem aprende. (E10(M)).

Diversas atuações foram e estão sendo chamadas de educação popular, trazendo formas do seu “que fazer” com características próprias de acordo com o momento histórico. Essa forma de fazer educação pautada no objetivo da emancipação humana supera a concepção de educar os pobres compreendida pelos dominantes no sentido de domesticar e se torna uma concepção política que busca está relacionada com os interesses do povo e implica o horizonte de transformação da realidade. “De qualquer maneira, entende-se o popular ou a educação popular como aquela voltada à cultura do povo que está à margem dos processos escolares e da produção, ou excluído das realizações culturais” (MELO NETO, 2015, p. 41).

A educação popular como direcionada para a classe popular foi percebida na fala dos entrevistados na pergunta sobre o que eles entendiam sobre o que educação popular, porém os participantes trouxeram falas mais focadas sobre a quem se direciona educação popular, do que o que seria a educação popular de fato.

Melo Neto (2015) dialogando sobre o que é educação popular traz a seguinte síntese nas considerações finais, aproximando-a ao compromisso com os movimentos sociais populares:

Educação popular é um sistema educativo aberto, caracterizado por um conjunto de elementos teóricos que fundamentam ações educativas, relacionados entre si, ordenados segundo princípios e experiências. Mas esse sistema forma um todo, uma unidade alicerçado por uma filosofia com uma teoria de conhecimento, metodologias da produção desse conhecimento, com conteúdos e técnicas de avaliação, sustentado por uma base política. É, portanto, um processo permanente de teorização sobre a prática que serve ao avanço histórico dos movimentos sociais, particularmente, os movimentos sociais populares. Como sistema aberto, apresenta-se, ainda, com uma característica determinante, no sentido de poder absorver novas formulações ou ratificar, corrigir ou eliminar aquelas já estabelecidas. É uma característica da educação popular advinda da diversidade do campo cultural onde se realizam as práticas educativas desse sistema. Deve estar aberta a novas formas de captação da realidade, contemplando o emotivo, o sensitivo e o físico dos indivíduos envolvidos nesse processo de educação, para além da via

intelectual, até então, considerada quase única e, ainda, à ampliação dos sujeitos sociais, ao considerar a complexidade organizativa da sociedade, trazida pelas reformas estruturais que estão se processando como resultado das novas tecnologias, sobretudo, no mundo do trabalho (MELO NETO, p. 62).

Analisando essa definição podemos entender que a educação popular apresenta uma base teórica, uma filosofia, uma metodologia, um conteúdo e técnica de avaliação e é essencialmente política. Como sistema educacional aberto não estaria voltada unicamente ao espaço informal de ensino “Como um sistema aberto, a educação popular pode efetivar-se tanto através da escola – o ambiente tradicional – quanto através da organização da educação formal ou informal” (MELO NETO, 2015, p. 49)

Como filosofia e teoria do conhecimento a educação popular busca fazer uma leitura crítica da realidade, tendo a prática como alicerce. A metodologia da educação popular com essa base filosófica e com essa teoria do conhecimento expressa-se pela categoria diálogo que permite a aproximação e crescimento mútuo entre o saber técnico científico e saber popular “uma relação com o saber popular não de forma unidirecional, vertical e autoritária, mas sim horizontal, bidirecional e participativa” (MELO NETO, 2015, p. 53). Em diversos momentos foram relatados a não verticalidade quando avaliaram os espaços de formação do Levante.

E quais seriam os conteúdos abordados na educação popular? Trazido pelos participantes o repasse dos conteúdos de forma simples e horizontal estariam centrados na compreensão da realidade, através dos estudos dos clássicos marxistas como Lênin, Rosa Luxemburgo, Marta Harnecker, Florestan Fernandes, dentre outros.

Melo Neto (2015, p. 56) destaca que “A educação popular, através desses conteúdos, faz-se útil ao estudo dos direitos básicos do povo, à negociação em igualdade de condições e, sobretudo, ao exercício para manutenção das lutas”. A metodologia dialética e a tomada de consciência dos envolvidos seriam um norte de avaliação dos conteúdos.

A educação, conforme Paulo Freire (2017), é um ato político e, por isso, não é neutro. O autor afirma que:

toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra. (FREIRE, 2017, p. 68)

Foi possível analisar que o Levante Popular da Juventude aproxima-se com a educação popular quando traz a leitura da realidade, construção de conhecimento horizontal, valorização dos saberes populares dos militantes e da participação, que foram os pontos mais enfatizados pelos militantes. Percebemos que os militantes entrevistados, embora tenham apontado essas questões, os elementos que notamos em Melo Neto (2015) tais como: filosofia e teoria do conhecimento, metodologia de produção desse conhecimento, conteúdos e técnicas de avaliação e base política não são tão conscientes para uma minoria dos militantes como presentes na educação popular e presente no movimento, embora consigam verbalizar categorias e princípios da educação popular.

### **4.3 Contribuições do Levante Popular da Juventude para os militantes e para a sociedade brasileira na atual conjuntura**

Os próximos tópicos são sobre o que os entrevistados acham que seria a maior contribuição do Levante Popular da Juventude para eles, para sociedade e como eles compreendem o Levante na atual conjuntura.

#### **4.3.1 Contribuições pessoais e para a sociedade**

A tabela a seguir destaca as categorias centrais que emergiram nas falas dos militantes com relação aos retornos pessoais do movimento social popular:

**Quadro 08: Contribuições do Levante Popular da Juventude para os militantes**

<b>ENTREVISTADA (O)</b>	<b>RETORNOS PESSOAIS</b>
E1 (F)	Se reconhecer como educador e educadora; Habilidades pessoais (autoestima); Desenvolvimento de projetos de pesquisa
E2 (F)	Rede de apoio; Companheirismo; Formação
E3 (M)	Maturidade; Acúmulo de conhecimento
E4 (F)	Formação política
E5 (F)	Ressignificação da própria existência; Compreensão das contradições das opressões
E6 (M)	Aprovação no ensino superior; Formação política;

	Realização de pesquisas; Retornos dos pais e jovens dos militantes
E7 (M)	Habilidades pessoais (Iniciativa) Acúmulo teórico
E8 (F)	Aprovação no ensino superior; Formação política
E9 (F)	Mudança na forma de viver e pensar Companheirismo
E10 (M)	Organização popular

Pelo quadro é possível perceber que 7 militantes citaram mais de um retorno pessoal em suas vidas, e os demais citaram apenas um. Apesar da variedade nas respostas, a formação política, aprovação na educação superior, companheirismo, realização de pesquisas e desenvolvimentos de habilidades pessoais foram respondidos mais de uma vez.

Em outras respostas foi destacado o reconhecimento como educador e educadora mesmo não sendo da área da docência, o Levante como rede de apoio, o desenvolvimento de maturidade nos militantes, ressignificação da própria existência e compreensão das contradições das opressões, retornos dos pais dos militantes, mudança na forma de viver e pensar e organização política.

É interessante notar que algumas contribuições pessoais vão além do sentido coletivo e objetivo da educação popular, como habilidades pessoais, maturidade, desenvolvimento de projetos de pesquisa, ressignificação da própria existência, aprovação no ensino superior, enquanto as contribuições para a sociedade como a própria transformação da realidade e tomada de consciência se aproxima mais da educação popular.

Segue abaixo as respostas dos militantes com ênfase nas categorias apresentadas:

Com certeza, até e tipo vários militantes, a partir das experiências do Levante além de criarem seus projetos de pesquisa, seu TCC's também veem outros campos de atuação que não conheciam, né? Então, até a questão de você tá num curso que você acha que não pode ser educador, educadora, você se encontra sendo educador, educadora, isso é muito maravilhoso e num é só retorno profissional, mas também acho que subjetivo, né? Você se sente bem, você cresce e é um retorno assim mais de uma pessoa diz que faz bem, não só pra saúde mental mas pra ganhar autoestima mesmo né? (E1 (F)).

Sim, tem um retorno positivo, tem um retorno positivo no sentido de eu acho que a juventude do Levante, ela se sente muito mais confortável por ela saber que tem uma rede de apoio ali, então tem uma rede de pessoas que vai tá nos processos da vida, acompanhando ela, que tem o companheirismo, então esse é um retorno positivo para a militância do Levante é o companheirismo, essa noção de companheirismo, mas pra além disso, a formação mesmo, a formação de entender a realidade brasileira, de ter a capacidade de atuar nela, além dessa atuação ser uma atuação positiva que traz um retorno não só para

o militante no sentido dele se sentir parte, se sentir construtor daquilo, mas também tem um retorno pra sociedade, né? (E2 (F)).

Demais, assim, é. A primeira coisa que as pessoas, é, ganham muita maturidade nas suas decisões né? A partir de todos os espaços, tanto das ações quanto das formações, quanto dos atos, a gente sempre sai com um acúmulo muito grande de conhecimento, seja de como se organizar melhor, de como pensar no outro também, né? De entender melhor a conjuntura, a partir de processos menores que acontecem dentro do movimento. É também, de como, várias coisas a gente aprende a partir de vivências tão simples assim, como entender a reforma agrária, por exemplo, a partir de como a gente se alimenta, também, dentro dos espaços de formação, então esses são exemplos, que acho que dá pra pensar nisso (E3 (M)).

Eu acredito que realmente esses espaços de formação, de formação política, ela tem um retorno porque a gente consegue levar isso pra outras instâncias do Levante e os militantes eles conseguem conversar o que eles aprenderam aqui para os amigos deles, que, às vezes, não tão organizados, mas eles conseguem o acesso de maneira, que os amigos deles que tem a mesma formação teórica deles consigam entender e aí a gente vai massificando a nossa ideologia, o nosso pensamento (E4 (F)).

Uma das coisas mais interessantes é como as minorias (mulheres, negros e negras, LGBTs), ao ganharem protagonismo e voz, colocam para fora seu potencial de mudar não só o mundo, mas também ressignificar a própria existência, se libertando de amarras outrora limitantes. Também aprendemos a lidar com as contradições das opressões existentes dentro da própria família, já que há uma compreensão de como essas opressões são estruturais na formação da sociedade brasileira, e algumas relações pessoais podem até mesmo ser ressignificadas nesse sentido (E5 (F)).

Sim, vários. Começando pelos aprovados nas universidades públicas e privadas a partir do cursinho Podemos Mais, só no ano de 2019, mais de 12 jovens ingressaram nas instituições de ensino. Na formação política, sem dúvidas conseguimos ver o salto de qualidade, ao perceber que os militantes utilizam-se de um leito teórico e metodológico para ler, julgar e agir no mundo. Além de desdobramentos em pesquisas de graduação, mestrado e doutorado. Mas para mim, os retornos das mães e pais desses jovens é o que mais marca. Não é atípico ouvir elogios ao Levante, seja por “botar juízo”, “mais educado e ouvinte”, estar “fazendo coisas dentro de casa, dividindo as tarefas domésticas”. Além da formação sobre o machismo, racismo e LGBTfobia permanente na organização (E6 (M)).

Eu posso falar desse retorno levando em consideração a minha própria experiência na construção cotidiana dessa organização, até hoje assim ... eu consegui desenvolver algumas habilidades pessoais que antes eu não tinha que, a priori, pode parecer banal assim, mas não é ... consegui romper com a timidez que eu tinha ... tendo que construir algumas tarefas dentro da organização que exigiam isso, consegui desenvolver uma capacidade de iniciativa, né? (E7 (M)).

Eu acho que o retorno mais positivo dos militantes que a gente vê e que a gente recebe é quando a gente sai, dá essas aulas nos cursinhos populares,

passa o Enem e a gente vê esse retorno, e tipo assim, conseguir passar em tal universidade, tirei num sei quantos pontos ou então quando os militantes, eles se doam ao ponto de passar um final de semana inteiro numa sala estudando porque é a nossa formação, né? (E8 (F)).

Mas, eu vejo a partir dos meus companheiros, e companheiras, que o Levante significativamente, e positivamente muda a forma de viver, de pensar, e de como, até mesmo em questão de saúde mental, em alcançar um objetivo, o Levante sempre tá ali ajudando, né? Nessa questão tanto do companheirismo, tanto do, é, de ser, uma nova experiência na vida das pessoas, então acho que basicamente é isso. Tipo é, num sei, acho que é uma nova experiência (E9 (F)).

Sim, sim eu percebo. Até porque este é o nosso objetivo mesmo, né? Que isto tenha retorno, por exemplo, na evolução dos processos pessoais, processos até mesmo dos processos profissionais, incluindo o pessoal e o coletivo destes militantes. Tem uma frase assim que é forte, mas que realmente faz sentido, que o levante ele salva vidas né? Ele tira muito, muita gente que poderia ter entrado por outro caminho. E aí a gente sabe que existe esta oferta, existe essa realidade na periferia, nas escolas, nas universidades, no campo. Eles podem adentrar por vários outros caminhos, e o levante oferece justamente este caminho da organização popular. E isso muda né? A vida das pessoas, muda as percepções, e as noções que as pessoas tem. Então eu acredito que sim.

É importante mencionar que de todos os entrevistados, apenas o E10(M) destacou que já seria o objetivo do Levante trazer essas contribuições para os militantes, além de pontuar a expressão que “o Levante salva vidas”.

Nesse próximo quadro temos as contribuições para a sociedade que o movimento social popular desenvolve:

#### **Quadro 09: Contribuições do Levante Popular da Juventude para a sociedade**

<b>ENTREVISTADAS (OS)</b>	<b>RETORNOS SOCIAIS</b>
E1 (F)	Transformação da realidade; Criação da consciência crítica; Esperança
E2 (F)	Transformação da sociedade
E3 (M)	Consciência dos direitos
E4 (F)	Mudar a realidade
E5 (F)	Força motriz para os direitos básicos
E6 (M)	Formação de novos quadros
E7 (M)	Luta do povo organizado
E8 (F)	Denúncia das injustiças
E9 (F)	Mudança na vida das pessoas com as ações que o Levante realiza
E10 (M)	Trabalhar com a categoria da juventude

Observando o quadro n° 09, notamos que a transformação da realidade apareceu com mais frequência, citado por quatro militantes, também destacou-se questões como transformação da sociedade, mudança na vida das pessoas pelas ações que o Levante realiza. Em segundo lugar foi destacado por dois militantes como o desenvolvimento da conscientização em prol dos direitos básicos. Outras respostas apareceram com o movimento, contribuindo para tomada de consciência, para formar novos quadros políticos, trazendo a luta do povo organizado, como um movimento que denuncia as injustiças e como uma fonte de esperança. O entrevistado E10(M) cita a contribuição do levante através do trabalho com a categoria juventude.

Em relação a Paulo Freire e educação popular podemos ver a relação com o Levante no nível coletivo através a conscientização, denúncia das injustiças e sobretudo, com a transformação da realidade que seria o propósito maior da educação popular.

Através da análise de Gohn (1997) sobre os novos movimentos sociais, que já foi abordado em outros momentos da pesquisa, percebemos que as contribuições a nível individual do Levante Popular da Juventude apresentam características dos chamados novos movimentos, tais como o debate acerca da cultura, das identidades, como gênero, etnia e juventude, por exemplo. Assim, as contribuições coletivas e objetivo maior do Levante, de desenvolver o projeto popular para o Brasil e para a transformação da sociedade capitalista, se somam aos novos movimentos, mas permanecem conectados ideologicamente aos movimentos clássicos que se fundamentam no paradigma marxista, principalmente pela presença da categoria da luta de classes e superação do Estado burguês neoliberal e ultraconservador.

#### **4.3.2 Levante Popular da Juventude na atual conjuntura**

Realizar análise de conjuntura não é simplesmente assistir os jornais e ter uma percepção sobre os fatos apresentados, é uma tarefa complexa que exige as habilidades de “perceber, compreender, descobrir, sentidos, relações, tendências a partir dos dados e das informações” (SOUZA, 1985, p. 8). É necessário saber os acontecimentos, em quais cenários eles ocorrem, quais os atores envolvidos, as relações de força presentes e a articulação entre a estrutura e conjuntura: “[...] não há análise de conjuntura neutra, desinteressada: ela pode ser objetiva mas estará sempre relacionada a uma determinada visão do sentido e rumo dos

acontecimentos” (IBIDEM).

A última pergunta da entrevista objetivou entender a percepção dos militantes sobre a conjuntura que se apresentava e qual atuação do Levante. A entrevista foi realizada com parte dos militantes em 2019, pós eleições de 2018 e vitória do presidente Jair Messias Bolsonaro, e concluída em 2020, no início da pandemia do novo coronavírus. Para entendermos as respostas dos entrevistados, e compreendendo o movimento presente dentro do Levante Popular da Juventude e da própria história, é essencial compreender esses acontecimentos, não na tentativa de realizar uma análise de conjuntura propriamente dita, mas de entender como esses fatores influenciaram as ações dos movimentos sociais, em especial, as ações do Levante Popular da Juventude.

O ano de 2018 foi decisivo para mudanças dos rumos do Brasil, após 13 anos de governos progressistas, com os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, o país presenciou um golpe promovido pelo parlamento, “em nome de Deus e da família”, o que daria ânimo as forças reacionárias presentes na extrema direita, fazendo com que Jair Messias Bolsonaro, com um projeto de governo conservador, neoliberal e reacionário, chegasse ao poder. Os movimentos sociais, organizações e partidos, nesse período, estavam articulados num campo popular “Frente Brasil Popular” para tentar barrar a chegada de Bolsonaro a presidência da república, visto seu perfil machista, homofóbico, racista, retrógrado e preconceituoso.

O que se seguiu em 2019, ao que foi chamado pelos movimentos de derrota estratégica, foi uma série de desmonte e tentativa de sucateamento do setor público e subordinação ao imperialismo norte americano. Somado a isso, em 2020 chega oficialmente no Brasil um novo tipo de coronavírus, o COVID-19, mudando não apenas a realidade nacional, mas mundial. Rapidamente a pauta da saúde se transforma numa disputa política, onde, enquanto a Organização Mundial da Saúde (OMS) indicava medidas de isolamento e distanciamento social para conter a proliferação do vírus, o presidente Jair Bolsonaro falava exatamente o contrário, sendo ácido nas críticas ao que era determinado pela OMS, como isolamento social e uso de máscaras e considerando o vírus apenas uma “gripezinha” (LOWY, 2020).

Como fora citado nas ações do Levante Popular da Juventude, muitas dessas ações são realizadas nas ruas, como atos, manifestações, agitação e propaganda. Embora não tenha sido a proposta inicial da pesquisa de entender como seria as ações de um movimento em tempos de pandemia, as respostas dos militantes trazem como eles percebiam o Levante Popular da Juventude na conjuntura antes e após a pandemia, o que levou a muitos ajustes e reformulação da prática. As falas dos entrevistados nessa pergunta, serão apresentadas de acordo com o

período de aplicação (antes e pós pandemia).

A entrevistada E1(F) afirma que o Levante tendia a crescer, visto que é uma referência de movimentos social protagonizado por jovens e também atua como um movimento conciliador:

Acho que ele só tende a crescer porque eu acho que ele dar respostas rápidas, concretas e sabe fazer uma análise muito boa da conjuntura, então assim, a gente acerta na análise, a gente também acerta na ação. Acho que o Levante tá se tornando cada vez mais uma referência pra juventude e para os outros movimentos sociais, não só de formação, mas também de princípios e valores. A gente, a gente as vezes é os conciliadores dos movimentos porque a gente traz princípios e valores que não acredita na competição, não acredita, a gente acredita na unidade, e os movimentos, inclusive os sindicais, estão aprendendo um pouquinho com a gente sobre isso, eu acho que isso é muito importante pra conjuntura atual, unidade, enfim, a solidariedade, tudo isso (E1 (F)).

A entrevistada E2(F) traz que o movimento é necessário para a sociedade, assertivo, analisa a conjuntura com qualidade e no momento está numa defesa ativa, em decorrência da vitória de Bolsonaro:

Na atual conjuntura eu acho que Levante tem sido assim, necessário e muito assertivo. Eu acho que o Levante tem conseguido analisar com muita qualidade o momento em que estamos vivendo e tem conseguido atuar dentro disso, entendeu? Então, a gente tem, a gente tá em um processo de defesa ativa em que a gente se defende dos retrocessos que estão, que estamos sofrendo nesse governo Bolsonaro, mas a gente tá tendo a capacidade de formular e atuar dentro dessa conjuntura. Então, eu acho que o Levante tá sendo realmente muito assertivo no caminho que tem trilhado nessa conjuntura (E2 (F)).

O militante E3 (M) trouxe como positivo a atuação do Levante na conjuntura, percebido através da autocrítica que realiza e em decorrência do diálogo com o povo:

O que eu acho mais interessante no levante, assim, é a possibilidade dele sempre reconsiderar o que se foi colocado, né? Então eu acho que o levante tem uma atuação muito positiva dentro da atual conjuntura, né? Porque, assim, ele consegue sempre estar fazendo uma nova, uma autocrítica, né? Avaliando sua atuação. Sempre melhorando, ele tem uma avaliação muito positiva a meu ver. Principalmente por que ele consegue dialogar com as massas. Então, se ele consegue dialogar com as comunidades, com o povão, então ele está entendendo qual é o lado certo do, pro Brasil, né? Sabendo que as vezes as massas, né? Tomam decisões que não são tão conscientes, e este é o papel do levante, né? De levar consciência para estas pessoas, do que está acontecendo

realmente, né? Para que elas possam tomar suas decisões (E3 (M)).

A militante E4(F) e o E(5) acreditam que o Levante Popular da Juventude ganhou força devido a mobilização da juventude para se organizar dentro do movimento e destacam o quantidade de jovens que estão se organizando no movimento pós eleições. O militante E6(M) também destaca o movimento como necessário para organizar a juventude:

O Levante na atual conjuntura. Eu, eu acredito que seja força, eu tenho plena certeza, que a gente ganhou uma força muito grande porque os jovens que não estavam organizados viram no Levante que a gente ficou, a gente conseguiu colocar na cabeça da juventude que coletivamente a gente constrói mais, a gente fez muitos atos que é importante e que agora nessa conjuntura, depois que Bolsonaro ganhou a gente conseguiu agregar muita gente, as células estão aumentando, né? As cidades estão aumentando, a gente tá conseguindo forjar novas referências, novas pessoas que tinha um acúmulo menor, agora a galera tá conseguindo fazer esse trabalho de base com outras pessoas e cada dia a gente constrói mais. A gente tá conseguindo realmente massificar, extensionar (palavra do entrevistado) o movimento e fortalecer essa juventude mesmo. A gente vê o potencial da juventude. A gente trabalha nesse potencial da juventude, porque a gente realmente acredita que a juventude é capaz e a gente tá conseguindo fazer isso, porque tipo, se reunir, com tantas pessoas num final de semana pra estudar, é muito, é uma, é um resultado físico, comprovado que o Levante, na atual conjuntura. Ele tá conseguindo unir as pessoas e criar coletivamente.

O Levante vem cumprindo o papel de organizar um bom número de jovens – nosso último acampamento nacional, em 2016, contou com 7 mil jovens do Brasil todo. Esses jovens voltam para seus territórios e cidades cumprindo cotidianamente a tarefa de aumentar a consciência de classe do povo brasileiro, dialogando e fazendo ações para tal, bem como participando e construindo atos e mobilizações. Nossa comunicação virtual tem avançado nesse sentido, produzindo materiais audiovisuais para circulação nas redes sociais. Em conjunto com outras organizações e movimentos, o Levante cumpre um papel fundamental na linha de frente da luta contra o neoliberalismo e desgaste dos setores conservadores no Brasil.

Elas não param de lutar! O Levante é um movimento de juventude necessário para organizar esse sujeito frente as desigualdades, exploração e opressão. A atual conjuntura de cerco e aniquilamento das organizações de esquerda, o Levante pela criatividade, pela agitação e propaganda, consegue romper algumas cercas com a esquerda que já existia, com setores médios e com as camadas populares. O fato de organizar no mesmo movimento sujeitos tão distintos, numa unidade da diversidade para construir um projeto nacional para o povo brasileiro, é de um desafio tremendo, do tamanho dos nossos sonhos! (E6 (M)).

O militante E7(M) explicou um pouco dos retrocessos proveniente, inicialmente com o presidente Michel Temer e agora com Bolsonaro. O mesmo, antes da pandemia, traz que os jovens não sairiam das ruas, enquanto não construísse o projeto popular:

A gente tá vivendo numa conjuntura bastante difícil pra classe trabalhadora e pra juventude brasileira, uma conjuntura de retrocessos, uma conjuntura em que o que está colocado pra juventude é um projeto de desmonte da educação, de desemprego, de aumento da violência, de miséria e de fome. Essa é a verdadeira face do projeto neoliberal, iniciado lá atrás no governo Temer e que se aprofunda agora no governo Bolsonaro com seu ministro da economia Paulo Guedes. Esse projeto ele não dá conta de resolver os problemas da crise brasileira pelo contrário ele aprofunda. Ele coloca o peso da crise sobre as costas do trabalhador e da trabalhadora, sobre as costas da juventude que não vai mais ter direito a se aposentar, que tá em situações de trabalhos precarizados e que há o aumento da informalidade, né? Então esse projeto ele não dá conta de resolver os problemas reais e concretos do povo, por isso é preciso fazer o enfrentamento a esse governo e pra isso é preciso que a gente seja organizado e organizada porque só de forma coletiva a gente consegue causar um real desgaste nesse governo, consegue enfrentá-lo e consegue derrubá-lo e é por isso que o Levante tá nos quatro cantos do Brasil entoando o nosso canto de resistência, certo? Sempre estivemos nas ruas e das ruas não sairemos. Estaremos ocupando cada universidade, cada escola, cada bairro pra organizar o povo rumo ao processo de emancipação, ao processo de transformação social e nesse momento o que nos cabe é fazer o enfrentamento ao governo Bolsonaro pra derrotá-lo, pra derrotar esse projeto econômico que está posto, não nos cabe esse projeto que está aí. É preciso construir um projeto alternativo a esse (E7 (M)).

As participantes E8(F) e E9(F) já trazem a atuação do Levante na conjuntura da pandemia e como estão ocorrendo essas ações:

Gente, essa atual conjuntura tá o quê? Babilônica, né? Porque daí a gente tá na disputa, não é uma disputa do dia a dia, do cotidiano, no passar na sala de aula pra fazer trabalho de base, falar de campanhas do DCE ou do CA, ou informar de um do aumento das passagens, olho no olho. A gente tá nas disputas das redes sociais. A gente tá na disputa ideológica mais que nunca porque daí de quarentena dentro de casa, na batalha de sobreviver contra esse coronavírus. A gente tá diariamente fazendo lives e trazendo o que tá acontecendo no mundo e trazendo debates pra nossa juventude, debates sobre cultura, debate sobre genocídio da juventude preta, da periferia que morre todos os dias, debate sobre o machismo que aumenta dentro de casa com as mulheres de quarentena, então são debates sobre nossa conjuntura atual e o que eu tenho a dizer que velho, o Levante é foda. Que a gente erra sim, porque o movimento é feito de pessoas, pessoas humanas então é impossível não ter erro, mas que na maioria das vezes são acertos foderosos. Então o Levante tá aí na batalha das ideias, na batalha das ideias não só com essas lives, mas também na produção de livros pela expressão popular, os nossos militantes se desafiando a escrever, se desafiando não só a escrever livros de conjuntura, de perspectivam, mas também livros de poesia. Lançamos um livro agora a pouco reunindo poesias de todos os militantes de diversos estados e é isso, essa é a nossa disputa, esse é o nosso ideal e é uma juventude que não baixa a cabeça pra ninguém, que não tem medo, que cada vez mais a universidade se pinte de povo e que a gente tome o poder e que faça esse projeto popular ir pra frente

(E8 (F)).

Bem, é muito desafiador porque estamos em um período de quarentena, de isolamento social, e somos um movimento. É, um movimento de juventude organizada, e que atuamos dentro das cidades, né? E nesse momento a gente não tá conseguindo atuar dentro da cidade, é, é muito diferente essa dinâmica, e mesmo estando em distanciamento social, o levante vem trazendo nesta atual conjuntura, juntamente com nosso campo popular, saídas, né? A partir da solidariedade. E estamos praticando solidariedade com ações, tanto com a Nós Por Nós, quanto com a Periferia Viva, e diferentes outros, é, projetos de solidariedade. Então, nessa atual conjuntura, além de estar usando a nossa comunicação, e nossa agitação e propaganda dentro da internet, né? Protestando contra o governo do Bolsonaro e todas as deficiências que esse governo acarreta e todos as injustiças, cortes as retiradas de direitos. Então a gente vem sempre protestando isso dentro das nossas redes sociais e sempre dialogando nisto. Nossas redes sociais, a partir das nossas lives. Enfim, trazem muito conhecimento para nós também, além da nossa campanha de solidariedade. E esse momento, ele é muito, é um momento muito decisivo. Uma conjuntura muito complicada para todos nós, e aí o Levante tem esse, é, essa, uma nova luta, né? Porque a gente tá no governo Bolsonaro. O Bolsonaro se mostra um governo totalmente contrário a tudo que a gente acredita, cada dia mais ele vem fazendo mais besteira e a gente não consegue ir nas ruas protestar, a gente não consegue fazer aquilo que é de direito nosso por conta do distanciamento social, da crise sanitária, como a crítica social. Então o Levante nessa atual conjuntura tá tentando forjar novos meios de luta, para que a gente continue lutando contra este governo. E que, também, contra, né? A crise sanitária, que cada vez mais consiga, porque é papel nosso diminuir também a quantidade de pessoas que estão passando fome, que estão doentes. Então a gente precisa também esse trabalho de conscientização dentro da nossa sociedade, eu acho que é basicamente isso. Nessa, nessa conjuntura atual o Levante vem se mostrando cada vez mais uma juventude mais organizada, preocupada com a nossa sociedade, com a classe trabalhadora e tentando fazer ações, para, seguindo todas as recomendações da saúde, obviamente, mas, não deixando de estar perto da classe trabalhadora, e fazendo nossa campanha de solidariedade, e nossas articulações dentro das universidades. Lutando pelos direitos também. Acho que é isso (E9 (F)).

E, por fim, o militante E10(M) fala da necessidade de lutar pela sobrevivência da juventude:

Acho que na atual conjuntura, a gente tem muitos desafios. Justamente por estes pontos que eu tinha apresentado. A gente tem uma juventude sem muita perspectiva no Brasil, e no mundo também. E se colocar como uma alternativa, pra essa juventude, é desafiador, né? Muito, não é fácil. A gente tem uma conjuntura que tanto ela exclui este jovem da participação, como mata né? O genocídio e tal sobretudo da juventude negra. E a gente tem que atuar em várias frentes para evitar né? Para tentar mudar, tentar trabalhar e incidir nessa realidade. Então assim, os desafios para esta conjuntura, eu diria que o primeiro grande desafio é sobreviver no meio deste caos. Então assim, a gente só vai conseguir realmente dar oferecer qualidade, oferecer alguma oportunidade de vida, de saída, para esta juventude, primeiro se ela estiver viva. E este projeto que está colocado aí, é que ela seja exterminada. Então

assim, acho que é um dos primeiros desafios.

Concluimos que se antes da pandemia o Levante Popular da Juventude, em 2018, estava com ênfase da organização da juventude que procurava o movimento, por meio das ações que já realizava, a pandemia possibilitou um momento de crise e adaptação a realidade que acontecia de isolamento e distanciamento social. Pelas falas, o trabalho nas redes sociais de formação, denúncia e enfrentamento do governo foram intensificadas e trabalhos de solidariedade foram e estão sendo desenvolvidos nas periferias para assistir as famílias que mais estão sentindo os efeitos da pandemia, a classe trabalhadora. Essas mudanças, que estão acontecendo nesse momento já daria um novo estudo.

## **LEVANTES FINAIS**

Buscamos analisar nesse estudo o movimento Levante Popular da Juventude e suas conexões históricas e formativas e a relação com a educação popular. Para tanto, analisamos o perfil socioeconômico dos militantes, identificamos a definição de educação popular que eles apresentam, averiguamos quais as possíveis estratégias utilizadas para atuação com a educação popular e verificamos possíveis retornos alcançados com sua práxis. A pesquisa exploratória de cunho qualitativo foi a selecionada para o alcance dos objetivos, utilizando por base epistêmica o materialismo histórico-dialético e método dialético. Para tanto a entrevista aplicada foi estruturada em três eixos principais: perfil socioeconômico, aspectos teóricos e práticos e categorias da educação popular.

No primeiro eixo sobre o perfil socioeconômico idade dos participantes variou entre 20 e 29 anos, sendo o gênero feminino prevaente. Apenas um militante era natural de João Pessoa, sendo 6 graduandos e 4 formados pela UFPB, o que pode explicar o fato de quase todos serem de outras cidades ou estados a vinda para João Pessoa com o intuito de estudar. O tempo de atuação do Levante e em outros movimentos foi marcado entre 1 ano e meio e 10 anos e todos os militantes desempenhavam uma ou mais funções ou tarefas, que é um método de ação e aglutinação de novas pessoas para o movimento.

No eixo sobre os aspectos teóricos e práticos foi possível analisar a percepção dos envolvidos sobre o surgimento do Levante a nível nacional e estadual, aproximação com o movimento, ações desenvolvidas, significados do movimento, objetivos e estratégias realizadas e avaliações a respeito das estratégias. Sobre o surgimento do Levante Popular da Juventude a nível nacional, todos sabiam como surgiu, trazendo a via camponesa como o campo popular que percebeu a necessidade de organização da juventude da cidade e todos citaram o Rio Grande do Sul como local de surgimento. Dois marcos importantes foram citados: Primeiro Acampamento Nacional e Escrachos aos torturados da ditadura. A maioria dos militantes externaram que o objetivo do surgimento era a organização da juventude, sobretudo das cidades e periferias e que embora o marco de nacionalização do movimento tenha sido em 2012, seu aparecimento de seu por volta de 2006. Essas informações foram condizentes com as cartilhas do movimento, o que mostra que a história de surgimento do movimento social popular está consolidada nos participantes.

Já o surgimento a nível estadual apresentou respostas diferentes. Nem todos os participantes souberam responder (dois deles) e apenas uma explicou detalhadamente como teria surgido. A maioria citou que o início do movimento ocorreu na UFPB proveniente de outro movimento, o Levante ou Levante e Lute, que já existia na Paraíba. Um dos militantes citou que a sistematização do surgimento no estado era uma necessidade e através das respostas é possível notar que a história do movimento em João Pessoa não está sedimentada como o surgimento nacional e, portanto, se faz necessário essa sistematização.

A aproximação com o movimento foi posta através de ações que o próprio Levante estava realizando ou outras ações que estavam ocorrendo e o Levante estava presente. Quatro dos participantes se aproximaram do movimento na conjuntura de impeachment da presidenta Dilma Rousseff e essa aproximação de novos militantes ocorre por meio do cumprimento de tarefas e acompanhamento dessas novas pessoas por militantes antigos.

Já sobre as ações do movimento foram citados alguns eixos de ação: luta/mobilização,

solidariedade e organização. Dentre desses eixos entram as ações de construção de atos, reuniões, agitação e propaganda, batucada, escrachos, realizar eventos, puxar ato, participação em centros acadêmicos, teatro do oprimido, luta por creche, ação por RU, por auxílio-moradia, passar em sala de aula, conversar com estudantes e trabalhadores, participar de conselhos de saúde, ações de cultura, profissionalização, “Podemos Mais”, “Nós Por Nós”, reuniões de célula, convite para participar do movimento e formações.

A semana *Nós Por Nós* realizada na comunidade do Timbó e “Podemos Mais” foram as mais citadas, o que reflete a participação e aproximação do Levante com a juventude periférica. No cursinho Podemos Mais foi percebido alguns elementos da educação popular, como a realidade do educando, conscientização e transformação da realidade, também foi notado a primeira categoria da educação popular: o diálogo. Além desses elementos citados, Paulo Freire traz a “dialogicidade”, nas suas palavras, como essência da educação como prática da liberdade e sistematizou na Pedagogia do Oprimido (2016) a teoria da ação dialógica, com as características de colaboração, união, organização e síntese cultural e a teoria a ação antidialógica com as características de conquista, divisão para manutenção da opressão, manipulação e invasão cultural. No movimento estudado podemos notar o esforço nas ações de fomento das ações dialógicas.

Em significados do Levante Popular da Juventude definições como vida, apoio, suporte, transformação, coletividade e sustento, estiveram presentes. Os pontos principais mais citados foram coletividade, identidade, transformação e suporte. A necessidade de superação da individualidade foi um significado recorrente. Através do exposto analisamos que coletividade e individualidade são categorias presentes dentro dos chamados Novos Movimentos Sociais, sistematizados por Gohn em diversas obras. Os NMS não são necessariamente movimentos atuais, mas o novo estaria relacionado a movimentos que deixam de lado a luta de classes e apresenta questões identitárias como centrais.

O que foi possível sintetizar é que apesar dos militantes terem trazidos a coletividade e identidade, o Levante Popular da Juventude não é um Novo Movimento Social e pode ser compreendido como um movimento social clássico, pois os participantes também apontaram o movimento como transformação, mudança e suporte para a formação política, apresentando uma base marxista, além de que a transformação da realidade é uma proposta da educação popular. Contudo, apresenta alguns traços dos NMS, visto que a América Latina sofreu influencia desses movimentos, então naturalmente, essas contradições, poderão estar presentes.

Em complemento, outro ponto que sinaliza o Levante Popular da Juventude como um

movimento marxista e não um NMS foi as repostas dos militantes para o objetivo do Levante dentro da sociedade brasileira. Todas as respostas foram bastante parecidas, centrando-se na organização da juventude para tomada de poder e construção de um projeto popular para o Brasil. Como vimos no trabalho, a construção de um projeto popular faz parte das estratégias de movimentos do campo popular e significa a transformação completa da realidade. Sobre essa transformação, Freire (2016, p. 50) aponta “Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “inversão da práxis”, se volta sobre eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens”.

Quando foi indagado sobre as estratégias de ações educativas, percebemos a preocupação dos militantes em relacionar ou tentar relacionar essas estratégias com Paulo Freire e a educação popular, talvez por já saber qual a proposta da pesquisa. Os processos de formação foram pontuados e a segunda categoria foi destacada, a práxis, ou seja, a necessidade tanto das formações quanto das ações acontecerem dentro do movimento. Freire, traz a categoria da práxis em diversas obras e em diversos movimentos da Pedagogia do Oprimido (2016) refletindo-a como ação transformadora e essencial para superação da contradição opressor-oprimido. Em continuidade as estratégias de ações educativas averiguamos as avaliações dos entrevistados sobre essas ações. As avaliações foram positivas, com destaque para serem métodos ousados, desafiadores, porém eficazes, que se apresentam entre acertos e erros, embora não foram citados quais seriam os acertos e os erros. Outra categoria se fez presente: a valorização dos saberes dos educandos, inclusive sendo um ponto que fez com que avaliassem positivamente. A práxis também foi retomada e nenhum participante avaliou negativamente.

O último eixo sobre Levante Popular da Juventude e educação popular, contribuições do movimento para os militantes, sociedade e o Levante na atual conjuntura fecharam o último bloco de perguntas que respondem aos objetivos do estudo.

Sobre Levante e educação popular, todos falaram que haveria relação e apenas um entrevistado pontuou que nem sempre o movimento consegue atuar com a perspectiva libertadora, por despreparo ou por mediadores, em processos formativos de fora do movimento, mas há esforço para aproximação e esse esforço é válido. No que diz respeito a relação entre educação popular e Levante os militantes trouxeram: necessidade da formação crítica, atuação com a classe trabalhadora, amorosidade, consideração pelos conhecimentos prévios dos militantes, relação horizontal e linguagem simples nas formações, preocupação com a humildade, educação como um dos pilares para transformação da realidade, disponibilidade em ajudar e consideração da realidade concreta. Por essas respostas podemos notar aproximações

com princípios da educação popular.

Porém, quando indagado sobre o que seria educação popular, percebemos uma ênfase na definição de educação que leva em conta a realidade das educandas e educandos, como uma educação para todos, que valoriza os saberes prévios e ocorre por meio da ação horizontal de troca de conhecimentos. Também trouxeram a conscientização, a categoria da libertação e houve um equívoco sobre Paulo Freire ser o pai da educação popular, quando na verdade, ele foi o sistematizador. Embora novamente podemos observar princípios da educação popular, as respostas estavam mais direcionadas para a quem se direciona a educação popular do que sobre o que seria educação popular em si. Em síntese, os militantes expõem princípios e categorias da educação popular, mas os elementos da educação popular descritos por Melo Neto (2015), filosofia e teoria do conhecimento, metodologias de produção do conhecimento, conteúdos e técnicas de avaliação e base política, ficam mais no nível superficial.

Por fim, sobre as contribuições e retornos do movimento para os militantes para a sociedade e o Levante na atual conjuntura podemos perceber que, nas contribuições pessoais os retornos centraram-se em formação política, aprovação no ensino superior, companheirismo, realização de pesquisas, desenvolvimentos de habilidades pessoais, reconhecimento como educadora e educador, rede de apoio, maturidade, ressignificação da própria existência, compreensão das contradições da sociedade capitalista, retorno positivo dos pais dos militantes, mudança na forma de viver e pensar e organização política. Nas contribuições para a sociedade percebemos os objetivos de transformar a realidade, tomada de consciência, formação de novos quadros políticos, denúncia das injustiças e fonte de esperança. Um dos militantes ainda pontuou o trabalho com a categoria juventude como uma das contribuições sociais.

Com relação novamente de Gohn (1997) sobre os novos movimentos sociais e movimentos clássicos, percebemos que as contribuições pessoais apresentam uma aproximação com esses movimentos, enquanto as contribuições para a sociedade aproximam-se dos movimentos clássicos com paradigma marxista, embora, novamente afirmamos que isso não faz com que o Levante Popular da Juventude seja um Novo Movimento Social, mas apresenta as influências desses movimentos na América Latina.

Para falar do Levante na atual conjuntura, precisamos falar da conjuntura que nos referimos. As entrevistas foram aplicadas no final de 2019 e começo de 2020, e, portanto, apresentam reflexos da conjuntura atual de pandemia, pois, assim como os teóricos são frutos do seu tempo, as pesquisas são frutos e reflexos dos seus tempos e respeitam ou devem respeitar o movimento da história. Os movimentos sociais acompanham esse movimento e modificam-

se com o devir.

As respostas, antes da pandemia, destacaram uma tendência de crescimento do movimento, defesa ativa por conta da derrota nas eleições presidenciais de 2018, momento de autocrítica sobre a necessidade de reaproximação com o povo e acúmulo de forças, onde muitos jovens estavam se organizando e ainda um dos militantes destacou que os jovens não sairiam das ruas, enquanto não fosse construído o projeto popular. Mas, como continuar nas ruas no meio de uma pandemia, quando ficar nas ruas não era possível?

As respostas, após a chegada da pandemia, apresentaram que estavam sendo intensificado um novo tipo de batalha das ideias, agora concentrada nas redes sociais. Foi destacado que era um momento desafiador, justamente pelo atuação do Levante ser nas ruas, nas cidades, nos bairros, no entanto, saídas estavam sendo procuradas e colocadas em prática, dentre elas a intensificação da militância virtual e campanhas de solidariedade como novos meios de lutar, principalmente, pela sobrevivência da juventude. O que podemos perceber com isso é que os movimentos estão intrinsicamente ligados com a história e suas estratégias relacionam-se com esses movimentos.

Por fim, é importante destacar que esse ano tem marcado novidades em relação a educação popular, Paulo Freire e Levante Popular da Juventude que merecem destaque, como é o caso da Escola Nacional de Formação Paulo Freire que poderá trazer um impacto para a relação entre Levante e educação popular. As imagens a seguir, retiradas da página do instagram mostram a descrição sobre o que é a escola de formação:

### **Imagem nº 11**



Fonte: <http://www.instagram.com/p/B-KyZdXp-vr/?igshid=1m7c1a2qef1w1>

Imagem nº 12

**escola.paulofreire** A Escola Nacional Paulo Freire é um espaço de formação política, técnica e cultural, voltada para a juventude e os movimentos populares urbanos. Localizada na cidade de São Paulo, é protagonizada pelo Levante Popular da Juventude e promove cursos de formação sobre a realidade brasileira, educação e juventude. Também constrói a rede de cursinhos populares pré-enem Podemos + e realiza atividades culturais como oficinas.

Inspirados pela pedagogia Freiriana e sob o compromisso de construir um Projeto Popular para o Brasil, nos engajamos a “ler o mundo”, como diria Paulo Freire. Essa leitura se fará com livros, mas também com experiências em oficinas, no exercício da organização coletiva, no trabalho necessário, na cultura e na mística.

A construção da Escola contará com muitas mãos, de cada canto do Brasil, que socializando os desafios da organização, formação e luta do Povo Brasileiro dará a devida dimensão do desafio de construção de uma escola de formação voltada para a transformação da realidade!

**Fonte:** <http://www.instagram.com/p/B-KyZdXp-vr/?igshid=1m7c1a2qef1w1>

Mediante os resultados apresentados, chegamos a conclusão de que o Levante Popular da Juventude apresenta princípios e categorias da educação popular (diálogo, práxis, valorização dos saberes, libertação), não apenas nas respostas sobre essa relação, mas nas próprias ações do movimento é possível observar, embora os elementos constitutivos da educação popular, não tenham sido aprofundadas. Em alguns momentos houveram aproximações pontuais com os chamados novos movimentos sociais, embora isso não distancia o Levante de ser um movimento clássico de base marxista, mas reflete as influências sofridas pela América Latina. O Levante está em mudança, transformações e adaptações, e percebemos que existe um esforço para que estas mudanças estejam fincadas na educação popular.

Finalizaremos trazendo alguns questionamentos levantadas por Calado (2020) em seu recém lançado livro sobre educação popular, na qual tem um capítulo sobre movimentos sociais publicado originalmente em 2013. Nesse capítulo o autor traz que os movimentos, tanto do campo quanto da cidade, tem se esforçado para realizar os encaminhamentos de como resolver os desafios que se apresentam nacionalmente e cita três acontecimentos relevantes para esses encaminhamentos: o Encontro Nacional Unitário dos Trabalhadores e Trabalhadoras e dos

Povos do Campo, das Águas e das florestas, realizado em 2012; os Encaminhamentos retirados da Plenária Nacional dos Movimentos Sociais Brasileiros, ocorrendo também em 2013 em São Paulo e o Encontro da 5ª Semana Social do Regional Nordeste III, também realizado em 2013.

Nesse evento dos Encaminhamentos dos Movimentos Sociais, o Levante Popular da Juventude estava presente e tiraram como objetivos centrais “promover campanhas de mobilização de massa, visando a superar o modelo neodesenvolvimentista, resistir ao avanço da direita, fortalecer a mídia alternativa, acumular força para ulteriores enfrentamentos pelo Projeto Popular” (CALADO, 2020, p. 168). O que podemos perceber é que houve resistência e luta contra o que se apresenta atualmente no Brasil, porém não foram suficientes para conter os avanços da direita e, portanto, esses objetivos continuam necessários, acrescidos da luta pelos retrocessos que já tivemos, em todos os setores.

Calado (2020) nos questionamentos traz a satisfação pela retomada das lutas sociais, devido o foco na unidade desses movimentos e destaca o desafio dessa unidade em decorrência da heterogeneidade das forças que constroem a luta e traz provocações sobre, a parceria dos movimentos com o Estado e o aparente abandono pela construção de uma nova sociedade.

O que presenciamos de 2013 até o presente momento é a reorganização dos movimentos sociais populares ficando os pés na luta pelo projeto popular, a autocrítica de voltar a atuar junto com o povo, retomando o trabalho de base e inúmeras tentativas de unidade, principalmente do campo popular. Apesar desses avanços e de tantos outros não citados, os desafios são ainda maiores, visto que, se naquela época era enfrentado tentativas da direita e extrema direita chegar ao poder, atualmente esse poder é ocupado por aqueles que objetivam intensificar as desigualdades sociais e levar ao extremo a precarização total da força do trabalho, por meio da desumanização dos sujeitos. A educação popular em relação com os movimentos sociais, se faz, mais do que nunca, como um dos meios de enfrentamento desses retrocessos, o que nos faz entender de onde vem o medo e o desesperado do atual presidente, Jair Bolsonaro, sobre Paulo Freire e tudo que ele representa. Porém, Paulo Freire vive e continua impulsionando os movimentos sociais para organização da classe trabalhadora conscientizada.

## REFERÊNCIAS

ALGEBAILLE, Eveline. Escola Sem Partido: O que é, como age, para que serve. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org). **Escola "Sem" Partido**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

ARROYO, Miguel. G. Os movimentos sociais e a construção de outros currículos. **Revista**

**Educar em Revista**, v. 1, n. 55, p. 47-68, 2015.

ARROYO, Miguel. G. A contribuição do pensamento de Paulo Freire para a construção do projeto popular para o Brasil. Disponível em: <http://recid.redelivre.org.br/2011/10/27/contribuicao-pensamento-paulo-freire-construcao-projeto-popular-brasil/> . Acesso em: 28 de Ago, 2019.

ARROYO, Miguel. G. Pedagogias em movimento: o que temos a aprender dos Movimentos Sociais. **Currículo Sem Fronteiras**, v. 3, n. 1, 2003.

BAPTISTA; Maria das Graças; PALHANO, Tânia Rodrigues. **Pragmatismo e Marxismo: o trabalho como princípio educativo**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Persona, 1977.

BORDIGNON, Nelson Antonio. El desarrollo psicosocial de eric Erikson: el diagrama eoigenético del adulto. **Revista Lasallista de Investigación**, vol. 2, n. 2, 2005, p. 50-63

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Estatuto da Juventude: atos internacionais e normas correlatadas**. Brasília: Senado Federal, 2013.

BRITO, Ana Paula. **Escracho aos Torturadores da Ditadura**. Expressão popular, 2017.

CALADO, Alder Júlio Ferreira. Movimentos sociais e organizações de base na sociedade brasileira debatem desafios e esboçam resistência: notas com propósitos de problematizações. In.: CALADO, Alder Júlio Ferreira. **Educação Popular**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

CALDAS, Andrea; ARAÚJO, Luiz. Na educação, avanços e limites. In: MARINGONNI; Gilberto; MEDEIROS, Juliano. **Cinco mil dias: O Brasil na era lulismo**. 1. ed. São Paulo: Boitempo/ Fundação Lauro Campos, 2017.

CARRILLO, Alfonso Torres. **Educación popular: trayectoria y actualidad**. UBV: Dirección General de Producción y Recreación de Saberes, 2011.

CARRILLO, Alfonso Torres. A educação popular como prática política e pedagógica emancipadora. In.: **Educação Popular: Lugares de Resistência e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2013.

COSTA, Beatriz. **Para analisar uma prática de educação popular**. Petrópolis: Vozes, 1987.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERNANDES, Florestan. **Capitalismo dependente e classes sociais na América latina**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

FOSCHIERA, Atamis Antonio. Para além dos partidos políticos: A consulta popular. **Revista**

**Pegada.** Vol. 16, n. 1, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 40ª ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 55ª. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 62ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança.** 22ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular.** 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Educação Popular e Movimentos Sociais. In.: **Educação Popular: Lugares de Resistência e Criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2013.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação.** v. 16. N. 47, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONG's e terceiro setor. **Revista Mediações.** v. 5. N.1, 2000.

KOSIK, Karel. **Dialética do Concreto.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEMUS, Roberto Brito. Hacia una sociologia de la juventud: algunos elementos para la desconstrucción de un nuevo paradigma de la juventud. **Revista de Estudios sobre Juventude JOVENes,** Cuarta Época, 1 ed, n 1, México, 1996.

LÉNINE, Vladimir Litch. As tarefas da Juventude Revolucionária. In: **Obras escolhidas em seis tomos.** Lisboa: Progresso - Avante, 1984.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. Cadernos de textos: caráter, método e organicidade. Belo Horizonte, 2013. Cartilha, 2018

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. Podemos mais: rede de cursinhos populares.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. História do Levante, São Paulo, 2014.

LOWY, Michael. “Gripezinha” O neofascista Bolsonaro diante da pandemia. In: TOSTES, Anjuli; FILHO, Hugo Melo (Orgs). **Quarentena:** reflexões sobre a pandemia e depois. Bauru: Canal 6, 2020.

MARTIN-BARÓ, Ignácio. **Acción e ideologia: Psicología Social desde Centroamérica**. San Salvador: UCA Editores, 1985

MEJÍA, Marco Raúl. **Educação e pedagogias críticas a partir do Sul: Cartografias da Educação Popular**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

MENEGOZZO, Carlos Henrique. Políticas Públicas de Juventude – Breve histórico e balanço político. In: MARINGONNI; Gilberto; MEDEIROS, Juliano. **Cinco mil dias: O Brasil na era lulismo**. 1. ed. São Paulo: Boitempo/ Fundação Lauro Campos, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao método de Marx**. São Paulo: expressão popular, 2011.

OLIVEIRA, Ailza de Freitas; MACHADO, Aline Maria Batista. Educação popular em tempos de golpe: reflexões educacionais. In: CANANÉA, Fernando Abath (Org). **Educação: território do sensível**. João Pessoa: IMPRELL, 2018.

PROJETO BRASIL POPULAR. **Caderno de debates 4**. São Paulo, 2019.

PROPOSTA DE PLANO DE GOVERNO, 2018. Disponível em: [http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta\\_1534284632231.pdf](http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf) . Acesso em: 24 Ago, 2019.

RANIERI, Jesus. **Trabalho e dialética: Hegel, Marx e a teoria social do devir**. São Paulo: Boitempo, 2011.

RABAT, Márcio Nuno. **A participação da juventude em movimentos sociais no Brasil**. Consultoria Legislativa, 2002.

RIBEIRO, Leandro Nieves. Os territórios, a via campesina no Brasil, e o conceito de movimento socioterritorial. **Boletim DALUTA**, 2015.

RICHARDSON, Jarry Roberto. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ROHR, Ferdinand. Reflexões em torno de um possível objeto epistêmico da educação. **Revista Pró-posições**, V. 18, n. 1, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2008.

SILVA, Michel Goulart da. Juventude, marxismo e revolução. **Revista Mosaico Social**, Florianópolis, n.4, v. 1. 2008.

SOUZA, Herbert José de. **Como se faz análise de conjuntura**. Petrópolis: Vozes, 1985

STRECK, Danilo R. Territórios de resistência e criatividade: reflexões sobre os lugares da educação popular. In: **Educação Popular: Lugares de Resistência e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2013..

TSÉ-TUNG, Mao. **O livro vermelho**. São Paulo: Martin Claret, 2002

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **A filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Educação Popular: metamorfoses e veredas**. São Paulo: Cortez, 2010.

WERTHEIN, Jorge. **Educação de adultos na América Latina**. Campinas: Papyrus, 1985.

<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12612-13-abril-2012-612708-publicacaooriginal-135760-pl.html>

## APÊNDICES

### APÊNDICE A -ENTREVISTA

#### ROTEIRO DE PERGUNTAS - ENTREVISTA

Nº da entrevista: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

#### **Eixo 1 - Perfil socioeconômico da(o) entrevistada(o):**

Idade: \_\_\_\_\_

Gênero: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Cidade onde atua: \_\_\_\_\_

Tempo na militância política: \_\_\_\_\_

Tempo que está no levante: \_\_\_\_\_

Atividade que desenvolve no movimento: \_\_\_\_\_

### **Eixo 2 – Aspectos teórico e prático do Levante**

- 1- Você sabe dizer como surgiu o Levante Popular da Juventude no Brasil?
- 2- E como surgiu na Paraíba?
- 3- Como você conheceu e se aproximou do Levante Popular da Juventude?
- 4- Fale um pouco das ações desse movimento.
- 5- O que o Levante Popular da Juventude significa pra você?
- 6- Qual o maior objetivo do LPJ dentro da sociedade brasileira?

### **Eixo 3 – Sobre Educação popular e Levante**

- 7- Quais as principais estratégias de ação educativa do movimento?
- 8- Como você avalia os processos de formação ou capacitação do Levante?
- 9- Você acha que ele atua com educação popular? Em caso positivo, como?
- 10- O que você entende por Educação Popular?
- 11- Você percebe retornos para os militantes das atuações do Levante? Em caso positivo, quais?
- 11- Na sua visão, qual a maior contribuição de movimentos sociais como este que você atua?
- 12- E o Levante na atual conjuntura? O que você tem a dizer sobre isso?